

KELLY VIVIANE BERNARDO

ESTRUTURAS SERIALIZADAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL:
A GRAMATICALIZAÇÃO DE *VIR* E *VIRAR* E SUA
IDENTIFICAÇÃO COMO VERBO SERIAL.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo,
como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em
Filologia e Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes

Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP/ SP
2008
Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Célia Pereira Lima-Hernandes – *orientadora*
USP

Profa. Dra. Angela Cecília de S. Rodrigues
USP

Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão
UFG

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida.
USP (Membro Suplente)

Prof. Dr. Sebastião Carlos Gonçalves
IBILCE-UNESP (Membro suplente)

Seja lá como for
Vai ter fim
A infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor brotar
Do impossível chão.
(Chico Buarque)

Ao meu tio Waldomiro *em memória*, com carinho.

Agradecimentos

À minha orientadora Maria Célia Lima-Hernandes, que me ensinou a dar os primeiros passos no caminho da pesquisa científica, pelos “puxões de orelha” e paciência durante todo o período de nossa convivência e, principalmente, por partilhar com generosidade sua sabedoria e virtude suprema.

Às professoras Angela Cecília de S. Rodrigues e Vânia Cristina Casseb-Galvão pela leitura, comentários e sugestões apresentados no exame de qualificação.

À Lídia Spaziani, pela amizade, compreensão e apoio constante.

Ao Marcelo Mikio Hanashiro, pelo incentivo e atenção durante toda a minha jornada na vida acadêmica.

Aos meus pais, Benedito e Nilda, às minhas irmãs, Alessandra e Tatiana, ao meu cunhado Wagner e aos meus sobrinhos, Marcelo e Guilherme, por todo amor, palavras de conforto e confiança que renderam ganhos significativos não só à minha pesquisa, mas também à minha vida.

À Pietra, pelo companheirismo e alegria sempre!

Aos meus amigos Michel Scipriano, Daniela Freitas, Geisa Luciana, Cátia Farsura, Mônica Carnavaro, pelo carinho e momentos de descontração.

Aos meus amigos orientandos Paulo, Elisângela, Renata, Cristina, Elaine, Luciana e a todos aqueles que entraram na minha vida e me inspiraram, comoveram e iluminaram com a sua presença, o meu agradecimento.

RESUMO

No presente trabalho, analiso o comportamento funcional dos verbos *vir* e *virar*, no português brasileiro contemporâneo, desde a sua atuação em estruturas simples à formação de estruturas complexas.

Desenvolvida sob o paradigma do funcionalismo lingüístico, esta dissertação baseia-se em dados de língua falada, coletados a partir do banco de dados do projeto PEUL e NURC. A fim de sustentar a hipótese que permeia o objetivo deste trabalho, também foram coletados dados de língua escrita e falada através do mecanismo de busca Google e, também, do corpusdoportugues.org.

A partir da amostra constituída, verifico a possibilidade de derivação de um uso a outro, os quais são organizados em padrões funcionais. Desta forma, são demonstrados casos em que, à medida que novas estruturas são colocadas em uso, os verbos, em análise, apresentam, gradativamente, um desgaste semântico, seguindo, assim, uma linha unidirecional de desenvolvimento.

Em oposição aos estudos de gramaticalização que, segundo os autores, visam a um percurso unilinear quanto ao desenvolvimento de um léxico em que podemos reconhecer pontos e estabelecer derivações entre esses pontos, testo a validade da teoria multissistêmica, que nega o processo de derivação.

As discussões tecidas culminam com a formulação de questionamento relativo à direção de mudança assumida pelos itens: *vir* e *virar* percorreriam um caminho unidirecional ou multidirecional de desenvolvimento? Apresento, então, evidências de que ao mesmo tempo em que há a derivação, apresentando, assim, um desgaste gradativo de desenvolvimento, há também a simultaneidade de processos.

Ainda, com base nos dados expostos, observo o uso de uma estrutura que permanece fora do âmbito da literatura lingüística. Trata-se das estruturas que apresentam seqüências verbais, aqui rotuladas de serialização verbal, em que o verbo que ocupa a primeira posição da sentença apresenta-se quase ou totalmente dessemantizado, podendo assumir uma categorização sintática de VERBOS QUASE-SERIAIS ou de VERBOS SERIAIS.

PALAVRAS-CHAVE: verbos; serialização; funcionalismo; gramaticalização; verbo serial.

ABSTRACT

In the present work, I analyze the functional behavior of the verbs *to come* (VIR) and *to turn* (VIRAR), in the contemporary Brazilian Portuguese, from their performance in simple structures to the formation of complex structures.

This dissertation is developed under the paradigm of the linguistic functionalism and it is based on data from spoken language, these were collected from the data base of PEUL and NURC projects. In order to support the hypothesis that permeates the aim of this work, there had been also collected from the written and spoken language through the mechanism of Google search and, also, corpusdoportugues.org.

I verify the possibility of derivation between one use or another when facing the collected samples, which are organized in functional standards. In such a way, cases are demonstrated where to the measure that new structures are placed in use, the analyzed verbs present semantic erosion in a gradual way, thus following a unidirectional line of development.

In opposition to the grammaticalization studies that, according to authors, they aim a unidirectional route about the development of a lexicon, that is a representation through a line, in which we can recognize points and establish derivations among these points, I test the validity of the multissistemic theory when denying the derivation process.

The studies point to an unknown/incognito formation presents among the investigated theories in this work: would 'to come' (VIR) and 'to turn' (VIRAR) go through a unidirectional or multidirectional way of development?

In accordance with the achieved occurrences/tokens, I notice that at the same time where it has the hypothesis of that a use has derived from another one, presenting, then, a development gradual erosion, there also.

Still, based on the displayed data, I observe the use of a structure that remains outside of the scope of linguistic literature. These structures are formed from a minimum sequence of V1 and V2, in which V1 corresponds to one of the verbs *to come* (VIR) and *to turn* (VIRAR) and V2 is relatively free. In this work, these types of constructions are dealt with as a verbal case of

serialization, and V1 is presented almost or total desemantized, which assumes a syntactic categorization of ALMOST-SERIALS VERBS or SERIAL VERBS.

KEY WORDS: verbs; serialization; functionalism; grammaticalization; serial verb.

Sumário

Introdução	9
Capítulo I – Fundamentação Teórica	
1. Gramaticalização como processo de mudança lingüística	11
2. Mensuração da gramaticalização	19
2.1 Proposta de Hopper sobre os estágios de gramaticalização	21
2.2 Propostas de Heine sobre estágios de gramaticalização de verbos	23
Capítulo II - Objeto de Investigação: Gramaticalização de Verbos	
1. Padrões funcionais dos verbos vir e virar	26
1.1 Deslizamentos funcionais de Vir	26
1.2 Deslizamentos funcionais de Virar	37
2. Estágios de Gramaticalização de Hopper	
2.1 Estágio da Estratificação	41
2.2. Estágio de Especialização	42
2.3. Estágio da Persistência	43
2.4. Estágio da Divergência	44
2.5. Estágio da Decategorização	44
3. Estágios de Gramaticalização de Heine	45
4. Análise Multissistêmica de Castilho	
4.1. Lexicalização de Vir e Virar	49
4.2 Semanticização	49
4.3 Discursivização	52
4.4 Gramaticalização dos verbos Vir e Virar	52
4.4.1 Sintaticização de Vir	52
4.4.2 Sintaticização de Virar	57

Capítulo III – Problematização: Serialização e Seriais

1. Estatuto, critérios, motivações e tipologia de verbos seriais	61
2. Critérios de identificação dos verbos seriais	64
3. Motivação para o uso de verbos seriais	67
4. Tipos de Estruturas com verbos seriais	69
5. Serialização, Locução e Perífrase no Português	76

Capítulo IV - Estudo de Caso: Serialização de Vir e Virar no Português do Brasil

1. Estruturas serializadas em pesquisas lingüísticas contemporâneas	80
2. Verbos seriais no português do Brasil	88
3. Identificação dos verbos Vir e Virar na Língua Portuguesa	106
Considerações Finais	110
Bibliografia	113

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar as construções serializadas no Português do Brasil, focalizando os usos com os verbos *vir* e *virar*. Para tanto, procedo a uma análise descritiva funcional desses verbos em estruturas simples, cuja finalidade caracteriza-se em identificar a partir dos dados coletados, o processo desencadeador do surgimento de estruturas serializadas na língua.

Baseada em tais processos, centralizo o estudo aos tipos de construções serializadas no Português do Brasil sob a perspectiva da teoria da gramaticalização em dois modelos distintos: um clássico que visa à identificação dos padrões funcionais e do movimento sincrônico da estrutura e outro, numa abordagem da Teoria Multissistêmica (TM daqui em diante), através da qual organizarei os dados de modo a refletir a complexidade cognitiva diante da estrutura sintática do Português.

Sendo assim, exponho uma descrição funcionalista das ocorrências identificadas, suas propriedades e características peculiares que permitem uma organização em padrões funcionais e, posteriormente, à identificação da atuação de princípios cognitivos importantes para explicar a variação lingüística, quais sejam ativação, reativação e desativação.

Para o estudo da movimentação dessa estrutura serializada, objeto desta dissertação, o *corpus* analisado foi composto a partir de amostras do português contemporâneo de duas regiões: São

Paulo, por meio de amostras do português culto de São Paulo (NURC-SP – Projeto Norma Urbana Culta), e Rio de Janeiro por meio de amostras do português carioca (PEUL -Projeto de Estudos Lingüísticos); e em levantamento de dados identificados aleatoriamente por meio do mecanismo de busca do Google.

A dissertação final que relatará o experimento e os resultados alcançados será apresentada no seguinte formato.

No capítulo I, apresento um quadro teórico sobre os estudos de gramaticalização. No capítulo II, a gramaticalização dos verbos vir e virar, tendo em vista suas propriedades morfossintáticas e pragmáticas aplicadas aos estágios de gramaticalização propostos por Heine (2003), Hopper (1991) e a análise multissistêmica de Castilho (2003). No capítulo III, tendo em vista alguns padrões que se constituem pela formação de estruturas complexas com os verbos em análise, discuto a aparente contradição quanto a definição de Verbos Seriais dada por autores diversos em línguas estrangeiras e, em seqüência, analiso o estatuto de locuções verbais, perífrases verbais nas gramáticas normativas da língua portuguesa. No capítulo IV, apresento os tipos de construções serializadas no Português do Brasil, dando enfoque a um tipo de serialização que se difere das demais, as construções com verbos seriais.

Capítulo I - Fundamentação Teórica

Neste capítulo, apresento fundamentos teóricos ligados à Gramaticalização enquanto processo de mudança lingüística. Discuto a pertinência de se aventarem estágios de gramaticalização para verbos, mobilizo argumentos de autores que propuseram métodos e princípios para constatar a ocorrência do processo e, depois, apresento alguns critérios defendidos como suficientes para medir o grau de gramaticalização de itens verbais, aliciados pelo processo de gramaticalização com vistas à implementação de funções mais gramaticais. Demonstro, ao final, que a recategorização de verbos pode exigir uma reanálise de outras estruturas implicadas por essa mudança.

1. Gramaticalização como processo de mudança lingüística

Os estudos sobre gramaticalização têm aberto caminhos para a compreensão dos processos que envolvem a mudança lingüística. Por meio de pressupostos teóricos dessa teoria, numa abordagem funcionalista, a língua é vista como uma forma dinâmica que se efetiva na interação, no uso. No entanto, diferentes perspectivas conceptuais de gramaticalização foram adotadas no transcorrer do tempo antes de se chegar a compreendê-la como um processo de mudança em curso.

Até 1970, a gramaticalização foi concebida como um processo instaurado entre o léxico e a gramática, através do qual se verificou que o léxico apresentava um deslizamento funcional, adquirindo, como efeito, funções mais gramaticais. Nesse período de análises lingüísticas, ignorava-se a intervenção discursivo-pragmática no desenvolvimento gramatical do léxico.

Já na década de 70, os estudos lingüísticos começam timidamente a apontar para o fato de que a língua sofria interferência do aspecto discurso-pragmático no processo de gramaticalização. A partir de então, unidades maiores começaram a ser estudadas. O item-fonte, então, pode ser uma

palavra ou uma seqüência maior encadeada numa situação comunicativa. Em conseqüência, essa nova linha focaliza a gramaticalização não apenas como uma reanálise que parte do material léxico para o material gramatical, mas especialmente como uma reanálise dos moldes do discurso para os moldes sintático-gramaticais.

Conforme argumentam G. Sankoff e C. Brown (1985, *apud* HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER, 1991:5), a estrutura sintática é vista como um componente derivado de uma estrutura do discurso. Essa mesma linha de raciocínio segue Givón (1979), que organiza as idéias de G. Sankoff em forma de ciclos de fluxo diacrônico envolvendo as várias esferas lingüísticas: Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero. Com esse *continuum*, pretende revelar um movimento que parte da língua falada e alcança gradualmente relevância morfológica, que, combinada a alterações fônicas, pode culminar com a elisão de elementos.

Mais tarde, J. Dubois (1985, *apud* HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER 1991: 13) observa que padrões recorrentes no discurso exercem pressões sobre tipos lingüísticos. Nesse artigo, enfatizou a freqüência do discurso como pressão que faria emergirem novos padrões gramaticais. Assim, muitos estudiosos passaram a lidar com a quantificação de dados a fim de explicar os fatores como saliência perceptual¹, conteúdo semântico que envolvia a mudança lingüística.

Com o volume de trabalhos realizados num método quantitativo, pôde-se ratificar que alguns fenômenos estariam fortemente correlacionados ao processo de gramaticalização, dentre os quais cito: regularização, fixação e freqüência. A idéia mais recorrentemente apresentada como conclusiva nos trabalhos era a de que quanto mais freqüente a forma, mais gramaticalizada tenderia a ser. A freqüência textual de um item seria, assim, evidência empírica do seu grau de gramaticalização.

Analisando sob o ponto de vista da atuação da freqüência, pode-se pensar que, de fato, a rotinização se manifestaria nas estruturas da língua. Se isso for verdade, então quando uma construção deixa de ser um meio inovador de reforçar um aspecto do discurso e se transforma em

¹ A abordagem da Saliência perceptual foi desenvolvida por Slobin nos anos 70 e retomada por Anderson em 1984 e 1990. Segundo Slobin, o ser humano é programado para perceber e organizar informação de determinadas maneiras. É a saliência perceptual que controla o processo de aprendizado, e não um módulo inato específico para o aprendizado da língua.

uma estratégia comum e previsível, sua frequência aumentaria indicando que passou a ser considerada pela comunidade lingüística como gramatical². A ampliação frequencial, contudo, deve ser controlada com base em *tokens* e *types*.

Mais recentemente, nova linha de pesquisa foi agregada aos estudos sobre gramaticalização: a cognição, desenvolvida, principalmente, por E. Sweetser (1988), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), S. Svorou (1993), Bybee e W. Pagliuca (1991), Traugott (1991), Lakoff e M. Johnson (1980) dentre outros estudos). Nessa perspectiva, a gramaticalização é vista como um fenômeno externo à estrutura da língua e pertencente ao domínio cognitivo. Esses lingüistas enfatizam que a gramaticalização é proveniente de alterações semânticas.

Um exemplo dessa ênfase vem do trabalho de J. Bybee e W. Pagliuca (*apud* HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER, 1991), que argumentam que do sentido lexical desenvolve-se o sentido gramatical, através de um processo de generalização ou enfraquecimento semântico, e um dos mecanismos é a extensão metafórica. Aqui, como em muitos trabalhos sobre gramaticalização, as premissas são válidas somente se se tomar em conta que um aparato cognitivo atua fortemente na mudança lingüística.

Para E. Sweetser (1988, *apud* HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER, 1991), no processo da gramaticalização, há um desenvolvimento em direção à abstratização de certos aspectos do significado. A autora procura mostrar que em tal processo há perdas e ganhos do conteúdo semântico, instanciadas simultaneamente numa mesma estrutura. Essa afirmação foi primitivamente expressa por Sweetser como um caso de perdas. Isso gerou um grande debate e algumas das vozes que se levantaram contra essa conclusão foram as de Traugott e König (1991).

Esses autores não aceitaram a hipótese do esvaziamento semântico por acreditarem que certas expressões ou termos ganham substancialmente informações por meio de processos de metáfora, metonímia, extensão etc. A esse respeito é esclarecedor o trabalho de G. Lakoff e M. Johnson (1980), em que se admite que a maioria do sistema conceitual do homem é estruturada

² Hopper (1991) aponta contra-argumento com relação ao ato de considerar as realizações como regras fixas.

metaforicamente, assinalando que os primeiros conceitos a serem compreendidos são os espaciais, derivados da experiência.

Essa é, no entanto, uma das perspectivas teóricas: a teoria localista, que considera que, num primeiro passo para a metáfora, os falantes partem de conceitos espaciais, ampliando-se para conceitos temporais e para outros mais abstratos, como acontece com o verbo *VIR*, que, como verbo pleno, exprime conceitos espaciais “veio do Norte” e passa a exercer funções temporais “vim de manhã”. Novamente está presente aqui a idéia de categorização cognitiva como subjacente aos movimentos lingüísticos.

De modo similar apresentam-se os argumentos de B. Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), ao defenderem o processo de gramaticalização como favorecedor da expressão de uma idéia em lugar de outra. Esse processo pode ser descrito por meio de um *continuum* unidirecional seqüenciado por categorias cognitivas: pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade.

Essa organização unidirecional toca em pelo menos dois pontos de suma importância para a gramaticalização: a direção da mudança e os mecanismos que atuam nessa mudança. Por enquanto, detenho-me na discussão dos mecanismos dessa mudança. Eles tanto podem se revelar como uma aproximação metafórica decorrente das experiências vivenciadas pelo indivíduo na situação comunicativa, quanto pode se revelar numa aproximação sintática que se tenha rotinizado nas interações vivenciadas. Em ambos os mecanismos, nota-se a passagem de itens ou expressões com significados [+concretos] para codificar significados [+ abstratos] e gramaticais.

Também, Lakoff e Johnson (1980) argumentam que a metonímia tem função referencial que permite usar uma entidade em substituição à outra. Também funciona como um mecanismo de entendimento, isto é, aponta mais especificamente aspectos do que está sendo referido. Tais características demonstram que os conceitos metonímicos não são arbitrários, são sistematizados, fazem parte de pensamentos, ações e fala, e podem ser exemplificados, principalmente, através de relações de substituição “da parte pelo todo”, “do produtor pelo produto”, “do objeto usado pelo usuário”, “do controlador pelo controlado”, “da instituição pela pessoa responsável”, “do

lugar pela instituição”, e assim por diante. (1980, *apud* HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER, 1991)

A metonímia em gramaticalização remete a um tipo de inferência pragmática, uma “associação conceptual” fundamentada no mundo discursivo, ou uma transferência semântica licenciada por contigüidade. É uma espécie de permuta que decorre do uso de uma palavra em uma frase na qual uma idéia, de alguma maneira ligada ao significado da palavra em questão, é passível de formar um elemento do contexto.

Nesta mesma linha, Hopper & Traugott (1993) defendem que exista um “*cline de gramaticalidade*”, processo unidirecional representado pela seguinte escala: **item lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional**. Nesse *cline*, o item lexical se move através dos estágios e se torna mais sintático (palavra gramatical, clítico) e, finalmente, morfológico (afixo flexional). Desta forma, os itens à direita são mais gramaticais e menos lexicais que os da esquerda. No entanto, nem todos os itens lingüísticos observados no português percorrem todo esse *continuum*.

Essa idéia de um *continuum* de mudança desenvolvida na linha do tempo está presente em muitos modelos de análise da gramaticalização, mas somente um deles rejeita explicitamente qualquer tipo de derivação. Refiro-me à Teoria Multissistêmica (TM), que, assim como os demais modelos, prevê como tarefa primordial o reconhecimento dos padrões funcionais abarcados pelo objeto de estudo.

Castilho (2003), ao propor a TM, defende que a gramaticalização deve ser entendida como um processo de constante renovação e/ou criação lingüística. Ao sintetizar o conceito de gramaticalização, permite entrever que muito do que se estuda sobre esse fenômeno deve percorrer outros módulos da língua que não somente o morfológico, haja vista que a língua é um sistema funcional:

Gramaticalização é o trajeto empreendido por uma forma, ao longo do qual, ela muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais, sofre alterações

semânticas e fonológicas, deixa de ser uma forma livre e até desaparece como consequência de uma cristalização extrema.” (Castilho,1997: 31)

O autor explica que os estudos sobre gramaticalização, tal como vêm sendo empreendidos, captam somente a criatividade da língua situada em um de seus domínios, analisados separadamente. Nesse processo a língua é encarada como produto e não como processo, como prevê a análise multissistêmica. Isso ocorre porque, de acordo com a teoria da gramaticalização, um item ao se gramaticalizar vai avançando gradualmente as fases pertinentes ao seu desenvolvimento, o que sugere que tal desenvolvimento gramatical siga um percurso unidirecional.

Em razão disso, Castilho (2003) argumenta que no processo dinâmico de interação verbal estão abarcadas simultaneamente todas as categorias lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais ao surgimento de um novo item, não existindo a prioridade de um sistema sobre o outro. Fica, então, uma abertura para a derivação entre itens historicamente relacionados, pois a rejeição é imposta pelo autor no nível dos sistemas lingüísticos.

De certa forma, tal conceito se opõe ao que se vem sendo considerado nos estudos sobre gramaticalização, uma vez que se é levado em conta que um determinado item ao entrar em processo de mudança perpassa por diferentes estágios até se tornar um item mais gramatical, ao mesmo tempo em que recusa uma relação entre os sistemas gramaticais.

Para Castilho (2003), a língua tem uma natureza multissistêmica capturada em termos dos quatro sistemas: léxico, discurso, semântica e gramática. Nela todos os domínios operam simultaneamente e não em fases ou estágios percorridos por um item para que possa adquirir propriedades morfossintáticas, conforme defenderiam outros estudiosos da gramaticalização.

O ponto de partida é considerar o léxico como um conjunto de propriedades cognitivas abstratas, prévias à enunciação, com base nas quais construímos os traços semânticos inerentes que, combinados às categorias e traços de diferentes modos, se obtêm os itens lexicais. O léxico é, assim, um sistema pré-verbal.

Segundo o autor, quando o falante opta por um item lexical para a realização do processo conversacional, seleciona, antes, os traços semânticos e a habilidade de combiná-los em diferentes padrões e, em segundo lugar, as palavras tradicionalmente impostas pela convenção social. Desta forma, o léxico é entendido nos quadros de uma hierarquia que vai da cognição pré-verbal para a expressão verbal.

O ponto central para a TM é que o léxico age como um dispositivo sociocognitivo de caráter pré-verbal, através do qual o falante ativa, reativa e desativa as propriedades lexicais discursivas, semânticas e gramaticais que ocorrem no ato de fala. O autor afirma que tais princípios (ativação, desativação e reativação) ocorrem durante a conversação, funcionando como gatilhos de mudança lingüística.

A ativação consiste na escolha de itens no leque de palavras existentes para a constituição e organização da informação que se deseja emitir. Durante esse processo mental, categorias cognitivas são ativadas juntamente com seus traços semânticos, os quais darão origem ao enunciado a ser emitido.

O processo de reativação consiste na repetição literal dos enunciados; a paráfrase ou a recorrência de conteúdos, que se caracteriza pela repetição de uma idéia, sem, contudo, repetir as palavras já expressas. A construção por desativação é, como o próprio nome sugere, um processo em que se verifica um corte no fluxo do discurso. Os processos que caracterizam a construção por desativação implicam dois movimentos simultâneos: por um lado, tem-se a desativação de palavras, de traços, de propriedades e, por outro lado, a imediata ativação de outras.

Os fatores que motivam tais estratégias são motivados, principalmente, por ordem cognitiva, como a metáfora e a metonímia, estando fortemente vinculadas às estratégias de comunicação. Esses são dois importantes processos cognitivos que, no nível lexical, são responsáveis por estender semanticamente os itens lexicais a outros significados. Desta forma, baseado no “princípio de economia”, segundo o desejo de tornar o diálogo mais claro, expressivo, o falante cria adapta formas de comunicação selecionando formas antigas para novos propósitos, através da extensão de significados pré-existentes.

Assim sendo, quando um item lexical sofre semantização, a metáfora envolve a abstratização de significados, relacionada à maneira como os seres humanos conceituam o mundo e a metonímia, ao novo significado atribuído ao léxico.

O modelo multissistêmico oferece a contribuição dos princípios fortemente associados a eventos da cena comunicativa. Como o modelo dikiano, no entanto, baseia-se na relevância do compartilhamento de informação entre os interlocutores. Em ambos os modelos, há a preocupação com o efeito da elisão ou repetição de seqüências informativas na cena interativa e a consequência disso para a mudança sintática, que repercutirá no sistema gramatical.

A gramaticalização pode ser estudada tanto numa abordagem sincrônica quanto diacrônica, embora trate da mudança lingüística, que tradicionalmente remeteria à diacronia. Atualmente, o encaminhamento considerado ideal é aquele que, priorizando os movimentos sincrônicos, também combina o resgate de dados ou informações diacrônicas, resultando numa abordagem pancrônica, implicando o reconhecimento da variação (competição de variantes) e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da persistência de traços de sua base etimológica. Isso favorece a descrição de um processo sem referência ao tempo.

Esta dissertação oferece um estudo numa abordagem sincrônica, que prevê a comparação de estágios lingüísticos distintos, utilizando modelos ou teorias desenvolvidos nas pesquisas sincrônicas. Por meio de dados sincrônicos, podem-se recuperar informações sobre sincronias passadas.

Nessa perspectiva, os fatos sincrônicos, como afirmam Hopper & Traugott (1993), são reveladores dos processos diacrônicos e discursivo-pragmáticos nos quais eles são surpreendidos. Assim, a morfossintaxe sincrônica pode ser entendida como um reflexo importante temporário, ainda que provisório de mudanças em processo, visto que a língua continuará se modificando durante o tempo.

Com base em tudo o que foi exposto até o momento, percebo que alguns verbos do português têm passado por mudanças em seu estatuto funcional, envolvendo aí o aspecto semântico, o sintático, o pragmático. Não tenho, contudo, elementos para afirmar que a frequência de uso

poderia ter se alterado, como defendem os teóricos. Saber, portanto, se essas mudanças percebidas podem ter um correlato freqüencial e que mecanismos teriam desencadeado essas mudanças é uma das questões para as quais busco resposta neste trabalho.

2. Mensuração da gramaticalização

Vários autores pesquisaram formas de se identificar se o processo de gramaticalização havia se deflagrado em determinada circunstância ou contexto lingüístico. O resultado dessas pesquisas foi um conjunto de propostas interessantes as quais prometem, se aplicadas adequadamente, apresentar graus, estágios e princípios de gramaticalização.

Nesta seção, sintetizo as pesquisas que desenvolveram esses métodos de constatação para que, no capítulo seguinte, eu tenha condições de avaliar o comportamento de alguns verbos do português.

Em sincronia, a idéia de *cline* pode ser entendida metaforicamente como um *continuum* em que as formas se arranjam ao longo de uma linha imaginária na qual estão dispostos de um lado um item lexical e de outro um item gramatical (HOPPER & TRAUGOTT 1993:7).

Heine (1992,1993) propõe, para descrever o processo contínuo de gramaticalização, o uso da expressão “cadeia de gramaticalização” (*grammaticalization chain*), caracterizada da seguinte maneira:

- a) pode ser alternativamente interpretada como uma estrutura sincrônica ou diacrônica;

b) forma uma estrutura linear em que uma extremidade da cadeia pode ser considerada mais antiga e menos gramaticalizada, enquanto a outra é mais nova e mais gramaticalizada;

c) pode ser descrita como uma categoria de semelhança de família linearmente estruturada. Nesse modelo, há um estágio intermediário no desenvolvimento de formas gramaticais a partir de uma forma-fonte (A) para a forma-meta (B), criando uma situação de ambigüidade.

Ainda segundo o autor (cf. HEINE 1993:48-53), essa caracterização da cadeia de gramaticalização pressupõe uma dinâmica bastante peculiar, qual seja:

- i. há uma expressão lingüística A, que é recrutada para gramaticalização;
- ii. essa expressão adquire um segundo uso padrão, B, podendo-se depreender a ambigüidade entre A e B; e
- iii. há a preferência do uso da expressão A.

Nem todos os itens ou expressões aliciados pelo processo de gramaticalização avançam, de fato, até o estágio (iii). Muitas vezes, apenas o estágio (ii) é atingido. Contudo, se (iii) é atingido, B tende a se convencionalizar, isto é, B é incorporado a uma nova categoria gramatical. Cabe, aqui, avaliar se os padrões funcionais do item selecionado para análise comportam-se da maneira elencada em i, ii e iii.

Com vistas a checar a deflagração do processo de gramaticalização, Hopper (1991) apresenta cinco itens que ora são tratados como *princípios* ora como *estágios* ocorridos durante o processo de gramaticalização, são eles: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização. Deve-se lembrar que princípios e estágios não podem ser considerados sinônimos, posto que as implicações de cada um para a teoria são bastante diversas.

Se forem considerados princípios, poderão ser interpretados como forma de reconhecimento do processo de gramaticalização atuando em fenômenos específicos da língua, mas se, em

contrapartida, forem interpretados como estágios, estes serão úteis à tarefa de análise em termos de graus, sem se questionar a ocorrência do processo.

É nítida, contudo, a intenção de Hopper em contribuir com um conjunto de elementos capazes de identificar a gramaticalização em estágios diversos de manifestação. Muitos trabalhos acadêmicos, dentre os quais cito Lima-Hernandes (2005) e Gonçalves (2003), evidenciam a natureza diferencial da proposta de Hopper, que favorece a apreensão do processo de gramaticalização já em seus estágios mais tenros.

Assim, não se pode falar em princípios, mas em estágios de gramaticalização com referência à proposta de Hopper. Se fossem princípios e em sua totalidade não se manifestassem, as implicações teóricas seriam enormes, pois teriam o estatuto de sustentáculos da gramaticalização; como estágios, entretanto, mesmo que não se manifestem em sua totalidade, suas implicações continuam metodológicas e organizatórias dos tipos de ocorrências verbais em termos de graus.

2.1 Proposta de Hopper sobre os estágios de gramaticalização

Cinco são os itens que compõem a proposta de Hopper (1991): *estratificação, especialização, persistência, divergência e decategorização*. Há estudos que lidam com esses itens num plano mais elevado de análise, a de princípios. Há, também, estudos que os identificam com estágios de gramaticalização.

Estratificação remete à convivência de estratégias comunicativas antigas e novas para uma mesma função. É a instauração do que se chama tecnicamente de “regra variável”, com variantes diferentes em termos de estratos sociais. O exemplo clássico do português é a regra variável instaurada com a imersão da variante *a gente*, que passou a competir gramaticalmente com *nós*, compondo, assim, a regra variável do pronome de primeira pessoa do plural (Lima-Hernandes, 2007).

No início da instauração dessa variação lingüística, a forma inovadora (*a gente*) era considerada “errada” e inadequada à maioria das situações. Vinculava-se mais propriamente a camadas sociais menos escolarizadas e era evitada por falantes cultos em situações formais. Era, no entanto, amplamente empregado por falantes mais jovens.

Toda uma geração de adolescentes e adultos jovens cresceu empregando essa forma inovadora, que teve sua incorporação efetivada nos compêndios gramaticais como pronome pessoal típico de língua falada (BECHARA, 1999).

Especialização, por sua vez, remete a uma pressão contextual mais evidente, de modo que a freqüência de uso será maior em determinado contexto. Uma das variantes, em outras palavras, será exigida em contexto ou situação específica. Retomando o exemplo da regra variável do pronome de primeira pessoa do plural, nota-se que a modalidade falada da língua restringe o emprego da forma *a gente*. O leque de opções dos falantes nesse contexto de uso diminui sobremaneira. Também a faixa etária poderia ser um contexto importante para demonstrar as pressões para o emprego de *nós* há alguns anos. Quanto mais velho o falante, menor sua opção de usos. O estilo também poderia ser um restritor das opções de uso a depender da sincronia sob análise.

Outra forma de verificar essas pressões é circunscrever essas pressões ao contexto mais próximo do item sob análise. Explico: o pronome *a gente* não admite escolhas que interfiram nessa seqüência de palavras; diversamente, se atuar como sintagma nominal, então as opcionalidades passam a ser realidade. Admite-se, então, um modificar (*a gente bonita*) e também a substituição do determinante (*essa gente, muita gente*).

A persistência, a despeito de todas as diferenças de comportamento, é um caminho por meio do qual se reconhece uma rede familiar de similaridades entre esses itens funcionalmente tão diversos. Uma pergunta que representaria o encaminhamento científico nessa direção seria a seguinte: sendo formas tão parecidas formalmente em sincronia, estariam diacronicamente relacionadas? Que traços poderiam revelar essa relação familiar?

Uma similaridade entre o sintagma nominal *a gente* e o pronome de primeira pessoa do plural *a gente* vastamente explorada entre os estudiosos é que o caráter coletivo de traço [+humano] contido no sintagma nominal seria o gatilho necessário para que surgisse um pronome que também exigisse como referente um conjunto de pessoas, incluindo o falante. Assim, um traço etimológico relevante da forma mais antiga sempre seria mantido nas funções mais inovadoras.

Já a *divergência* permite observar que o item-fonte conviveria de forma autônoma ao lado da forma gramaticalizada, com divergências funcionais. Essa é a razão por que se pode identificar num encadeamento sintático a convivência de uma mesma forma em valores funcionais distintos, como se pode notar em: *A gente* vai ajudar *essa gente* necessitada.

A divergência é tal nesse contexto de uso que nenhum falante reconhece qualquer problema nesse emprego tão próximo. Como se pode perceber, o número de ocorrências de um mesmo item em gramaticalização pode aumentar em decorrência da divergência funcional.

Por fim, com a *decatégorização*, um item, ao entrar no processo de gramaticalização, perderia a capacidade de manifestar propriedades que lhe eram típicas no passado. Ao mesmo tempo em que perde algumas propriedades de sua categoria antiga, assume novas propriedades da nova categoria. É o que se presencia com *a gente* em sua função pronominal, que não mais admite substituição de determinante tampouco admite a presença de um modificador à sua direita, tal como ocorre com todo item que esteja vinculado à categoria de pronome.

No capítulo 2, desenvolveremos uma análise dessa proposta a fim de discutir a pertinência de tratar essa proposta no nível de princípios que sustentam uma teoria ou no nível dos estágios, etapas que se sucedem durante a manifestação de um fenômeno.

2.2 Propostas de Heine sobre estágios de gramaticalização de verbos

Sete são os estágios suficientes para delinear a trajetória máxima de gramaticalização proposta Heine (2003), segundo o qual uma forma verbal plena se desenvolve gradualmente tornando-se um verbo auxiliar.

Para o autor, durante esse processo, o verbo em gramaticalização passa de verbo pleno seguido de argumento nominalizado a marcador gramatical, o qual vem seguido de um verbo principal. Essa trajetória pode, segundo Heine, ser sintetizada em cinco estágios:

Estágio 1 – o verbo apresenta seu significado lexical pleno podendo ser classificado como verbo de movimento, de ação ou de volição, dentre outros valores semânticos.

Estágio 2 – o verbo inicia o seu processo de gramaticalização, tendo sua semântica lexical esvaziada e tornando-se um verbo funcional de ligação. Para o autor, esse verbo pode ter complemento nominal ou estar associado a uma forma verbal nominal ou não-finita.

Estágio 3 – o verbo expressa uma função gramatical, como a de tempo, aspecto, ou modo, daí a classificação de verbo quase-auxiliar ou semi-auxiliar. O autor afirma que esse tipo verbal está fortemente ligado a um verbo principal em sua forma não-finita e, quando o complemento vier representado por um nome, se referirá ao conceito categorial aspectual de atividades ou situações dinâmicas. Neste estágio, o verbo perde a possibilidade ou capacidade de exprimir toda a gama de distinções de tempo, aspecto e modalidade, por razões de incompatibilidade semântica ou morfológica.

Estágio 4 – o verbo tende a perder sua possibilidade de formar imperativos, de ser nominalizado ou de se apassivar, não se associando a nomes que funcionem como núcleos de seus complementos, mas a apenas uma forma nominal (não-finita) na formação de perífrases.

Estágio 5 – o verbo tende a ser visto como pertencendo a outra classe que não a de verbo. Algumas alterações são notadas em seu estatuto: não pode ser negado separadamente; não ocorre em posições variadas na oração; é híbrido, conjugando algumas características de verbo e algumas de marcador gramatical; pode ser cliticizado e/ou sofrer erosão, perdendo o status de

palavra; e sua substância fonológica, morfológica de nominalização e/ou adverbial do complemento é erodida.

Estágio 6 – o verbo perde as características verbais remanescentes e se torna um elemento gramatical firmemente estabelecido morfológica e sintaticamente; seu “complemento” passa a ser interpretado como verbo principal. Passa de clítico a afixo e mantém ainda resíduos que permitem identificar a estrutura de origem.

Estágio 7 – o verbo perde qualquer característica verbal e se torna um marcador gramatical puro com a forma de um afixo flexional sem tom ou acento próprio distintivos. O outro verbo da locução perde completamente qualquer traço de morfologia de nominalização ou adverbial, sendo visto como um verbo pleno.

Essa mudança morfossintática apresenta implicações para o desenvolvimento de uma nova construção gramatical baseada na teoria dos protótipos, tal como notei com os estágios de Hopper. A principal característica que permite o diálogo entre os dois modelos é justamente a persistência de traços etimológicos nas sucessivas mudanças operadas.

Neste capítulo, com o fim de apresentar a orientação teórica das idéias contidas nesta dissertação, apresentei a conceituação de gramaticalização como processo de mudança lingüística e, em seguida, elenquei alguns critérios propostos por Hopper (1991) para a avaliação da manifestação do processo nas línguas. Também apresentei a proposta de Heine (1993) no que se refere aos critérios para a mensuração do estágio de gramaticalização em que se encontram os verbos nas línguas. Em tempo, frisei a importância da Teoria Multissistêmica com seus princípios sócio-cognitivos: ativação, desativação e reativação.

A idéia, para o próximo capítulo, é testar a validade dessas propostas para um fenômeno específico em mudança no português do Brasil, qual seja, a gramaticalização dos verbos *vir* e *virar*.

Capítulo II - Objeto de Investigação: Gramaticalização de Verbos

Este capítulo tem por objetivo a delimitação do objeto desta investigação científica, que é o processo de gramaticalização de verbos no Português do Brasil. Para tanto, elejo um par de verbos (*vir* e *virar*) que permitirão observar como esse processo de implementação. Como ponto de partida, procedo a um levantamento dos padrões funcionais desses verbos em língua falada e identifico, por meio de uma análise detalhada, os estágios de Hopper e de Heine.

1. Padrões funcionais dos verbos *vir* e *virar*

Nesta seção, investigo os deslizamentos funcionais dos verbos *vir* e *virar*, detectando os padrões funcionais identificados nas entrevistas coletadas. Esse é o motivo por que utilizo tanto ocorrências em estruturas simples, como em estruturas complexas, caracterizando as alterações sofridas por tais léxicos desde a sua origem, em que atuavam em estruturas simples à formação de estruturas complexas.

1.1 Deslizamentos funcionais de *Vir*

Segundo Said Ali (1964), *vir* é verbo latino cujos registros dão conta de que a forma escrita era *venire*. Devido às inovações lexicas, foram recuperadas algumas formas que representam a maneira como os falantes pronunciavam as palavras. Daí a seqüência de transformações fônicas anotadas em dicionários.

Exemplo disso é a forma derivada *venire* > *vẽire* que marca a nasalização e conseqüentemente a não-percepção da consoante nasal, que sofre síncope. Na grafia, há a redução do corpo fônico do vocábulo. Com a alteração do timbre, processo fônico muito recorrente na passagem do latim ao português (cf. COUTINHO, 1974), as vogais radicais longas *e* e *o* passam a *i* e *u* em razão da presença da semivogal: *venire* > *vẽire* > *vĩr* > *viir* > *vir*.

A trajetória de um item lexical pode ser parcialmente recuperada por meio dos registros lexicográficos no decorrer dos séculos. Essa é a razão por que optei pela estratégia de também rastrear em dicionário as várias acepções adquiridas no transcorrer do tempo na combinação de *vir* com seus argumentos. Para essa tarefa, consultei Houaiss e Villar (1999).

Acepções de *vir*

1. Encaminhar-se ou ser transportado (algo ou alguém) de um determinado lugar para o lugar em	<i>Veio</i> um choque da PM para segurar o cara
---	---

que estamos no momento dessa ação	
2. Ir-se deslocando por um caminho	Mas eu <i>vim</i> assim mesmo
3. Chegar para permanecer algum tempo	<i>Vim</i> de lá para ficar internada no Andaraí
4. Caminhar ou ir, acompanhando algo ou alguém; seguir.	Estava grávida com dois filhos quando eu <i>vim</i> de mudança para o Paraná
5. Atingir o fim de um trajeto; chegar	O pedido <i>veio</i> pelo telefone
6. Atingir ou chegar a (comprimento, altura)	A estrada <i>vem</i> até a entrada do sítio
7. Fazer-se presente; apresentar-se, comparecer:	<i>Veio</i> o bombeiro, não se engraçou; <i>veio</i> PM, ele pegava de dois em dois
8 Partir de (certo local) ; ser proveniente de; proceder	Havia problema porque ela <i>vinha</i> de Los Angeles
9. Tornar ao local de onde saiu; chegar; retornar; voltar	O presidente assinará o decreto quando <i>vier</i> da Europa
10. Ter como causa; originar-se	O amor <i>veio</i> da amizade.

Das acepções 1 a 3, o sentido de deslocamento espacial entre dois pontos é nítido. Em 7, a despeito de ter uma atribuição sêmica bastante distinta da origem, o exemplo favorece também uma interpretação de deslocamento entre dois pontos, entretanto devido ao compartilhamento de informações o segmento relativo ao espaço físico é elidido. Acepções muito próximas são 4, 8 e 9, que também evidenciam um deslocamento espacial entre dois pontos, ainda que a ênfase seja dada ao ponto de origem desse movimento. São acepções um pouco diferentes semanticamente as registradas nos itens 5 e 6, de um lado, e 10 de outro. Em 5 e 6, não há claramente o deslocamento espacial de um objeto entre dois pontos, e esse desbotamento semântico deve-se em grande parte à presença de sujeitos sintáticos com o traço [-humano]. O que se presencia em 5 é um transporte de uma informação por outro meio, sem que o objeto em si se desloque. Em 6, tem-se *vir* em sentido estativo, empregado para descrever um objeto. Já em 10, o mais abstrato de todos, tem-se a acepção de gênese, ligado à categoria de processo.

Com base nas ocorrências identificadas nas amostras do PEUL e NURC-SP, organizei os dados em padrões funcionais obedecendo à organização pautada pela abstratização das categorias cognitivas subjacentes aos usos e propostas em Heine, Claudi & Hünemeyer (1991). Com relação aos empregos do verbo *vir*, somam-se nove os padrões funcionais, a partir dos quais descrevo suas propriedades típicas.

a) Vir 1: verbo pleno seguido de advérbio de lugar ou expressão adverbial locativa, configurando a seguinte estruturação sintática: *vir* + SAdv (lugar). Pressupõe ponto de partida e de chegada para o movimento assumido no espaço físico. Esse deslocamento sempre implicará uma intenção (chegar a algum lugar) e um propósito (realizar uma determinada ação), na maioria das vezes explicitado no encadeamento sintático. No exemplo seguinte, verifica-se que o fato de *vir* de algum lugar implica a intenção “*vir até aqui*” com o propósito de *avisar sobre algo que deve ser feito*.

(1) Não aconteceu nada, não! **Vim** aqui avisar para ir buscar ela no hospital. (PEUL -J 06)

(2) ela **veio** para São Paulo Paulo fazer EAD aqui... (NURC, D2 – inquérito 333, inf. 419)

b) Vir 2: verbo pleno que apresenta significado lexical referente à realidade concreta, assumindo especial matiz semântico. É intransitivo e, invariavelmente, prescinde de um locativo, que é altamente inferível, configurando o encadeamento sintático *vir* + 0. O efeito da elisão de um locativo compartilhado é focalizar preponderantemente o agente da ação codificada.

(3) Mas eu preferi **vim**. Eu estava em Copacabana, num apartamento e já tinha três filhas. e aí me deu aquele estalo: que o meu espaço está cada- estava, cada vez mais [limitado] e da minhas filhas também. e eu tinha o terreno aqui praticamente abandonado. (C- 43)

(4) Aí eu falei: "ai, meu Deus, (criança ainda balbuciando) nasceu um filho homem, minha loucura." Daqui a pouco **vem** a enfermeira: "foi uma menina." Aí eu joguei aquela risada, mas dei sem graça. Aí o médico falou assim: "por que você riu sem graça?" (J- 06)

No decorrer dos deslizamentos funcionais adquiridos por *vir*, de um estágio em que se encontrava para expressar noção espacial, passa, de acordo com o *cline* unidirecional, a uma função de expressar noções temporais. Em situações como essas, uma abordagem discursiva tenderia a calcar as explicações no estatuto informacional do sujeito. Por ser *vir2* um verbo que não requer argumento circunstancial, nessas ocasiões, o sujeito é transposto para a posição típica desse argumento. Tal comportamento é bastante comum com verbos intransitivos. Em alguns

casos, no entanto, esse tipo de estrutura pode funcionar como um elemento que restringe a possibilidade de que *vir* venha a se configurar.

Sem dúvida, o uso de tal estrutura (com sujeito posposto) provoca maior ênfase à ação de *vir*. Se for informação nova, tal como exemplificado em (4), o sujeito *virá* posposto ao verbo; se for informação conhecida ou compartilhada entre os interlocutores, tal como exemplificado em (3), então o sujeito *virá* anteposto ao verbo.

c) Vir 3: verbo pleno seguido de advérbio temporal, configurando o encadeamento sintático *vir* + Sadv (Tempo). Com a elisão de um segmento espacial compartilhado entre interlocutores, passa-se a preencher seu espaço com a informação temporal. Apesar disso, a noção de deslocamento no espaço físico ainda é recuperada pelos falantes.

(5) Só se eu for ali é pescar ele agora, porque esse peixe veio de manhã," ou *veio ontem*, ou *veio antes de ontem*. " Mas está aqui no freezer é ele está conservado, apenas está morto é morreu ontem, antes de ontem." é eu não gosto desonestidade, então eu não gosto dizer para pessoa- que tem pessoa que: "não, ele morreu agora, ("cara"). ...às vezes o peixe tem três dias. (C-03/PEUL)

(6) ah! eu gostaria- para onde eu ia? queria ir aonde que eu morava, anchieta. tem uma colega da minha mãe. A gente só ia *vim segunda-feira*, mas aí tem aula e a gente não pode mais ir. (C-57/ PEUL)

d) Vir 4: Verbo pleno acompanhado por expressão adverbial de valor modal, configurando o encadeamento sintático *vir* + SAdv (modo). Já não se tem mais o deslocamento físico ativado, pois o sujeito detém o traço [-humano] e assume um valor altamente temporal, indicando um processo que se arrasta na linha do tempo.

(7) Ele também [um homem que-] ele e um homem que ele não luta por nada, (est) porque o que, dele, ele sabe que a ele vai chegar no tempo certo. Então o progresso dele *veio naturalmente*.(PEUL / C-43)

(8) Ele **veio** alegremente. Rezaram e se sentaram. O ancião começou a trabalhar em silêncio. Não conseguindo falar com o Pai Zeno, o jejuador começou a se aborrecer.

portalcot.com/reporter/ditos-dos-padres-do-deserto/ - 46k -

e) Vir 5: verbo quase-auxiliar. Admite material interveniente seguido de verbo em sua forma nominal gerundiva, com valor modal, configurando o encadeamento sintático *Vir* + V2 gerúndio. Liga-se prioritariamente à marcação de um processo em andamento.

(9) Dando uns gargalhada, sabe? ("Ela parecia") que estava com encosto, assim, ruim, do bicho ruim. Aí **vem rindo**. Aí pegou, a minha tia entrou aqui dentro de casa, apanhou uma coberta, abafou ela correndo. (PEUL - J-06)

(10) — saio meio dia da escola (então) tem que **vir correndo**... almoçar depressa pra dar tempo de digestão para poder entrar na escola as duas horas... (NURC, D2 – inquérito 360 – inf.472)

(11) Tem que voltar de carro ou **vim se sacrificando** com a bolsa na cabeça.(PEUL / D-42)

(12) o telegrama perde a importância...quer dizer a importância do telegrama **virá se reduzindo**... (NURC, D2 - inquérito 255, inf. 304)

Nessas situações, *vir* expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época e ao lugar em que o agente se encontra (cf. CUNHA & CINTRA, 2001). Já, sob o ponto de vista dos estudos sobre gramaticalização, o verbo no gerúndio caracteriza-se como um advérbio de modo (cf. HEINE, 1993), entretanto revelando o modo de realização de ação.

f) Vir 6: verbo quase-auxiliar encaixado numa seqüência sintática do tipo [*vir* + preposição *a* + V2 infinitivo], em que o verbo *vir* é seguido da preposição *a* mais infinitivo gerando um valor *resultativo*.

(13)...único possível nas atuais circunstâncias mas também o preferido por mim...eu realmente... talvez pela circunstância em que viajo... **venha a preferir** o avião sobre outro meio... (NURC, D2 - inquérito 255, inf. 303)

(14) – mantemos sob a forma de um arquivo...de maneira que eu tenha um arquivo relativamente...ahn Amplo bastante atualizado sobre as notícias que...embora não tendo tido interesse momentâneo muito grande...possam futuramente *vir a despertar*...um certo interesse... (NURC, D2 - inquérito 255, inf.. 303)

g) Vir 7: verbo quase-auxiliar subcategorizador de oração não-finita. V2 pode ser precedido da preposições *para*, num seqüenciamento sintático do tipo *vir + V2* infinitivo [intenção > *vir + infinitivo*].

(15) *Vim morar* no morro não tem perigo não. (PEUL - J-06)

(16) É, eu gosto de brincar de casinha. Ele <fe...>- eu finjo que sou vendedora, ele *vem comprar coisa*-revistinha (PEUL – C/59)

(17) Consuelo do Castro...ela *veio para trazer* um...um caso especial que ela escreveu para a Globo. (NURC, EF - inquérito 333, inf. 419)

(18) Senador Demóstenes Torres afirmou que Denise Abreu *veio para 'arrumar* as coisas'. ... “Hoje ela *veio para arrumar* as coisas”, avaliou o senador. ...

g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL89168-5601,00.html - 42k

Nesse padrão funcional, *vir* subcategoriza a oração não-finita e, nesses tipos de contextos em que é empregado, deixa de requerer o termo locativo, uma vez que o falante tem a informação elidida como pressuposta ou compartilhada. Assim, a expressão ou a referência locativa se dá através do contexto discursivo.

Com o abandono da expressão circunstancial, uma nova estrutura emergiria na língua, ocasionando nova categorização sintática, morfológica, semântica e fonológica, apesar de *vir* manter seu significado lexical de localização espacial e ponto de partida (princípio da persistência). Nesses contextos em que é usado, *vir* apresenta um estatuto de ambigüidade, uma vez que se é possível depreender dois fatos possíveis: presença dos traços semânticos da base lexical, exprimindo, portanto, ação. Ou a possibilidade da abstratização de sentido pelo uso do verbo *vir* nestas situações.

Conforme afirmações de Bechara (1999), Silva Neto (1970) e Cunha (1975), na língua portuguesa toda e qualquer seqüência verbal é caracterizada como Locução Verbal. Neste tipo

oracional, *vir* carrega as marcas de tempo, número, modo e aspecto, funcionando como verbo auxiliar da sentença. Entre o verbo auxiliar e o principal (no infinitivo) pode ou não aparecer uma preposição (BECHARA, 1999).

Ao levarmos em conta a localização do falante no momento da enunciação a partir de um ponto dêitico, a constituição temporal interna da forma verbal (aspecto) pode vincular-se aos eventos realizados. Assim, o verbo *vir* seguido de infinitivo apresenta categoria aspectual imperfectivo, com função durativa.

h) Vir 8: verbo quase-serial em que V1 e V2 compartilham sujeitos e mantêm traço de [+ identidade] entre tempo e modo. Nessas estruturas, V1 carrega traços semânticos de sua base lexical.

(19) Aí ela foi na casa do lado e pediu a uma menina. Só tinha uma menina pequena. Ela pediu um pouquinho de álcool, a menina deu. Ela *veio comprou* uma caixa de fósforo, veio, ("se") trancou no banheiro e botou (vozes) fogo. (PEUL/ J-06)

(20) O que se passa na cabeça de uma menina dessa depois de heras na praia, ela nem conhecia, ela ficou dando mole, aí *veio conversou*, ela tinha um filho, aí deixou com uma dona que parecia ser mãe dela, aí foi numa boa. (PEUL/R-10)

Nesse padrão, V1 mantém resquícios dos traços: ponto de partida > meta e [+movimento]. Através da inferência do complemento circunstancial, os verbos aproximam-se descrevendo duas ações. V1 e V2 compartilham flexão de tempo, modo, número e pessoa.

i) Vir 9: verbo serial em que V1 e V2 compartilham sujeitos e mantêm traço de [+ identidade] entre tempo e modo. V1 é vazio semanticamente.

(21) Aí eu corri, não é? Ele *veio, correu* atrás de mim. (PEUL/C-33)

(22) - Se tem um lugar no lustre o :: o lanterninha *vem e acha* que o camarada tem obrigação de sentar. (NURC, DID - inquérito 161, inf. 186)

Nesse padrão funcional, V1 evidencia desbotamento e ganhos semânticos, posto que adquire nova função. Segundo Rodrigues (2006), o item analisado representa um desafio para os estudos sobre gramaticalização, uma vez que V1 não pode ser analisado de acordo com a escala que prevê o desenvolvimento dos itens lexicais num *continuum* **item lexical > item gramatical**, pois, nesses tipos de estruturas, V1 não adquire valor gramatical. Adquire, contudo, a capacidade de sinalizar uma tomada de atitude do falante.

Pela seqüência de usos plenamente caracterizados através das ocorrências detectadas com o uso de *vir*, é possível que o surgimento da estrutura serializada na língua tenha se formado pela elisão de argumentos internos, conforme acontece com a passagem de *Vir1* para *Vir2*, em que a informação adverbial locativa é elidida, posto que altamente inferível.

Da mesma forma, seria possível aventar a hipótese de que o uso recorrente de estruturas coordenadas tenha sido o gatilho para a aparição de tais estruturas na língua, levando em conta o apagamento do elemento circunstancial, como se verifica a seguir:

(23) ...minha sogra chamou a mãe e mandou que fosse...buscar um outro médico...cirurgião da Santa Casa... esse médico *veio...* e com uma...uma pinça da : : para tirar sobrancelhas e com uma agulha de : : aliás minto... foi com uma tesoura de bordado tirou os pontos na cama. (NURC, D2 - inquérito 251, inf. 288)

Se a informação “e com uma...uma pinça da : : para tirar sobrancelhas e com uma agulha de : : aliás minto... foi com uma tesoura de bordado”, for elidida, ter-se-á uma estrutura equivalente a *Vir8*, tal como exemplificado em (24a). O uso freqüente de seqüências como essa pode ter desencadeado o surgimento de estruturas como (24b), em que V1 apresenta-se semanticamente esvaziado.

(24a) ... minha sogra chamou a mãe e mandou que fosse...buscar um outro médico...cirurgião da Santa Casa... esse médico *veio...* e *tirou* os pontos na cama.

(24b) ... se tem lugar no lustre o : : o lanterninha *vem e acha* que o camarada tem obrigação de entrar. (NURC, D2 - inquérito 161, inf. 186)

Se se levar em conta o contexto em que essa estrutura se estabelece, será possível verificar que *o lanterninha veio* para algum lugar, não expresso pelo falante, e achou que o camarada tinha a obrigação de entrar em tal estabelecimento. Dessa forma, V1 (*vem*) aparece seguido de V2 (*acha*), compartilhando flexão de tempo, modo e pessoa com V2, entretanto não mais se reconhece que há ali dois eventos codificados.

Nos exemplos anteriores, verifica-se que *vir* adquiriu, no transcorrer dos tempos, outras funções, e isso seria indício de gramaticalização desse item lexical. Essas alterações são resultantes de intenções comunicativas que se valem da relação entre cognição e gramática para atingir o objetivo. Muitos autores explicam essas alterações com base no princípio da iconicidade, isto é, a manifestação de uma similaridade entre o que se pretende codificar e a forma escolhida para a codificação lingüística. Uma vez que formas gramaticais se desenvolvem de formas lexicais durante o processo de gramaticalização, o crescimento da frequência de uso de uma forma surge como resultado de um aumento no número de tipos de contextos em que ela é empregada, tal como argumentei no capítulo 1 desta dissertação. Observem-se os seguintes exemplos de empregos do verbo *vir* no dialeto carioca:

(25) O que se passa na cabeça de uma menina dessa depois de horas na praia, ela nem conhecia, ela ficou dando mole, aí **veio conversou**, ela tinha um filho, aí deixou com uma dona que parecia ser mãe dela, aí foi numa boa. (PEUL/R-9)

(26) Aí eu corri, não é? Ele **veio, correu** atrás de mim. Eu fiz ele dar umas (rindo) cinco volta no quintal, não é? (risos) (PEUL/ C-33)

(27) **Vim morar** no morro não tem perigo não. (PEUL/ J-06)

(28) Dando uns gargalhada, sabe? ("Ela parecia") que estava com encosto, assim, ruim, do bicho ruim. Aí **vem rindo**. Aí pegou, a minha tia entrou aqui dentro de casa, apanhou uma coberta, abafou ela correndo. (PEUL/ J-06)

(29) " Aí eu corri, não é? Ele **veio, correu** atrás de mim. (PEUL / C-33)

Ratificando todos os autores que estudam gramaticalização, nota-se a manutenção ou a persistência de valores semânticos peculiares à forma-fonte do verbo *vir*, qual seja a localização espacial e o ponto de partida do movimento.

(30) então, eu *vim*³ *morar* aqui (PEUL/ J-26)

(31) tem que voltar de carro ou *vim se sacrificando* com a bolsa na cabeça (PEUL/ D- 42)

(32) Falta só a Light *vim botar* o relógio para ligar para dentro da casa. (PEUL / J-06)

Do ponto de vista da Articulação Tema – Rema, pode-se reconhecer que o tema da unidade discursiva se refere sempre a um determinado lugar, indicando, posteriormente, a finalidade/ propósito, modo ou causa da ação a ser realizada, salientando, por parte do informante, o maior interesse informacional. É importante notar que o uso do verbo *vir* indicando o propósito/ finalidade provoca a necessidade de uma ligação informativa, materializada pela adição de outra sentença. Nessas situações o tempo do evento-fundo (secundário em relação ao plano principal da narrativa) ocupa lugar de uma hierarquia mais alta que o evento-figura, governado cognitivamente pela metonímia, e passa a ser o foco da oração. Assim, a metáfora do tempo parece funcionar como gatilho da metáfora de finalidade/ propósito, pois o evento situado no tempo projeta um novo espaço, o de evento de propósito.

(33) Ele *veio* de Manaus para ficar internado no Andaraí. (finalidade/ propósito)

(33a) Ele *veio* de Manaus para quê?

(34) Ele *veio* correndo. (Modo)

(34a) Ele *veio* como?

(35) Ele *veio* para cá porque ficou doente. (causa)

(35a) Ele *veio* por quê?

Também, em outros tipos de estruturas, mesmo ocorrendo a elisão de alguns itens, é notável que o evento-propósito prevalece como foco do discurso, o qual é ativado - como diria Castilho (2006) - pela presença do verbo *vir*, como se pode depreender do seguinte exemplo:

³ O verbo *vir* acompanhado de infinitivo apresenta contexto ambíguo, conforme retratado no capítulo IV.

(36) eu insisto, insisto, ela fala- "quando eu falo-" Andréia! "Quando eu falo que não, é não." que nem na quadrilha. aí [o]- o moço *veio pedir* para mim ir dançar, não é? Ela falou que não, que não podia e no domingo eu dancei. Quando ela fala que pode, pode. quando ela fala que pode, não pode. Aí eu pego e fico sentada no portão ou então eu entro. (PEUL/ C-57)

Nesse exemplo, o fato de *vir de algum lugar* implica uma finalidade/ propósito, no caso, “pedir para dançar”, referendando o princípio da ativação, proposto por Castilho (2006), no sistema discursivo, o que produziria a hierarquização dos tópicos, a construção das unidades discursivas e sua conexão.

Em todas as estruturas, nota-se que *vir*, também, funciona como modalizador epistêmico atitudinal que basicamente se envolve com a atitude do falante, a qual necessariamente se relaciona com a fonte do conhecimento, com o qual o falante pode ou não estar comprometido (NEVES 2006).

Em termos gerais, a informação epistêmica é caracterizada como a qualificação da informação objetiva com relação a sua origem ou da própria atitude do falante quanto às suas crenças, dúvidas etc. Numa análise próxima a de Bybee (1985), estes seriam casos de *evidenciais*, atuando subjetivamente, posto que remeteriam aos “marcadores que indicam algo sobre a fonte da informação da proposição” (p.18). Assim, *vir* teria a função de modalizar cataforicamente o conteúdo que vem a sua direita, avaliando a necessidade de sua vinda, a qual resultará de uma finalidade/ propósito.

De acordo com bases funcionalistas, quando uma forma lexical adquire sentido mais gramatical, isto é, perde categorias sintáticas, semânticas e/ ou fonológicas, esse mesmo item ganha propriedades outras por estar em processo de gramaticalização. Tal processo pode ser observado nos exemplos de (37) a (39):

(37) Ele *veio do Nordeste para ganhar* a vida em São Paulo.

(38) Ele *veio para ganhar* a vida em São Paulo.

(39) Ele *veio ganhar a vida* em São Paulo.

No exemplo (37), tem-se *vir* como verbo transitivo circunstancial, o qual requer um complemento locativo ‘do Nordeste’. A passagem da primeira estrutura, em que se tem *vir* como verbo pleno, para a estrutura (38), remete à idéia de que o falante considera desnecessária a repetição do termo locativo ‘do Nordeste’ e, por isso, apaga-o. Desta forma, *vir*, nestas situações em que é empregado, deixa de requerer complemento locativo, assumindo uma nova estrutura, como ocorre em uma outra situação retirada da amostra carioca sob análise:

(40) ah! eu gostaria- para onde eu ia? queria ir aonde que eu morava, anchieta. tem uma colega da minha mãe. A gente só ia *vim segunda-feira*, mas aí tem aula e a gente não pode mais ir. (PEUL /C-57)

Nesse exemplo, *vir* ocorre seguido de uma circunstância temporal e o falante desativa o termo locativo (o local onde morava, Anchieta), por constituir-se já informação compartilhada entre os falantes. Parece ser essa desativação bastante produtiva na língua. A depender dos itens sucedentes, podem ocorrer efeitos de gramaticalização na língua. É o que se nota com o apagamento da preposição *para* em (39). Essa elisão acarreta a aproximação de dois verbos, ou o surgimento de uma nova estrutura na língua, estruturas serializadas: ‘Ele *veio ganhar a vida* em São Paulo’.

1.2 Deslizamentos funcionais de *Virar*

O verbo *virar*, segundo Houaiss & Villar (1999), provém do francês *virer* (s.XII) ‘virar, voltar’, também considerado fonte do espanhol *virar* (1570), it. *virare* (s.XII), provç.cat. *virar* (s.XVI), pionês *vire*. Os estudiosos também admitem a existência de uma forma do latim vulgar *virare*, em lugar do latim clássico *vibrāre* ‘sacudir, lançar’. A alternância dos empregos sintáticos através de *virar* em combinação com as palavras que o seguem permite uma classificação de acordo com as acepções citadas em Houaiss & Villar (1999).

Acepções de *virar*

1. Colocar-se em posição ou direção adversa a	Para mim não machucar ele, eu virei para a calçada
---	---

anterior	
2. Tomar a direção de; desviar	Ele virou o carro em direção ao morro *
3. Seguir um caminho que se desdobra; dobrar, voltar, quebrar.	O navio vira o cabo.*
4. Apontar para uma direção; voltar-se	O caminhão virou para os lados da muralha*
5. Fazer mover, girar, torcer	Virava-se na cama*
6. Pôr em posição oposta	Então quando, assim pessoas com a cabeça assim, às vezes, muito voltada para parte material, com visão assim de vida [muito]- muito superficial, (est) elas convivem, está, tudo numa boa, mas virou das costas dali, foi embora, aquela pessoa (est) deixou de existir praticamente.
7. Tomar-se desfavorável	Eu me virei contra eles.
8. Sofrer alteração (tempo), mudar	O tempo virou .
9. Transformar-se em	Porque comentaram, na época que ele esteve aqui, diminuiu o assalto, o pessoal estava mais calminho, não sei quê. Se bem que, agora, já virou tudo bagunça de novo.
10. Esforçar-se	Chega aí, pega, se vira , faz um peixe, faça uma carne, faz uma macarronada- tudo isso tem quem faça, não é?

O sentido básico de *virar* remete à mudança de posição de um objeto no espaço físico. Esse valor encontra-se mais claramente expresso nas acepções 1, 2 e 5. Em 4, esse valor pode ser depreendido, mas é um uso ambíguo, justamente porque se depreende também o valor semântico de *tombar*. As acepções 6 a 9 remetem à transformação ou mudança de um ponto de vista ou condição anterior. Por fim, em 10, temos uma acepção derivada da anterior, mas um pouco mais abstratizada, por remeter à idéia de “transformação agregada de um componente de adaptação ao meio” gerando um resultado. As acepções, cujos exemplos estão assinalados com um asterisco, indicam valores não identificados nas amostras sob análise.

Os padrões funcionais do verbo *virar* nas amostras consultadas desdobram-se em cinco empregos distintos, que refletem deslizamentos funcionais e mudança gramatical. Os padrões funcionais são os seguintes:

a) Virar 1: verbo pleno que subcategoriza um SN com função sintática de objeto direto. Configurando a seguinte seqüência: *virar* + SN.

(41) Hesitei por um instante, **virei** a cabeça para o lado, com um olhar distante e sorri.

desertpenguins.blogspot.com/2007/01/quem-mora-na-minha-cabea.html - 64k -

b) Virar 2: verbo pleno alterado em sua transitividade. Admite o seqüenciamento de *virar* + SAdv (locativo).

(42) Para mim não machucar ele, eu *virei* para a calçada.(PEUL / C-57)

c) Virar 3: verbo copulativo sucedido de um sintagma qualificativo. Nessas condições, assume o valor semântico de transformação. Sua configuração sintática é *virar* + SA (SV- cóp + SA) .

(43) Quer dizer, eu tinha que apanhar a dona de manhã, levar lá em casa e de noite levar a dona de novo. (ruído) Quer dizer, e nisso eu *virei* chiclete de onça, não é? Eu fiquei magrinho. Magrinho é (fala rindo) chiclete de onça- é a pessoa magra. Eu fui secando.(PEUL/ C-42)

d) Virar 4: verbo pronominal que remete à capacidade de um sujeito [+animado] resolver uma situação inesperada. Nesse contexto de configuração sintática SN (oculto) + se + *Virar*, *virar* significa esforçar-se, por seus próprios recursos, para resolver uma situação difícil.

(44)Eu faço minha comida. Eu tenho também- (hes) às vezes eu, quando não tenho tempo, eu peço, eu pago uma pessoa para vim fazer para mim é tudo, (est) tem aí sempre, não falta ("quem") não faça, não é? chega aí, pega, *se vira*, faz um peixe, faça uma carne, faz uma macarronada- tudo isso tem quem faça, não é? (PEUL/ C- 03)

e) Virar 5: verbo serial em que V1 e V2 compartilham sujeitos e mantêm traço de [+identidade] entre tempo e modo. V1 é vazio semanticamente e codifica uma mudança de atitude, uma mudança repentina do curso do evento narrado.

(45) Eu não sei! Eu sei que ele apanhou, assim, aí saiu. eu só vi cabelo. Aí eu *virei, falei*: "o quê que foi doutor?" (PEUL/J-06).

Com base nesse deslizamento e nas propriedades afetadas, pode-se afirmar que *Virar* é um verbo que indica ação, significando colocar-se em direção ou posição adversa da anterior.

Todo e qualquer deslizamento funcional observado para *virar* já é uma possibilidade contida em sua trajetória diacrônica desde sua etimologia, que remete a um valor de colocar-se em direção ou posição adversa da anterior, que, por sua vez, pressupõe como traço prototípico as categorias cognitivas de base / ESPAÇO/ EVENTO. Para as novas funções, vale-se de seus traços mais entranhados historicamente. Note-se o exemplo seguinte em que *virar* pode ocorrer como verbo intransitivo, quando o seu referente apresentar traço [- humano] e [- animado]:

(46) O tempo *virou*.(PEUL/ C- 42)

Verifica-se que nesses contextos, *virar*, sendo verbo de movimento que requer um deslocamento espacial (direita/ esquerda), deixa de requerer complemento locativo. Assim, *virar* vai deslizando e assumindo outras funções sintáticas.

Em (47), *virar* ocorre como verbo transitivo, subcategorizador de argumento interno. Preserva seu valor prototípico de movimento, mas passa a exigir um objeto com traços [+concreto] ou [+abstrato]. Também verificou-se que *virar* funciona como verbo cópula (48) seguido de sintagma adjetival e que pode atuar numa estruturação serial, cuja função é sugerir uma ação que ocorre em resposta a uma situação ou ação não-esperada.

(47) Ah! Sei lá , eu pensei que ia perder meu filho. Que ele ficou tão esquisito, sabe? *Virou* o olho, ficou todo- (ruído) com choro preso. (C- 04)

(48) O morro agora está bom, está calmo à beça, está tudo calmo. Mas em (hes) um ano atrás esse morro *virou* um <inf-> Deus me perdoe, um inferno (inint) Ficar dentro de casa, trancar a ("porta") ficar dentro de casa. (J- 06)

Segundo Hopper (2002), subentende-se com a passagem de um verbo pleno a verbo serial a mudança no curso da narrativa, uma que V1, como verbo serial, passa a atuar no plano do discurso. Nessas estruturas, *virar* vem sempre acompanhado de verbos de elocução,

compartilhando flexão de tempo, pessoa, número e modo com V2 e é uma exigência do próprio gênero em que é integrado como forma de dar movimento às ações representadas.

Pode-se entender, assim, que o processo de mudança implementados em verbos revela-se como efeito de situações comunicativas que envolvem ao menos dois interlocutores que se conhecem em graus distintos quanto às informações da bagagem pragmática de cada um.

2. Estágios de Gramaticalização de Hopper

Nesta seção, investigo a eficácia dos estágios de Hopper para a organização dos verbos *vir* e *virar* tendo em vista sua constituição morfossintática e sua alteração funcional no *continuum* verbo pleno > verbo auxiliar. Para tanto, correlaciono os padrões funcionais identificados no capítulo anterior aos estágios de gramaticalização propostos por Hopper.

Segundo Hopper (1991), o surgimento de formas etimologicamente diferentes, com valores semânticos equivalentes à forma antiga, coexistindo com formas já existentes, caracteriza o estágio da estratificação. Nesse estágio, não há substituição da forma pré-existente pela nova forma, mas a coexistência dessas em um mesmo domínio.

Assim sendo, ao se levar em consideração que nesse estágio há formas alternantes que concorrem entre si, torna-se relevante reconhecer as regras variáveis instauradas para cada verbo e as relações que estabelecem com cada padrão funcional a que deu origem. Ressalta-se, no entanto, que utilizaremos como material auxiliar o dicionário de sinônimos e antônimos Houaiss (2003).

2.1 Estágio da Estratificação

a) verbo *vir*: em seu sentido de deslocamento no espaço físico, com o sujeito [+animado] instaura regra variável na concorrência com os verbos *chegar* (ela vem cedinho / ela chega cedinho), *deslocar-se* e *caminhar* (acrescidos de preposição direcional *para* e *de* ou de preposição delimitativa *até*).

O verbo *chegar*, no sentido de *vir*, tornará desnecessária a preposição diretiva se o locativo puder ser inferido contextualmente. Não é o que ocorre no exemplo seguinte:

(49) Ela queria ir com minha cunhada pra casa dela, se foi, ela chegou aqui fazendo um auê danado, ficou quase uma hora chorando. (PEUL - RE 33)

b) verbo *virar*: em sua acepção de mudança de direção efetivada por um sujeito [+animado], esse verbo concorre com *orientar-se*, *voltar*, *redirecionar* e *reorientar*. No dialeto carioca informal, entretanto, esses sinônimos não são empregados. O verbo *voltar*, entretanto, pode ser empregado em contextos similares, desde que o locativo indicativo de proximidade do falante possa ser inferido:

(50) aí ele *voltou* e estava marcando a mesma coisa aí o rapaz pegou pra *virar* a (inint) aí ele disse: Não vira não, continua. (PEUL – R59)

(51) ia pra escola assistia uma aula e *voltava* porque não tinha professores pra ele. (PEUL – R33)

A exigência de elementos que tornem a informação mais clara ao interlocutor é uma das motivações para que os falantes utilizem com maior frequência o verbo *vir*, que já traz em seu sema os traços de movimento e direção. Similarmente ocorre com o verbo *ir*. Talvez seja exatamente essa riqueza de traços semânticos uma das motivações para que esses verbos, em sendo muito frequentes, sejam aliciados pelo processo de gramaticalização nas línguas.

2.2. Estágio de Especialização

Com base na estratificação dos verbos *vir* e *virar* e na idéia que alimentamos sobre os motivos para sua gramaticalização nas línguas, pode-se afirmar que esses verbos demonstram sua especialização em determinadas funções sintático-semânticas.

O verbo *vir* especializou-se em marcador locativo. Esse processo justifica-se em seu traço básico de movimento em direção “a um local próximo ao ponto em que se encontra o falante”, o local das atitudes, da interação. Esse movimento permitiu uma reanálise do lugar “aqui” se gramaticalizasse em uma espécie de “marcador atitudinal” em contextos narrativos.

Também o verbo *virar* constrói sua base sêmica sobre traços de movimento oposto a uma direção anterior. Assim, é mobilizado num processo de gramaticalização que culmina com o surgimento de um marcador “tomada de atitude” fortemente conotando “reação” também em contexto narrativo.

Notemos que ambos os verbos adquirem valor semântico-pragmático equivalente, em parte derivada de um processo semântico-sintático e em parte de um processo cognitivo (reanálise), cujo gatilho é o ambiente pragmático. O resultado é o surgimento de novas estruturas lingüísticas que não mais seguem a rota de gramaticalização do verbo pleno respectivo.

2.3. Estágio da Persistência

Os verbos *vir* e *virar* em seus padrões funcionais diferenciados mantêm elos signitivos, que denunciam sua ligação histórica. A persistência de alguns resquícios de traços semânticos da forma-fonte se revela na forma gramaticalizada.

Em todas as funções identificadas no *corpus* tanto para o verbo *vir* quanto para *virar* encontram-se veios de sua trajetória de mudança, que podemos aqui rotular de rotas de gramaticalização.

Em *vir1*, temos *vir* (forma-fonte) delineando traço de [+movimento], configurado semanticamente pelo deslocamento no espaço físico em direção próxima ao falante. Em *vir2*, mesmo ocorrendo a elisão do argumento locativo, há a pressuposição de deslocamento no espaço na direção esperada. Na configuração sintática de *vir3*, embora acompanhado de advérbio temporal, *vir* ainda mantêm traços de movimento no espaço. Em *vir4*, seguido de advérbio de modo, ainda que não ocorra deslocamento físico, há um deslocamento mais abstratizado. Em *vir5*, como verbo quase-auxiliar, apresenta o traço de [+movimento] e de deslocamento no espaço físico. Em *vir6*, novamente notamos a presença do traço semântico de [+movimento] num processo mental. Em *vir7*, há a manutenção do significado lexical de localização espacial e de ponto de partida, no entanto a referência locativa se dá através do contexto discursivo, num processo anafórico. Em *vir8*, configura-se um verbo quase-serial, mantendo resquícios de [+movimento] e deslocamento no espaço, resgatado através do contexto discursivo. Em *vir 9*, como verbo serial, *vir* apresenta valor semântico de deslocamento espacial não mais no plano físico, mas, sim, no plano do discurso, denotando uma tomada de atitude.

Com o verbo *virar*, o estágio da persistência se revela em todos os padrões identificados. Em *virar 1* e *2* têm-se a mudança de direção, de posição e o traço de [+movimento]. Em *virar3*, *virar* assume caráter qualitativo, no entanto continua mantendo traço de movimento no plano mental. Em *virar 4*, é nítido também seu traço de movimento no plano mental, uma vez que é possível afirmar para o falante se coloca em direção ou posição adversa à anterior. Em *virar5*, tem-se a passagem do movimento para o plano do discurso, quando entendemos a manifestação de uma *reação*.

2.4. Estágio da Divergência

O estágio da divergência, que prevê a existência de formas iguais com funções distintas, parece-nos ser uma decorrência natural da *estratificação* e da *persistência*, não se configurando como um estágio independente. Assim, a divergência ocorrida tanto com *vir* quanto com *virar* explica-se na medida em que seus padrões funcionais vão se desenvolvendo.

2.5. Estágio da Decategorização

A mudança de categoria funcional remete ao estágio da decategorização. Assim, se um verbo pleno desliza funcionalmente para verbo quase-auxiliar ou verbo auxiliar, tem-se clara sua decategorização.

Os verbos *vir* e *virar* passam por decategorização. Nem sempre temos a convicção de que integrem um único e mesmo *continuum*, mas seguramente são unidirecionais todas as mudanças empreendidas pelos itens, pois seguem para uma abstratização cada vez mais intensa.

Com base nas considerações tecidas nesta seção, chamamos a atenção para o fato de que quando Hopper trata de estágios seria mais adequado falar em princípios, uma vez que um imbrica-se com o outro numa compulsão necessária. Não se pode falar de um sem se falar no outro.

Fica aqui nossa contribuição para os estudos sobre gramaticalização de verbos que seguem rumo à serialização. Todos os “estágios” propostos por Hopper se manifestam na trajetória de mudança empreendida pelos itens sob análise nesta dissertação, mas julgamos que esses mereceriam ser avaliados à luz da análise de outros fenômenos para que se reconhecesse seu real estatuto após variadas aplicações.

3. Estágios de Gramaticalização de Heine

Partindo-se do princípio de que a gramaticalização não se explica como uma transição que se faz com entidades representadas em blocos inalteráveis, mas como uma expansão gradual do uso de uma entidade original, Heine propõe um *continuum* para representar a evolução de verbos plenos à forma mais gramatical, caracterizados em sete estágios. Desta forma, conforme estudado no capítulo anterior, os verbos *vir* e *virar* apresentam uma dinamicidade estrutural que os distinguem quanto as suas funções sintáticas, demarcadas pelos seguintes estágios⁴:

a) Estágio 1 - O uso do verbo *vir* como verbo pleno caracteriza essa fase. As instâncias que caracterizam esse processo são aquelas em que *vir* aparece acompanhado de argumento circunstancial, quais sejam lugar, tempo e modo. A ocorrência de *vir* com caráter intransitivo, em que aparece com o argumento circunstancial elidido também se estabelece nessa etapa, uma vez que ainda apresenta traços semânticos [+ movimento] e deslocamento.

Vir 1 – Vir + Sig Adv (lugar):

(52) segundo Pedro Iaques eram dois irmãos que **vieram** para o Brasil.(NURC, DID - inquérito 208, inf. 252)

Vir 2 – Vir + 0

(53) Mas eu preferi **vim**. Eu estava em Copacabana, num apartamento e já tinha três filhas. e aí me deu aquele estalo: que o meu espaço está cada- estava, cada vez mais [limitado] e da minhas filhas também. e eu tinha o terreno aqui praticamente abandonado. (C- 43)

Vir 3- Vir + sig Adv. (Tempo)

(54)Ministro da Saúde vem amanhã a Sergipe 04-02-2004. O ministro da Saúde, Humberto Costa, **vem** a Sergipe amanhã (dia 5) para verificar a situação...

⁴ Nesta seção, foram utilizados, além das amostras do NURC e PEUL dados aleatórios da internet (Google) na exemplificação das descrições feitas, uma vez que os usos com *vir* e *virar* não são muito frequentes nos corpus explicitados.

www.informesergipe.com.br/pagina_data.php?sec=7&&rec=3091&&aano=2004&&mms=2

Vir 4 – Vir + S Adv (Modo)

(55)O cão a quem minutos antes tinham estado a fazer festas, **veio alegremente** "saudar" o banhista, eu cheguei antes dele, mas ainda assim não evitei que o rapaz...
filhos-e-companhia.blogspot.com/ - 30k –

Vir 8 – Vir + e + V2 flexionado

(56)mas preciso muito que me faças um grande favor; manda chamar um padre. Eu quero casar-me contigo antes de morrer. - Tu não morrerás.. - Sim, mas manda chamá-lo.. O padre **veio e cumpriu-se** a cerimônia. Depois Violante exigiu que se lavrasse um documento assinado por ela, declarando o modo pelo qual morria. Ficou tudo feito. Era ela a que parecia menos aflita.
(A Condessa Vésper, Aluizio Azevedo/corpusdoportugues.org)

(57)E com estas e outras palavras de consolação foi gastando a noite. Clarimundo depois que se ele partiu, começou de praticar com Carfel nas cousas que o mais deleitavam, ate que a manha **veio e fez** levantar a gente do castelo, e lançaram a ponte por onde se serviam.
(Crônica do Imperador Clarimundo, João de Barros/ corpusdoportugues.org.)

Seguindo a linha de abstratização proposta por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1993), averigua-se que *vir*, quando acompanhado de argumento circunstancial de tempo e modo, apresenta sua base lexical mais abstratizada, já que passa a codificar, em combinação com o argumento, noções temporais. Em um uso ainda mais esvaziado semanticamente, pode expressar tanto noções modais, como de qualidade, o que dependerá do tipo de advérbio que acompanha o verbo *vir*.

Em *vir*₃, observa-se que coexistem dois traços semânticos no uso do verbo *vir* em combinação com o argumento circunstancial. O uso de tal combinação, além de expressar deslocamento no espaço com valor temporal, também codifica a categoria cognitiva de qualidade.

O uso de *vir*₂ apresenta-se mais abstratizado, uma vez que não vem mais seguido de complemento circunstancial.

O verbo *virar*, assim como *vir*, nesse estágio tem seu uso como verbo pleno. Nessa fase, *virar* subcategoriza argumentos, quer seja interno, conforme padrão funcional *Virar1*, quer complemento locativo, conforme *Virar2*, exprimindo noções semânticas de deslocamento (direita e esquerda) no espaço. *Virar4* também se configura nesse estágio, uma vez que é tido como verbo pleno transitivo pronominal.

Virar 1: virar + SN:

(58) Bem feito, o patinho feio sobreviveu e *virou* o braço direito de Dumbledore e, ao mesmo tempo, o membro mais importante da Ordem.
rozenmaiden.forumativo.com/cult-f10/harry-potter-t9-75.htm - 63k

Virar 2: virar + SAdv:

(59) Coronel diz que avião que caiu em SP '*virou* para o lado errado'. Equipes de resgate encontraram o Gravador de Voz da Cabine (CVR).
g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL168830-5605,00.html - 52k

Virar 4: SN + se + Virar:

(60) O povo sempre *se vira*... Está correndo por aí... Comentário da tarde. Dica da manhã...Fotografias.Antes do Journeyman começar.
penachi.blogspot.com/2007/11/o-povo-sempre-se-vira.html - 78k –

b) Estágio 2- É caracterizado pelo uso de *virar* como verbo cópula, funcional, caracterizado como *Virar3* nos padrões funcionais. Não há ocorrências no *corpus* com o uso de *vir* como verbo funcional, de ligação.

c) Estágio 3- Nesta fase *vir* apresenta um maior desgaste semântico. Já não mais desempenha função sintática de subcategorizar argumento circunstancial, passando a configurar juntamente com V2 noções aspectuais. As formas representantes de *vir* nessa fase são aquelas em que o verbo *vir* é considerado como um verbo quase-auxiliar, caracterizadas de acordo com os padrões

funcionais como *Vir 5*, *6* e *7*. *Vir 5* apresenta-se seguido de V2 no gerúndio, *Vir 6* vem seguido da preposição *a* mais V2 no infinitivo e *Vir7*, de V2 no infinitivo.

Em *Vir7*, conforme detalhado nos padrões funcionais, há duas codificações possíveis: *vir* apresentar traços semânticos de movimento e em conjunto com V2 codificar dois eventos; *vir* com traços semânticos totalmente abstratizados, em que, acompanhado de V2, configura um único evento, isto é, quando *vir* estiver flexionado na 1ª ou 3ª pessoa do singular no tempo passado. Para esses tipos de estruturas em que *vir* apresenta total desgaste semântico, de acordo com os estágios de Heine, não há uma definição para a classificação do verbo nessas estruturas. O mesmo se confere para estruturas que apresentam verbos quase-seriais (*Vir8*) e seriais (*Vir9*).

Tal como ocorre em *Vir 8* e *9*, não há uma classificação para *virar 5*, conforme a proposta de Heine.

De acordo com a análise exposta, verifica-se que além de não haver uma classificação coerente conforme os estágios de gramaticalização de verbos propostos por Heine, há ainda autores, como Rodrigues (2006), que não admitem a existência de verbos seriais na língua portuguesa e aqueles, como Pal (2005), que defendem que o uso de tais estruturas sejam frutos da interferência de contato lingüístico com africanos.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, demonstrarei que a formação das estruturas com verbos quase-seriais e seriais na língua portuguesa são resultantes de um processo de apagamento lexical utilizado pelos falantes da língua como forma de economizar informação e, assim, tornar o diálogo mais dinâmico, rápido e eficaz. Verificaremos que o uso da elisão na língua provoca, através da rotinização das formas verbais analisadas neste trabalho, a total abstratização de *vir* e *virar*, sendo, assim, classificado como um caso de verbos seriais.

4. Análise Multissistêmica de Castilho.

Na seção precedente, ofereci uma descrição sincrônica dos usos de vir e virar segundo os estágios propostos por Heinne e Hopper, a partir dos quais argumentei a favor de uma atribuição de valores sintático-semânticos como decorrência de sua gramaticalização. Nesta seção, objetivo checar a hipótese do modelo multissistêmico proposto por Castilho (2003) de que os processos cognitivos acontecem simultaneamente.

4.1. Lexicalização de Vir e Virar.

Segundo a Teoria Multissistêmica, um mesmo étimo pode originar diferentes itens. Desta forma, como explicitado anteriormente, o verbo vir apresenta sua base lexical de origem latina cujo significado remete a idéia de “vir, chegar”, transportar-se de um lugar a outro, expressando, assim, movimento contínuo, de ação atética. Os sentidos prototípicos de vir nesse período constituíram-se a partir das categorias cognitivas de base “evento e espaço”, conforme podemos notar abaixo:

(61) Não, vamos receber o cara!" O cara *vem* do Brasil, um nordestino, para dar um presente para o Papa-seja ele qualquer presente! O Papa tinha que receber o homem! que (ruído) que há, meu Deus! (PEUL/C-03)

A expressão “vem do Brasil” configura uma relação de deslocamento (ação) no espaço, como detalhado abaixo:

<i>Categoria de Base</i>	<i>Categoria Cognitiva Derivada</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>Traços e papéis semânticos</i>
Evento	Dinamismo	atético	agentivo
Espaço	Posição e movimento no espaço	Eixo horizontal, real	Dinâmico, Origem/ meta

Etimologicamente, virar é um verbo de ação significando direção ou posição adversa. Assim, como vir, apresenta traço prototípico a categoria de base / ESPAÇO / EVENTO:

(62) Para mim não machucar ele, eu *virei* para a calçada, aí o menino pegou- o menino veio atrás, para não machucar esse menininho também, ele estava soltando pipa mas não olhando para traz, para não machucar ele foi para a calçada, aí caiu o menino, caiu eu em cima do menino, aí eu me machuquei no joelho e aqui. ("eu me") machuquei.(C- 57)

<i>Categoria de Base</i>	<i>Categoria</i> <i>Cognitiva</i> <i>Derivada</i>	<i>Subcategorias</i>	<i>Traços e papéis</i> <i>semânticos</i>
Evento	Dinamismo	atético	agentivo
Espaço	Posição e movimento no espaço	Eixo horizontal, real	Dinâmico

De acordo com os estudos realizados, nota-se que a partir da forma fonte de vir, outros traços cognitivos foram se agregando aos traços já existentes, originando, assim, novos padrões.

4.2 Semanticização.

Por motivos pragmáticos, ocorreu a necessidade de processo conversacional econômico, que repercutiu nas bases etimológicas de vir, ocorrendo, desta forma, novas acepções para vir:

1. “ Mas eu *vim* assim mesmo”.

Acepção: Ir se deslocando por um caminho

Traço Cognitivo: Evento: Dinâmico/ ação atética/ agente

Espaço: Posição e movimento no espaço/ eixo horizontal (real) /
dinâmico/ Origem/ meta (recuperado pelo contexto)

De acordo com a forma-fonte, vir desativa complemento locativo no espaço físico, mas ativa complemento locativo através do processamento mental, o qual é recuperado através do contexto, pelo processo anafórico.

2. “O pedido *veio* pelo telefone”.

Acepção: Atingir o fim de um trajeto; chegar

Traço Cognitivo:

Evento: dinâmico/ ação atética/ agente (sujeito com traço [- humano])

Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (real)

3. “O amor **veio** da amizade”.

Acepção: ter como causa; originar-se

Traço Cognitivo

Evento: dinâmico/ ação atélica/ agente (sujeito com traço [- humano])

Espaço: imaginário/ abstrato, não mais espaço físico.

4. “Ele **virou** o carro em direção ao morro.”

Acepção: tomar direção; desviar

Traço Cognitivo

Evento: dinâmico/ ação atélica/ agente (sujeito com traço [+ humano])

Espaço: movimento no espaço / eixo horizontal (real)

5. “O tempo **virou**”

Acepção: Sofrer alteração (tempo); mudar

Traço Cognitivo

Evento: dinâmico/ ação atélica/ sujeito agente com traço [- humano]

Espaço: imaginário/ abstrato

Em (2) e (3), vir desativa traço semântico [+ humano] e passa a ativar traço [- humano], além de desativar espaço físico e ativar categoria cognitiva no processo mental, num plano mais abstrato, decorrente do uso de sujeito com traço [- humano]

As análises acima demonstram as descrições dos traços cognitivos de algumas das acepções que vir e virar adquiriram no decorrer do tempo. Cabe, agora, analisar como essas categorias semânticas se manifestam nos tipos estruturais com vir e virar encontradas no corpus em análise. No entanto, tais descrições serão feitas quando tratarmos da Sintaticização, já que vir ao assumir nova acepção, assume simultaneamente outras categorias sintáticas.

4.3 Discursivização

De acordo com os padrões funcionais, o uso de vir 1, vir 2, vir 3, vir 4, vir 5, vir 6 e vir 7 envolvem uma finalidade ou propósito para a realização de vir, (vir de algum lugar para realizar algo) aos elementos referenciados (Tema- Rema) no discurso.

Em vir 8 e vir 9, em que temos vir como verbo quase-serial ou serial, vir tem sua carga semântica esvaziada e nessas situações o uso de vir não se refere mais ao plano físico e sim ao plano do discurso.

Da mesma forma que ocorre com vir serial, virar como verbo serial também assume categoria discursiva, já que o uso de tal verbo é tido, discursivamente, como a posição tomada pelo falante ao realizar a ação descrita por V2.

4.4 Gramaticalização dos verbos Vir e Virar

4.4.1 Sintaticização de *Vir*

Além do uso descrito sob rótulo de vir e virar como verbos plenos, outras estruturas que não aparecem suficientemente descritos nas literaturas são os tipos estruturais abaixo:

1-Verbo Pleno: Vir neste tipo oracional é caracterizado como verbo pleno e vem seguido de complemento locativo.

Tipo estrutural	SN + V pleno + adj. Adv .(lugar) + finalidade
<p><i>Traço Cognitivo:</i> Evento: dinâmico/ ação atélica/ agente (sujeito com traço [+humano]) Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (real)/ origem- meta</p>	
Exemplos	

(63) ela *veio* para São Paulo Paulo fazer EAD aqui... (NURC,Inquérito nº 333 , inf. 124)

2- Verbo Pleno com base semântica esvaziada: Neste tipo oracional, ocorre a desativação do complemento locativo no espaço físico e a ativação de um espaço, que não deixa de ser real, no plano mental, o qual é recuperado pelo falante através do processo anafórico.

Segundo Willet (1988), tal processo se caracteriza pelo fato de o falante saber da situação descrita somente por meio da inferência, mas não aparece especificado se essa inferência está baseada em resultados observáveis ou se somente em raciocínio.

Tipo estrutural	SN + V pleno + finalidade
<p><i>Traço Cognitivo:</i> Evento: dinâmico/ ação atética/ agente (sujeito com traço [+humano]) Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (real)/ origem- meta (desativado)</p>	
Exemplos	
<p>(64)Mas eu preferi <i>vim</i>. Eu estava em Copacabana, num apartamento e já tinha três filhas. e aí me deu aquele estalo: que o meu espaço está cada- estava, cada vez mais [limitado] e da minhas filhas também. e eu tinha o terreno aqui praticamente abandonado. (C- 43)</p>	

3- Verbo Pleno com base semântica esvaziada: Vir desativa complemento locativo, ativa adjunto adverbial ou expressão equivalente com valor temporal. O valor de intenção/ finalidade é mantido.

Conforme Ilari et al. (1996), uma noção necessária para a identificação da contribuição semântica dos advérbios é a noção de escopo, entendida como um conjunto de conteúdos afetados por algum operador, no caso, o advérbio. Os autores advertem que as maneiras como o advérbio pode afetar a construção de que ele participa são extremamente variadas, sendo suas posições (marginais ou intercaladas) um dos fatores determinantes do escopo.

Para Dik et al. (1990), os satélites, em geral, são meios lexicais opcionais que sustentam a informação adicional e que, se omitidos, não afetam a boa-formação do enunciado em que ocorrem.

Tipo estrutural	SN + V pleno+ Adj, adv. (tempo) + finalidade
<i>Traço Cognitivo:</i>	
Evento: dinâmico/ ação atética/ agente (sujeito com traço [+humano]) Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (real)/ origem- meta (desativado)	
Exemplos	
(65) Só se eu for ali é pescar ele agora, porque esse peixe <i>veio de manhã</i> ," ou <i>veio ontem</i> , ou <i>veio antes de ontem</i> . "Mas está aqui no freezer é ele está conservado, apenas está morto é morreu ontem, antes de ontem." é eu não gosto desonestidade, então eu não gosto dizer para pessoa- que tem pessoa que: "não, ele morreu agora, ("cara"). ...às vezes o peixe tem três dias.	

4- Verbo Pleno com base semântica esvaziada: Vir desativa advérbio ou expressão adverbial temporal e passa a ativar adjunto adverbial de modo. O valor de intenção/ finalidade é mantido.

Tipo estrutural	SN + V pleno + Adj. Adv. (modo) + finalidade
<i>Traço Cognitivo:</i>	
Evento: dinâmico/ ação atética/ agente (sujeito com traço [+humano]) Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (real)/ origem- meta (desativado)	
Exemplos	
(66) Ele também [um homem que-] ele e um homem que ele não luta por nada, (est) porque o que, dele, ele sabe que a ele vai chegar no tempo certo. Então o progresso dele <i>veio naturalmente</i> .(C – 43)	

5- Verbo Quase - Auxiliar: Vir desativa advérbio de modo e expressão equivalente a finalidade/ intenção de realizar algo. No entanto, ativa um V2 com valor modal, no gerúndio, além de ativar também um tempo [+ durativo]

Tipo estrutural	SN + V1 quase-auxiliar + V2 (gerúndio)
-----------------	--

<i>Traço Cognitivo:</i>	
Evento: dinâmico/ ação atética/ agente (sujeito com traço [+humano]) Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (real)/ origem- meta (desativado)	
Exemplos	
(67)Dando uns gargalhada, sabe? ("Ela parecia") que estava com encosto, assim, ruim, do bicho ruim. Aí vem rindo . Aí pegou, a minha tia entrou aqui dentro de casa, apanhou uma coberta, abafou ela correndo. (J-06)	

6- Verbo Quase - Auxiliar: Vir apresenta sua base lexical mais desbotada, assim desativa complemento circunstancial e expressão indicativa de intenção/ finalidade. No entanto, ativa preposição mais verbo no infinitivo, o qual modifica o sentido de vir, acionando um tempo [+durativo].

Tipo estrutural	SN + V I _{quase-auxiliar} + Sprep + V2 infinitivo
<i>Traço Cognitivo:</i>	
Evento: dinâmico/ ação atética/ agente (sujeito com traço [+humano], tempo [+duração]) Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (real)/ origem- meta (desativado)	
Exemplos	
(68)...único possível nas atuais circunstâncias mas também o preferido por mim...eu realmente... talvez pela circunstância em que viajo... venha a preferir o avião sobre outro meio... (Nurc, inf.303 e 304)	

7- Verbo Quase - Auxiliar: Nessa estrutura, vir, de acordo com a forma-fonte, desativa argumento circunstancial e, em alguns casos, a preposição “para”. Com a desativação dos termos mencionados, ocorre a aproximação do verbo no infinitivo, possibilitando uma nova estruturação sintática. O que se constata é que à medida que vir avança, sofre alteração de propriedade

sintático-semânticas, decategoriza, alterando, assim, os privilégios sintáticos de sua categoria original e, neste tipo oracional, passa a ser reanalisado como um verbo quase-auxiliar.

Tipo estrutural	SN + V1 + V2 (infinitivo) + finalidade/ intenção
<i>Traço Cognitivo:</i>	
Evento: dinâmico/ ação atética/ agente (sujeito com traço [+humano]) Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (real)/ origem- meta (desativado)	
Exemplos	
(69) <i>Vim morar</i> no morro não tem perigo não.(J-06)	

8- Verbo Quase-Serial: Por ainda manter traços semânticos do verbo pleno, como deslocamento no espaço físico, vir desativa intenção/ finalidade e o ponto/ meta a ser alcançado, ativando flexão de tempo, modo e pessoa igual a de V2.

Tipo estrutural	SN + V1 + V2 (flexionado)
<i>Traço Cognitivo:</i>	
Evento: dinâmico/ ação atética/ agente (sujeito com traço [+humano]) Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (real)/ origem- meta (desativado)	
Exemplos	
(70)O que se passa na cabeça de uma menina dessa depois de heras na praia, ela nem conhecia, ela ficou dando mole, aí <i>veio conversou</i> , ela tinha um filho, aí deixou com uma dona que parecia ser mãe dela, aí foi numa boa. (R-10)	

9 - Verbo Serial: Vir apresenta-se totalmente abstratizado, desativando, assim, termos locativos, deslocamento no plano físico e intenção/ finalidade de realizar algo. No entanto, ativa um deslocamento que não se refere mais ao plano físico, mas sim, do discurso, para se referir a tomada de atitude por parte do falante.

Tipo estrutural	SN + V1 + V2 (flexionado)
<i>Traço Cognitivo:</i>	
Evento: dinâmico/ ação atética/ agente (sujeito com traço [+humano]) Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (real)/ origem- meta (desativado)	
Exemplos	
(72) Olha, essa eu já tive uma filha, sem ser essa que está lá agora, uma filha que aos dezoito anos resolveu morar nos Estados Unidos, foi pros Estados Unidos, viveu lá, casou, teve filho lá, veio voltou pro Brasil com marido e com uma família formada, e que aí o casamento dela, aqui no Brasil, se desmanchou. (R- 11)	

4.4.2 Sintaticização de *Virar*

1 - Verbo Pleno: Virar é caracterizado como verbo pleno subcategorizador de argumento externo.

Tipo estrutural	SN + V _{pleno} + SN
<i>Traço Cognitivo:</i>	
Evento: dinâmico/ ação atética/ agente (sujeito com traço [+humano]) Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (real)/ origem- meta (desativado)	
Exemplos	
(73) Bem feito, o patinho feio sobreviveu e virou o braço direito de Dumbledore e, ao mesmo tempo, o membro mais importante da Ordem. rozenmaiden.forumativo.com/cult-f10/harry-potter-t9-75.htm - 63k	

2- Verbo Pleno: Virar apresenta traço semântico mais abstratizado e, por isso, passa de verbo pleno subcategorizador de argumento externo a verbo intransitivo, o qual vem seguido de complemento circunstancial de lugar. Assim, desativa argumento externo e ativa sintagma locativo.

Tipo estrutural	SN + V _{pleno} + S. adv (lugar)
<i>Traço Cognitivo:</i>	
Evento: dinâmico/ ação atética/ agente (sujeito com traço [+humano]) Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (real)/ origem- meta	
Exemplos	
(74) Para mim não machucar ele, eu virei para a calçada. (PEUL / C-57)	

3- Verbo Cópula: Nessa estrutura, virar assume a categoria de verbo cópula (de ligação) seguido de sintagma qualitativo. Virar desativa traço de movimento, ativando traço estativo.

Tipo estrutural	SN + V _{cop.} + S. adj.
<i>Traço Cognitivo:</i>	
Evento: dinâmico/ ação atética/ agente (sujeito com traço [+humano]) Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (imaginário)/ origem- meta (ambos desativados)	
Exemplos	
(75) Quer dizer, eu tinha que apanhar a dona de manhã, levar lá em casa e de noite levar a dona de novo. (ruído) Quer dizer, e nisso eu virei chiclete de onça, não é? Eu fiquei magrinho. Magrinho é (fala rindo) chiclete de onça- é a pessoa magra. Eu fui secando. (PEUL/ C-42)	

4- Verbo Reflexivo: Virar sendo verbo pronominal vem sempre acompanhado de pronome oblíquo, sendo categorizado como verbo transitivo. Desta forma, desativa traço estativo, reativa traço de transitividade e ativa complemento pronominal.

Tipo estrutural	SN (oculto) + se + Virar
<i>Traço Cognitivo:</i>	

Evento: dinâmico/ ação atélica/ agente (sujeito com traço [+humano]) Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (real)/ origem- meta (desativado)
Exemplos
(76) Eu faço minha comida. Eu tenho também- (hes) às vezes eu, quando não tenho tempo, eu peço, eu pago uma pessoa para vim fazer para mim é tudo, (est) tem aí sempre, não falta ("quem") não faça, não é? chega aí, pega, <i>se vira</i> , faz um peixe, faça uma carne, faz uma macarronada- tudo isso tem quem faça, não é? (C- 03)

5- Verbo Serial: Virar apresenta traço semântico de movimento totalmente desbotado. Como vir serial, desativa traço semântico de movimento no plano físico, mas passa a ativar um espaço no plano discursivo, uma vez que virar não é tido mais como um movimento referente ao deslocamento do falante, mas sim como uma tomada de atitude do mesmo, como ato ou efeito de realizar algo.

Tipo estrutural	SN + V1 + V2 (flexionado)
<i>Traço Cognitivo:</i>	
Evento: dinâmico/ ação atélica/ agente (sujeito com traço [+humano]) Espaço: movimento no espaço/ eixo horizontal (real)/ origem- meta (desativado)	
Exemplos	
(77)Eu não sei! Eu sei que ele apanhou, assim, aí saiu. eu só vi cabelo. Aí eu <i>virei, falei</i> : "o quê que foi doutor?" (PEUL/J-06).	

Um ponto significativo a ser destacado nesta seção é a razão fundamental das postulações que se fazem a cerca da unidirecionalidade. Pelos estudos realizados, verifica-se que há a hipótese de que se tenha originado novos usos a partir do item-fonte. Segundo o modelo de análise da análise multissistêmica, tal hipótese não surte efeito, uma vez que a língua não é vista como produto em

que perpassa por vários estágios até atingir uma forma mais gramatical, mas sim, como língua-processo, em que exhibe simultaneamente propriedades lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais, variando o grau de saliência entre elas, por razões pragmáticas.

Na análise multissistêmica dos verbos em estudo, verifica-se que os domínios ocorrem simultaneamente, mas ainda nos deixa a indagação quanto ao processo ocorrido no desenvolvimento de um item [+concreto] à forma [+ abstrata]: Unidirecionalidade ou multidirecionalidade?

Capítulo III – Problematização: Serialização e Seriais

Neste capítulo, apresento uma resenha crítica dos estudos sobre serialização verbal em línguas estrangeiras e, na

seqüência, analiso o estatuto de locuções verbais, tempos compostos e perífrases nas gramáticas normativas e em dois estudos descritivos empreendidos por lingüistas. Essa resenha se prestará como forma de alertar para as implicações da gramaticalização de verbos para o sistema gramatical das línguas e para a confusão de rótulos existentes na descrição das línguas em geral.

1. Estatuto, critérios, motivações e tipologia de verbos seriais

Num simples levantamento bibliográfico sobre verbos seriais, encontra-se um rol de trabalhos divergentes quanto a vários aspectos que circundam a noção de verbos seriais. Há os mais variados rótulos para designar verbos seriais, dentre os quais se citam perífrase serial, verbo serial, verbo consecutivo, serialização verbal.

Essa inconstância no emprego dos mesmos rótulos gera certo desconforto na discussão do tema. Revela-se uma divergência no âmbito da nomeação do objeto de investigação em pesquisas lingüísticas, mas há uma polêmica maior no que se refere ao estatuto do objeto nomeado. Trata-se da confusão existente no emprego do rótulo *verbos seriais*.

Uma boa parte dos pesquisadores que lidam com verbos seriais define-o como a seqüência de dois ou mais verbos numa oração codificando um único evento. Ocorre que há também os que a empreguem para se referir a qualquer tipo de seqüência verbal, independentemente do número de eventos codificados sintaticamente.

Ao se considerar a falta de convergência que permeia a definição, pode-se levar em conta que uma oração simples para codificar um único evento numa determinada língua é codificado em uma outra língua como verbo serial, isto é, dois ou mais verbos são necessários para codificar a seqüência de ações que culminam com o evento principal a ser codificado.

Se se levar em conta que, por exemplo, no inglês, há a tendência de se saltarem aquelas unidades intermediárias que são ações pressupostas e altamente inferíveis pelos falantes, então talvez o critério comparativo entre línguas não fosse suficientemente seguro e confiável para se identificar o que é um verbo serial.

Nesta seção, apresento uma revisão das posições assumidas por vários autores e, ao final, demonstro que essa confusão tem feito proliferar as confusões no tratamento lingüístico.

Sebba (1978, 1984) argumenta que construções com verbos seriais devem ser entendidas no contexto da tipologia lingüística e da variabilidade de codificação e não em relação a uma tipologia cognitiva. Assim sendo, a codificação dos eventos em uma oração depende da tipologia de cada língua e das possibilidades de codificação por ela determinada.

O que o autor quer dizer é que existem tipos de línguas que detêm a possibilidade de manifestar expressões por meio de verbos seriais e outras, não. É a posição assumida por alguns estudiosos, dentre os quais cito Escure (1991), para quem estruturas serializadas associam-se tipicamente às línguas do oeste africano e asiático e ocorrem em diversos graus em línguas de pidgin e crioula. Esse argumento também é ratificado por Byrne (1987), Jansen et alii (1978) e Manessy (1985).

Com base no que tenho lido e analisado sobre verbos seriais, acredito que seria mais provável dizer que a possibilidade de combinação entre verbos deve estar relacionada às situações comunicativas em cada língua. Dessa forma, informações compartilhadas ou altamente inferíveis pelo interlocutor podem ser elididas da seqüência sintática e aproximar elementos antes distantes sintaticamente.

A definição de Lawal (1993), que assume uma perspectiva dos processos de combinação sintática de orações, afirma que a ligação existente entre os verbos codificados na estrutura serial instancia-se sem qualquer marcador evidente de coordenação ou subordinação. Segundo a autora, essas orações apresentam a seguinte forma: [SN SV (SV)]⁵.

Mas existe um grupo de autores que lida com a problemática como uma mudança gerada diacronicamente. Lord (1993) junta-se a esse conjunto de autores ao defender que características, como tempo, aspecto, modo e polaridade, além do compartilhamento de argumentos sujeitos e objetos atuam para o estreitamento de duas orações, primitivamente, independentes. Sob o

⁵ Esse tipo de construção foi identificado pela autora na língua Yorubá.

ponto de vista da configuração sintática, Lord, como Lawal, afirmam que verbos seriais equivalem à sucessão de verbos sem auxílio de conectores.

Também integrando o grupo dos que tratam dos verbos seriais como um efeito diacrônico do uso de duas sentenças independentes entre si, Svorou (1994) enfatiza que verbos seriais são fenômenos sintáticos com conseqüências morfológicas e semânticas.

A autora explica que as construções serializadas expressam uma série de relações entre os eventos descritos pelos verbos na série como propósito, simultaneidade e conseqüência e que cada estrutura passaria por um processo diacrônico de reanálise decorrente do contexto e seqüenciamento sintático.

Retoma, então, os argumentos de Byrne (1991), que quatro anos antes defendia que a elisão de componentes na sentença, tais como os argumentos internos e externos, afirmando que poderiam fazer emergir as estruturas serializadas, uma nova configuração sintática.

T. Givón (1975: 82-84, *apud* Svorou, 1993: 111), também numa abordagem diacrônica, propõe um *continuum* derivativo para os verbos, incluindo, aí, o verbo serial: VERBO > VERBO SERIAL > CO-VERBO > MORFEMA ESPACIAL. Talvez esse *continuum* possa ser sustentado para o português do Brasil, mas, até onde posso ver, falta a esse *continuum* nódulos intermediários de desenvolvimento, pois, em muitos casos um serial pode provir de uma seqüência coordenada de eventos. Essa derivação implicaria que a combinação de orações fosse explicitada nesse *continuum*: coordenação de eventos por meio de dois verbos (verbo pleno + verbo pleno) > codificação de um evento por meio de dois verbos (verbo vazio semanticamente + verbo pleno).

Cada um desses autores, em seu recorte de análise, contribui para o delineamento de verbos seriais nas várias línguas, pois todas as línguas podem, a depender das soluções comunicativas assumidas pelos falantes, manifestar estruturas lingüísticas contendo verbos seriais, que devem ser definidos como uma seqüência de mais de um verbo empregada para codificar apenas um evento.

2. Critérios de identificação dos verbos seriais

A idéia desta seção é comparar os critérios oferecidos pelos autores em seus estudos a fim de obter, desse cotejo, o padrão formal que subjaz às estruturas que manifestam verbos seriais.

Para Goddard (1988) a ocorrência de verbos justapostos que compartilham o mesmo argumento, mas sem conector explícito, são caracterizados *verbos seriais*. O autor baseia-se em dados da língua Yankunytjatjara, que apresenta uma estrutura de serialização invariavelmente composta de um verbo (não-inicial) e um que, sendo principal, apresenta um entre os quatro sufixos: -l, -o, -n, -ng.

Givón (1991), que assume uma perspectiva comparativa entre línguas para o reconhecimento de verbos seriais, afirma que se, no exercício de conversão de uma seqüência verbal de uma língua para outra, for exigido um número diferente de verbos, estar-se-ia diante de um verbo serial.

Em outras palavras, um evento ou estado em uma língua pode ser codificado como uma oração simples, representada por um único verbo, mas em outras línguas essa mesma codificação poderá exigir uma oração complexa com dois ou mais verbos. Também o aspecto fônico é relevante em sua identificação, já que dentro de uma proposição é concatenada outra, e ambas correlacionam-se pelos verbos e argumentos nominais, tornando-se uma única sentença, uma vez que há um único contorno entonacional para a sentença complexa.

Na língua yankunytjatjara, como bem explica Goddard (1988), as construções com verbos seriais são agrupadas em várias categorias, de acordo com a variação semântica existente no interior de cada item. Ressalta que, para que ocorra uma serialização em yankunytjatjara, os critérios são os seguintes: cada verbo poderá ter argumentos e modificadores para si; os verbos que compõem a serialização fornecem ações simultâneas para um único assunto, além de ser uma implicação de causalidade. O verbo finito carrega as marcas de tempo, modo e condição da série inteira e determina o caso que marca o evento. Critérios similares apresenta Bole-Richard (1978:24), que argumenta sobre a alta integração sintática desse tipo de oração, especialmente marcada pelo compartilhamento de tempo, aspecto e modo sem ser ligados por conectivos.

Lord (1993) cita exemplos de várias línguas do oeste africano (por exemplo, Yorubá, Igbo⁶). Neles, a construção prototípica indica ação ou estado expresso pelo segundo verbo (ou não-inicial) de uma frase, cujo valor semântico sugere o crescimento abundante da ação denotada pelo primeiro verbo da seqüência. O segundo verbo pode representar uma das seguintes noções: desenvolvimento crescente, conseqüência, resultado, meta ou clímax da ação chamada pelo verbo prévio.

The action or state denoted by the second (or non-initial) verb phrase is an outgrowth of the action denoted by the first verb phrase; the following verb phrase represents a further development, a consequence, result, goal, or culmination of the action named by the previous verb (LORD, 1993, p.2)

Com relação à língua chinesa (mandarim), também a combinação ação-resultado é uma interpretação comum. Em se tratando de verbos seriais, estas aparecem em vários contextos, associadas às noções de simultaneidade, alternância e sucessões.

Como em muitas discussões se fazem referência a orações complexas, vale esclarecer sua conceituação. Para tanto, selecionei Lawal (1993), que, além de definir, explicita critérios formais pormenorizados.

Segundo Lawal, uma oração complexa é aquela que apresenta dois ou mais verbos compartilhando argumentos externos e internos, no entanto não se deve esperar um número específico de verbos para classificar uma sentença complexa, pois essa conta pode diferir de língua para língua e mesmo em estruturas complexas de uma mesma língua. Em Yorubá, pode-se identificar cinco propriedades gramaticais que caracterizam as orações complexas:

- **sujeito co-referencial:** o sujeito não pode ser apagado ainda que co-referencial a um SP na cláusula matriz. A única exceção para esta regra é a cláusula com verbo no infinitivo, a qual exige o apagamento obrigatório do sujeito de uma cláusula subordinada;
- **distribuição do advérbio:** alguns advérbios aparecem tanto na posição pré-verbal, modificando cada um dos verbos separadamente, quanto na posição pós-verbal, que é mais rara na língua. Também existem advérbios preposicionados, que têm capacidade para ambigüizar uma sentença se vier posposto, haja vista que pode tomar como escopo tanto V1 quanto o

⁶ No Yorubá, estruturas serializadas detêm interpretação de ação-resultado sem emprego de conectivos, enquanto no Igbo isso não ocorre.

verbo encaixado. Em anteposição, somente uma interpretação será possível, posto que modificará o verbo principal.

- **focalização:** com a focalização de um verbo, focaliza-se o evento como um todo.
- **Pronominalização:** um sintagma nominal na oração encaixada é co-referencial do sujeito na oração matriz, sendo retomado pela utilização do pronome.

Aikhenvald (1999), por seu turno, atribui às construções com verbos seriais o comportamento típico de seqüenciamento de vários verbos que atuam juntos em um só predicado (um evento simples com uma única unidade entonacional) compartilhando todas ou algumas das seguintes propriedades tais como: sujeito, tempo, aspecto, modalidade e, na maioria das vezes, valores de polaridade. É uma estrutura que rejeita marcadores de independência sintática, tais como conjunções subordinadas e coordenadas.

Como forma de reconhecer os critérios convergentes, elaborei um quadro sinóptico contendo os autores e as propriedades julgadas por eles relevantes para distinguir uma estrutura contendo verbo serial:

	Goddard (1998)	Givón (1991)	Lord (1993)	Aikhenvald (1999)	Bole- Richard (1978)
compartilha sujeito e objeto	x	x	x	x	
rejeita conector	x			x	x
não-equivalência quantitativa de verbos em traduções		x			
contorno entonacional único		x		x	
compartilha tempo e modo	x			x	x
implica causalidade	x				
V1 determina caso de V2	x		x		
V2 codifica ação ou estado			x		
desenvolvimento crescente, consequência, resultado, meta ou clímax da ação			x		
seqüência de vários verbos	x	x	x	x	x
compartilha polaridade				x	
compartilha aspecto				x	x
compartilha condição	x				

De acordo com o quadro acima, verifica-se, para efeito de recorrência dos critérios identificadores de verbos seriais pelos autores estudados, que somente os itens são critérios relevantes na identificação dos seriais, dentre os cinco autores mencionados.

- i. compartilhar sujeito,**
- ii. Rejeitar conector**
- iii. Compartilhar tempo e modo**
- iv. Seqüência de verbos**

No que diz respeito ao compartilhamento de aspecto, somente dois deles caracterizam a identificação dos seriais pelo critério descrito. Dos demais critérios aventados, não há casos de recorrência, posto que, segundo os autores, cada língua apresenta uma gramática específica para a identificação do caso em estudo.

3. Motivação para o uso de verbos seriais

Dos autores consultados, alguns poucos discutem, sem referendação diacrônica, a motivação para que as línguas tenham estruturas com verbos seriais. A maioria defende que a existência de verbos seriais nas línguas deve-se ao tipo específico de língua, como já expus anteriormente.

Mesmo em meio aos argumentos desse grupo de pesquisadores que atribuem o uso a línguas ditas “exóticas”, há também alguns poucos argumentos que remetem a motivação de uso a estratégias comunicativas de outras sincronicas passadas, as quais poderiam ter gerado uma nova configuração sintática do seqüenciamento verbal.

Givón (1991) argumenta que a reanálise histórica teria feito emergir verbos. Tendo em vista que reanálises são motivadas sintaticamente, essas mudanças categoriais derivariam a reorganização do léxico.

In the course of time, however, a slow and gradual reanalysis occurs, by which the verbs – except for one become grammaticalized as case markers, eventually becoming bound to their respective nominal arguments”. (GIVÓN, 1991, p.95)

Observem-se os exemplos arrolados por Givón para exemplificar verbos seriais nas línguas Nupe, Yatye e Yorubá, em que dois verbos são empregados para codificar, na língua inglesa, apenas um evento. Em (78), (79) e (81), têm-se exemplos com o verbo *pegar* ligado, respectivamente, aos verbos *fechar*, *quebrar* e *trazer*; já, em (80), há o emprego do verbo *correr* ligado ao verbo *ir*.

Embora em cada oração ocorram dois verbos, somente um é o verbo pleno da oração no inglês. Isso demonstra que, em algumas línguas, há a necessidade de se marcar o processo de acontecimento da ação. Se se pretende afirmar que alguém quebrou uma panela, será necessário também incluir um verbo instrumental (pegar), pois, a cena prototípica de quebra de panela envolve necessariamente um verbo de manipulação ou instrumental.

- | | |
|---|---|
| <p>(78) (ACCUSATIVE, Nupe)</p> <p><i>ú lá dū kū lá</i>
 boy took stick shut door
 The boy shut the door with a stick'
 O menino fecha a porta com uma vara.</p> | <p>(79) (INSTRUMENTAL, Yatye)</p> <p><i>íywi awa òtsi ikü utsí</i>
 he take pot break '
 He broke the pot'
 Ele quebrou a panela.</p> |
| <p>(80) (LOCATIVE, Nupe)</p> <p><i>u blcì lō dziká</i>
 he ran go market
 'He ran to the market'
 Ele correu para o Mercado.</p> | <p>(81) (LOCATIVE, Yatye)</p> <p><i>íywi awa ínyahwe awa ítywi</i>
 boy took book went house
 'The boy brought the book home'
 O garoto trouxe o livro para casa.</p> |
| <p>(82) (DATIVE-BENEFACTIVE, Yorubá)</p> <p><i>mo mu íwé wá fín o</i>
 I took book come give you
 'I brought a book for you'
 Eu trouxe um livro para você.</p> | |

Existe, contudo, uma outra explicação que aparece comumente em estudos que lidam com línguas crioulas: a falta de instrumentos gramaticais. A título de ilustração, citamos Sebba (1984), que defende a presença de verbos seriais exclusivamente em línguas ditas “crioulas”, e justifica que a ausência de morfologia derivacional e o vocabulário limitado seriam motivações para que houvesse verbos seriais nessas línguas. Seria, assim, a serialização uma estratégia sintática de compensação para aumentar o repertório lingüístico.

Se esses autores estiverem corretos em suas argumentações, deveríamos nos perguntar a que tipo de estruturas sintáticas estariam eles se referindo. Pergunto-me, em cada exemplo lido dessas línguas ditas “exóticas” traduzido para o inglês, se seria realmente uma morfologia mais enxuta a motivadora de serialização verbal.

Ao que parece, o emprego de seriais tem maior relação com os eventos em si, com as intenções dos falantes e também com o tipo de situação comunicativa do que com a gramática em si. Então, a estrutura gramatical seria, como é comum observar entre os estudos funcionalistas, decorrente de estratégias comunicativas demandadas em situações cotidianas reais.

4. Tipos de estruturas com verbos seriais.

Givón (1979a) também preocupou-se em seus estudos em estabelecer uma tipologia de *verbos seriais* e arrolou cinco tipos de estruturas, ora separadas preponderantemente pelo tipo de estrutura formal, ora pelo valor semântico, ora pela função discursivo-pragmática, como é o caso daquele descrito na alínea *b*.

a) marcador de caso – este tipo tem sido mais evidente no oeste africano, sudeste asiático e na Oceania. Os verbos seriais são usados de diferentes formas como marcadores de argumentos

nominais. Nos exemplos seguintes, é possível ver a marcação dos seguintes casos: paciente (83); locativo (84); benefactivo (85); e instrumental (86)

(83) She take-stick break (paciente)
Ela pegou a vara quebrou.
She broke the stick./Ela quebrou a vara.

(84) She walk go-market. (locativo)
Ela caminhou foi para o Mercado.
She walked to the market/ Ela caminhou para o Mercado.

(85) He work give-her. (benefactivo)
Ele trabalhou e “deu” para ela.
He worked for her/ Ele trabalhou por ela.

(86) She take-knife cut meat. (instrumental)
Ela pegou a faca e cortou a carne.
She cut the meat with the knife/ Ela cortou a carne com a faca.

b) verbo co-lexicalizado – este tipo é comum no mandarim (THOMPSON, 1973), na papua-Nova Guiné (PAWLEY 1966, 1980, 1987; BRADSHAW 1982) e na Oceania (CROWLEY 1987). Nas orações, dois ou mais verbos co-lexicalizados são usados para serializar um único evento.

(87)She hit-break the glass.
She broke the glass.
Ela quebrou o vidro.

(88) He cut-split wood.
He chopped wood.
Ele cortou a madeira.

c) marcador de dêitico-direcional – este tipo é comum em tok-pisin (GIVÓN 1988) e em línguas faladas na Oceania (CROWLEY 1987), na língua ameríndia (GIVÓN 1970) e tibeto-burman (DE LANCEY 1980). Nessas construções, verbos com valor dêitico, como *come* e *go*, os quais se gramaticalizam seguindo a seguinte direção: de movimento no espaço físico para deslocamento no tempo.

(89) He walked he-go
 He walked away (from a reference point)
 Ele andou afastado.

(90) She took the book she-come
 She took the book toward. (a reference point)
 Ela pegou o livro ali.

d) marcador de aspecto temporal – este tipo, algumas vezes indistinguíveis na complementação do verbo, é encontrado em tok-pisin, em línguas do oeste africano, do sudeste asiático e também nas línguas crioulas⁷. Esses verbos desempenham função de marcador de aspecto e de modo. No exemplo (85), o primeiro verbo marca o aspecto durativo do segundo verbo; em (86), o primeiro verbo funciona como morfema de futuro; e em (87), o primeiro verbo atua como marca de perfectividade.

(91) He stay work
 He is working (durative)
 Ele está trabalhando.

(92) He go work
 He will work (future)
 Ele vai trabalhar.

(93) He work finish
 He has already worked (perfective)
 Ele já trabalhou.

e) marcador evidencial e epistêmico – este tipo é encontrado em Iroquois⁸ (MITHUN 1986) ou na língua inglesa (THOMPSON & MULAC 1991). No exemplo (88), o falante sinaliza a fala do outro, eximindo-se do ato de fala seguinte; no exemplo (89), há a marca do sentimento de conformação do falante diante de um evento apresentado pelo verbo sucedente; em (91), há a marca inferencial no primeiro verbo; e em (92), uma frase de interpretação ambígua, dois sentidos podem ser depreendidos⁹. Em ambos, fica a certeza de uma constatação do falante. O segundo verbo, contudo, já se apresenta decategorizado como marcador conversacional.

(94) They say she's coming. Eles dizem que ela está vindo.

(95) I understand he's leaving. Eu entendo que ele está partindo.

(96) I think she's home. Eu penso que ela está em casa.

⁷ O autor cita, ainda, o austronesiano, língua falada nas ilhas de Tombo (Costa do Oceano Pacífico).

⁸ Língua indígena.

⁹ As duas interpretações possíveis são: Ela sobrou, eu sei; Ela saiu, eu sei. Agradeço à leitura do Prof. John Milton.

(97) She's left, y'know. Ela sobrou, eu sei. Ela saiu, eu sei.

O tipo de estrutura serializada na alínea **a** poderia com razoável facilidade também explicar os casos arrolados nas demais alíneas. Também nas alíneas **c** e **d** nota-se a presença do verbo *ir* sinalizando duas funções relacionadas diacronicamente em sua derivação. Referimo-nos às funções de direção e de futuro. Em última instância de análise, a diferença seria marcada pela posição dos verbos na sentença.

Goddard (1988), com base nos casos identificados na língua yankunyjtajjara, apresenta a seguinte tipologia de verbos seriais. Observe-se o exemplo (98), em que o verbo *ngari-ra* possui o argumento locativo *mimili-la*, ao passo que o verbo principal *mungawinki* é marcador temporal. No exemplo (99), o autor mostra que os verbos que caracterizam a serialização podem ter objetos distintos, se forem transitivos.

(98) Munu-li Mimili-la ngarí-ra, rnungawinki maa-yana-nyi, Intalka-ku-lta.
 ADD-lduNOM Mimili-LOC NAME lie-SERIAL morning away-go-PRES Indulkana-PURP-and then
 And having slept at Mimili, in the morning we'll go off to Indulkana.
 E tendo dormido em Mimili, de manhã partiremos para Indulkana.

(99) Munu kapi-lta tjiki-ra kutanu kata-ngka tjunku-la,,
 ADD waterACC-and then drink-SERIAL grass speciesACC head-LOC put-SERIAL
 kulyakulya-ra, kata karki-ra, kulpa-pai.
 sprinkle-SERIAL headACC bind-SERIAL return-CHAR
 And having drunk some water, and put the grass on the head, sprinkling (one's self), (one) binds it to
 the head and returns.
 E tendo bebido um pouco de água, jogou sobre si próprio a grama na cabeça.

Essa definição de verbo serial agrega mais uma concepção diversa das discutidas até aqui. Para Goddard, o verbo principal precede o verbo consecutivo, sinalizando duas ações que ocorrem. O exemplo (100) ilustra a implicação de causalidade; em (101), vários verbos compartilham o mesmo sujeito e objeto da sentença em que o verbo finito poderá ter argumentos periféricos; e em (102), o assunto referencial do verbo principal inclui o assunto consecutivo.

(100) Papa pala mira-nyi, walytja putu
 dogNOM just there cry out-PRES ownerACC in vain nyaku-la.see-SERIAL
 That dog is crying out, not being able to see (its) owner.

O cachorro está uivando, não sendo visto pelo seu dono.

- (101) Karingana (apu-ngka) atu-ra, (wira-ngka) yuru-ra, (mara-ngku) kaputu-ra
 mint bushACC rock-LOC chop-SERIAL dish-LOC moisten-SERIAL hand-ERG make irito wad-SERIAL
 kata-ngka tjunku-pai.head-LOC put-CHAR
 (One) chops up the mint bush (with a rock), moistens it (in a wooden dish), makes it into a wad (with the hands), (and) puts it on the head.
 Uma pessoa pica um punhado de menta (com uma rocha), molha-o (em um recipiente de madeira), modela-o com as mãos e o coloca sobre a cabeça.

- (102) Wanyu-na wapar walkatju-ra wiya-ringku-la-mpa, ngali-lta yana-nyi-lta mutaka-ngka.
 just let-lsgERG storyACC write-SERIAL nothing-INCHO-SERIAL-interest IduNOM-and
 then go-PRES-and then car-LOC
 Deixe-me terminar de escrever e, então, iremos juntos para o carro.

Outro caso explicitado por Goddard revela uma similaridade com o que se reconhece mais prototipicamente como verbos seriais. O autor alerta que, na construção por justaposição, os verbos devem ser pronunciados como uma unidade entonacional, não existindo nenhuma possibilidade de separá-los por pausa ou vírgula. No exemplo (103), o objeto do verbo transitivo finito *nyiinyii* precede ambos os verbos; em (104), o SP locativo, *maudie-ku ngura-ngka*, precede ambos os verbos, mas só modifica o verbo finito.

- (103) Paluru nyiinyii yanku-la ura-nu.
 DEF~ERG zebra fmchACC go-SERIAL get-PAST
 She went and got zebra finch (droppings)
 Ela foi e conseguiu esterco desse pássaro.

- (104) Ngayulu Maudie-ku ngura-ngka yanku-la
 IsgERG Maudie-GEN camp-LOC go-SERIAL ngarí-ngu.lie-PAST
 I went and stayed at Maudie`s place.
 Eu fui e fiquei na casa de Maudies`s.

O exemplo (105) caracteriza uma instância de serialização justaposta. Ilustra também que uma cláusula contendo uma serialização desse tipo pode ser nominalizada. O exemplo (106) apresenta expressões com aspectos semânticos e sintáticos paralelos na serialização. O paralelismo pode ser visto pelo fato de que ambas as cláusulas são separadas pelo coordenador *mumu* e nominalizadas para a formação de cláusulas subordinadas.

- (105) Katji kuwari karpi-ra tjunku-nytja nyaku-la wanti-ma.
 spearACC today bind-SERIAL put-NOML see-SERIAL leave alone-IMP IMPERF
 (one) should ignore (see-leave alone) a spear bound and put (aside) today.
 Deveria ignorar, mas jogou uma lança, saltou e pô-la de lado.
- (106) Munu ADD munu ADD munu ADD munu ADD wana-ra witi-nu rapawila-la-lta witi-ntja-
 tjanu-ngku-mpa, ngaly-kulpa-ra nyanga parariparari tjinatju-nu.
 foliôw-SERIAL grab-PAST tjinatju-nu, released-PAST wana-ra follow-SERIAL wana-ra foliôw-
 SERIAL Robb's Well-LOC Name-and lhen witi-nu ... grab-PAST grab-NOML-SEQ-ERG-interest
 this way-return-SERIAL this other side release-PAST
 And he chased (and) caught them, and then released them at Robb`s Well, and chased (and) caught
 them...And after having chased (and) caught them, came back and released them on the other side
 over here.
 E ele perseguiu e os pegou , e, então, lançaram-no em Robb. Robb perseguido, pegou-os e
 lançou do outro lado.

Em Yankunyjtajara, há um outro tipo de ocorrência serializada, a qual apresenta prefixos direcionais, como: ngalya (nesta direção) e cláusulas verbais independentes e completamente lexicalizadas.

- (107) Rapawila palu-la-nguru-mpa ngalya-ura-ra kati-ngu-lta.
 Robb's Well DEF-LOC-ĀBL-interest this way-get-SERIAL bring-PAST-and then
 From Robb`s Well (he) came this way, gathering them up.
 Desde de Robb, ele veio nesta direção, recolhendo-os.

Há, ainda, construções seriais que podem ser chamadas de construções perifrásticas. Nesse tipo de construção, os verbos aparecem em uma ordem fixa, verbo finito seguido de verbo consecutivo, sendo pronunciados como uma unidade de entonação. Diferentemente das construções que foram descritas, o foco é determinado pelo verbo consecutivo, conforme exemplos (108) e (109):

- (108) Wanyu-na kala-raarka-la.
 just let-lsgERG light-SERIAL try-IMP
 Just let me try lighting it.
 Deixe-me tentar iluminá-lo.
- (109) Wati-ngku ngalku-la wiya-ri-ngu.
 man-ERG eat-SERIAL nothing-INCHO-PAST
 The man finished eating.
 O homem terminou de comer.

Existe ainda um conjunto de construções perifrásicas, na qual o verbo finito modifica o aspecto do verbo consecutivo ou sequencial, e também uma construção serial circunstancial. Este consiste em uma cláusula nominalizada seguida de um morfema locativo, apresentando a ordenação de um evento, como no exemplo (110), e, às vezes, uma implicação de causalidade, como em (111).

(110) Ka pula nyina-ra tjintu-ri-ngu, munu kunkun-ari-ngu.
 CONTR duNOM sit-SERIAL day-INCHO-PAST ADD asleep-INCOH-PAST
 The two of them sat up till it became day and (then) went to sleep.
 Os dois raramente ficavam acordados até o raiar do dia, então dormimos.

(111) Puliŋjumanu-ngku wati panya witi-ra kati-ngu, mani kutitjunku-nytja-la
 policeman-ERG man-ACC ANAPH grab-SERIAL take-PAST moneyACC steal-NOML-LOC
 The police arrested and took that man, because he stole some money.
 A polícia prendeu e levou aquele homem porque ele roubou uma quantidade de dinheiro.

Observa-se que, levando em conta a tipologia de Givón, nem todas as considerações feitas por Goddard são aplicáveis para a identificação dos seriais. No entanto, alguns casos co-ocorrem em ambos os estudos realizados. Verifica-se que, tanto nas descrições de Goddard como na de Givón, as propriedades expostas a seguir definem um caso de serialização:

- I. Sujeito e objeto compartilhado
- II. Marcadores de caso (locativo)
- III. Marcador dêitico direcional
- V. Implicação de causalidade

Em cada uma das descrições feitas pelos autores sobre os seriais, sempre se encontram alguns critérios que são provenientes de características particulares de cada língua em estudo:

- I. não-equivalência quantitativa de verbos em traduções.

- II. tempo e modo compartilhado
- III. Marcador de aspecto temporal
- IV. Marcador evidencial e epistêmico
- V. Verbos serializados sinalizando duas ações

Resta-nos estudar os tipos de serializações verbais no português a fim de reconhecer a pertinência dessas características também no português do Brasil.

5. Serialização, locução e perífrase no Português

Nesta seção, discuto o conjunto de estudos realizados no português do Brasil sobre seqüenciamento verbal. Para uma caracterização geral dos argumentos relatados por estudiosos diversos, é necessário sintetizar o que há de comum entre eles: **toda e qualquer ocorrência de dois ou mais verbos na língua é caracterizada como *locução verbal*.**

Alguns definem tais ocorrências como Tempos Compostos, mas não fazem distinções entre locução verbal e Tempos Compostos, o que nos faz supor que sejam expressões sinônimas. Embora diverjam quanto à especificação do seqüenciamento verbal na língua portuguesa, há concordância de que **a estrutura é composta por um verbo auxiliar seguido de um verbo principal.**

Para a constituição desta seção, pesquisamos Brandão (1963), Almeida (1967), Cunha (1975), Bechara (1999) e Rocha Lima (2002). Para complementar com estudos descritivos,

consideramos Mattoso Câmara (1964) e Neves (2000), que ilustra o encaminhamento analítico contemporâneo.

Brandão (1963) considera *tempos compostos* os formados com o verbo principal no particípio e *perífrases* as seqüências em que aparecem o gerúndio ou o infinitivo. Compartilha essa opinião Eduardo Carlos Pereira (1909), que separava *ter*, *haver* e *estar* dos demais verbos auxiliares.

Tal classificação tem sido caracterizada como regra mais clara, embora não abranja todos os casos, pois a voz passiva, por exemplo, que se forma com o particípio, não é sempre arrolado como tempos compostos. Por outro lado, a maioria dos gramáticos não segue esse critério de classificação.

Temos, ainda, que levar em conta uma corrente antiga de gramáticos que considerava *conjugações perifrásticas* apenas as formadas de *ter* e *haver* acompanhados de *de* mais infinitivo: entre os quais, Julio Ribeiro (1885, 75) e Pacheco da Silva Jr. Lameira de Andrade (1894 55).

Almeida (1967:285) caracteriza todo tipo de seqüência verbal como **locução verbal** ou **conjunção perifrástica**. Segundo o autor, quando ocorre a seqüência de verbos em uma sentença, sempre o último verbo expressa a verdadeira ação, a ação que se quer manifestar, e o outro (ou outros quando constituído de mais de dois verbos) indica o modo, o tempo, a pessoa ou a idéia acessória da ação.

De acordo com o autor, há quatro formas para caracterizar uma locução verbal na língua portuguesa:

a) *Locuções Verbais que indicam passividade*: a voz passiva dos verbos, quando feita pelo primeiro processo é sempre expressa por meio de uma locução verbal. Ex.: Nós fomos pagos.

b) *Locuções Verbais que indicam linguagem projetada*: Esse tipo consiste numa locução formada pelos auxiliares TER e HAVER e o infinitivo pessoal de outro verbo antecedido pela preposição de. Tais expressões se conjugam em todos os tempos, modos e pessoas da voz ativa e passiva, notando-se que a passiva é formada mediante junção aos auxiliares, do infinitivo de verbo ser, mais o particípio do verbo que se quer conjugar. (Tenho (hei) de ser pago).

c) *Locuções Verbais que indicam continuidade da ação*, as quais se constituem dos verbos *estar* ou *andar* mais outro verbo no gerúndio, ou no infinitivo impessoal precedido pela preposição *A*, que dá a idéia de ação freqüentativa, continuada, reiterada. (Os pintos estão a picar a casca / Ele está estudando).

d) *Locuções Verbais que indicam desenvolvimento gradual da ação*: são constituídos pelo verbo *ir* ou *vir* junto a gerúndio de qualquer verbo para exprimir começo ou desenvolvimento gradual da ação. (O trem vai andando).

O autor ainda cita outros tipos de locuções verbais que denotam *inclinação*, *tendência* ou *obrigação* para a prática de uma ação (devo ir, costumava falar).

Cunha (1975), por sua vez, não faz distinção de nenhuma espécie e admite que todo conjunto formado de um verbo auxiliar e um verbo principal chama-se locução verbal. Como informação relevante, afirma que, nas locuções verbais, conjuga-se apenas o auxiliar, pois o verbo principal vem sempre numa das formas nominais: particípio, gerúndio, infinitivo pessoal.

Para Bechara (1999), chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal dando origem aos chamados aspectos do verbo. Ecoando Cunha, também ressalta que somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo.

O autor identifica alguns tipos de construções com verbos que reconhecemos como serializados:

- **marcadores de ação concluída**: tempos compostos formados com *Ter*, *Ser* e *Haver* combinados com o verbo principal.

- **marcadores de voz passiva**: particípio do verbo principal combinados a *Ser*, *Estar* e *Ficar*.

- **auxiliares acurativos**: combinam-se ao verbo principal no infinitivo ou no gerúndio para expressar aspecto verbal.

- **auxiliares modais**: combinam-se ao verbo principal no infinitivo ou no gerúndio para determinar o modo como se realiza a ação ou deixa de se realizar a ação verbal.

Também para Rocha Lima (2002) não há distinção entre tempos compostos e perífrases verbais, considerando os primeiros como rótulo adequado para nomear combinações de verbo auxiliar mais uma forma nominal (gerúndio, infinitivo ou particípio).

Como pudemos notar com essa breve resenha, anteriormente já constatada por Pontes (1973), não há definição rigorosa para designar *seqüências verbais* no português do Brasil, o que causa um equívoco generalizado na utilização sinônima para *locução verbal*, *tempos compostos* e *conjugação perifrástica*.

Quisemos comparar o que vimos nos gramáticos com as definições de dois lingüistas importantes, cada um em seu tempo. Trata-se de Mattoso Câmara (1964) e Neves (2000) e vimos que essa não-discriminação dos rótulos pode ser atribuída a uma tradição normativa, suplantada hoje nas pesquisas pela tradição descritivista.

Mattoso Câmara (1964) identifica *locuções verbais* como *construções perifrásticas*, definindo-as como *conjugações de formas verbais para um dado verbo*, também ditas *formas compostas*, em que esse verbo aparece numa de suas formas verbo-nominais e a parte flexional de modo, tempo e pessoa cabe a um verbo que sofreu gramaticalização e passa a auxiliar.

Neves (2000), por sua vez, alerta para a diferença existente entre *perífrases verbais* e *tempos compostos*. São **perífrases verbais** aquelas seqüências de verbos que codificam aspecto, indicando: início de evento (aspecto inceptivo), desenvolvimento do evento (aspecto cursivo), hábito (aspecto habitual), progressão (aspecto progressivo), término ou cessação de evento (aspecto terminativo ou cessativo), resultado do evento (aspecto resultativo) e repetição de evento (aspecto iterativo ou freqüentativo); são **tempos compostos** somente os verbos TER e HAVER construídos com particípio.

Comparando agora o que disseram os vários estudiosos de línguas estrangeiras citados anteriormente ao que resenhamos neste capítulo até o momento, podemos concluir que as confusões e não-discriminações também se apresentam quando o assunto sob discussão são as serializações verbais. Para a maioria dos autores consultados, não há diferença clara de rótulo

entre **serialização verbal** e **verbo serial**, ainda que sejam objetos de investigação bastante diversos.

Embora a construção com *verbo serial* apresente propriedades morfossintáticas específicas para cada língua, não existe na literatura lingüística uma definição unânime e consistente para caracterizar o emprego de verbos seriais.

No que tange ao Português do Brasil, esse tipo de estudo ainda permanece pouco explorado, pois tais ocorrências na língua são caracterizadas, pela maior parte dos gramáticos, como um caso de *locução verbal*. Existem, contudo, os trabalhos de Pal (2005) e Rodrigues (2006), que tratam de *construções serializadas* no Português do Brasil, mas esses também refletem uma discussão delicada no meio lingüístico, conforme explicitamos no capítulo seguinte, destinado também à análise da serialização no português do Brasil.

Capítulo IV - Estudo de Caso: Serialização de *Vir* e *Virar* no Português do Brasil

Neste capítulo, apresento dois trabalhos recentes do português do Brasil sobre serialização verbal, enfatizando as motivações e os critérios assumidos pelas autoras. Depois, apresento os tipos de construções serializadas no Português do Brasil, dando ênfase a um tipo de serialização que difere das demais, as construções com **verbos seriais**.

1. Estruturas serializadas em pesquisas lingüísticas contemporâneas

Nesta seção, resenho dois estudos sobre a serialização no português do Brasil. Um dos estudos focaliza a língua falada em uma comunidade quilombola e o outro focaliza a língua falada na comunidade carioca.

Pal (2005) desenvolveu um estudo sobre o aspecto verbal utilizado em uma comunidade rural quilombola de Pedro Cubas, no Vale do Ribeira em São Paulo. O objetivo de sua pesquisa foi verificar se o verbo *pegar*, em construções como “daí ele pegou e foi comprar pão” poderia ser um *verbo serial*, tal como descrito em línguas africanas.

A autora, que se deteve no estudo das principais características que identificam as construções seriais, parte do pressuposto de que, em diferentes línguas, séries verbais são seqüências de dois ou mais verbos organizados em uma proposição complexa e que podem ser traduzidos, em línguas que não possuem séries verbais, como um encadeamento de sentenças simples. Esses verbos compartilham o mesmo argumento externo, marcas de tempo, modo e aspecto e podem exercer funções, tais como a de marcador de caso, preposição, marcador aspectual, entre outras.

Para checar a validade de tais características nas construções do português do Brasil, Pal mobiliza critérios sintáticos, semânticos e morfológicos.

Com base na tipologia proposta por Smith (1997), a autora realizou a classificação dos eventos e observou que os traços temporais internos que caracterizam cada tipo de situação não constituem restrição à combinação com o verbo *pegar*. Os casos descritos pela autora são os seguintes:

a) ATIVIDADE

“Elis pegavam namorava (atividade/ imperfectivo), nem falô assim...”

“i mamãe pegava e fazia café (atividade/ imperfectivo)

b) ACCOMPLISHMENT

“Aí eli pegô i mi levô até Eldoradu (...) (accomplishment/perfectivo)

“Nói tinha qui pegá si juntá (accomplishment/ perfectivo) tudu nós

c) ACHIEVEMENT

“Intão eli pego i falÔ (achievement/ perfectivo) assim...”

“Eu pegava deixava (achievement/ imperfectivo) as criança i ia im casa deli”.

d) ESTADO

“Pur que cumu é qui ela tinha passi para ela i prus outro num tinha, mai foi qui nói apertemo ele um dia ela, pego i... fico chatiada (estado/ perfectivo) fico vermeia (estado/ perfectivo) ficô chatiada!”

e) SEMELFACTIVO

“Igual to fazenu aí, qui eu to falanu (...) o deli foi assim ele pego desceu du carro, aí bateu num ferro lá dentu né” (semelfactivo/ perfectivo)

Nota-se que a autora identificou estruturas serializadas com e sem a conjunção aditiva E.

Ao analisar a função semântica de *pegar* e sua participação nos enunciados em análise, Pal verificou que o valor semântico mais freqüente de *pegar* é “segurar, prender segurando” e nesses casos o verbo assume a classificação de pleno. Averigua, também, que a construção que mais se assemelha às construções em estudo é aquela que apresenta o verbo *pegar* em perífrases de infinitivo, intercaladas pela preposição “a”, como em PEGOU A CHOVER.

Alerta, no entanto, que, apesar da semelhança sintática entre as estruturas citadas, os verbos em cada uma delas não possuem a mesma função semântica, já que o verbo *pegar*, em PEGOU A CHOVER, indica os primeiros momentos de um evento durativo, o que caracteriza o aspecto imperfectivo.

Assim, determinou como parâmetro, os traços que estão presentes nas acepções do verbo sintaticamente classificado como verbo pleno e auxiliar. Encontrou, então, três traços semânticos: [+/- controle], [+/- volição, iniciativa, decisão], e [+/- resultado].

Desse modo, verificou que de um uso em que o traço semântico [+ controle] do verbo *pegar* “segurar, prender segurando”, empregado para designar controle concreto, de algo material, passou a designar controle abstrato, não mais de algo palpável, mas sim, de idéia, decisões e atitudes, como podemos observar nos exemplos abaixo:

(112) Nói tinha qui pegá si juntá tudu nós”

(113) pego intregô eu pó meu pai di vorta”

(114) Aí eu peguei, pensei assim: Elis tavam brigano ali, e foi, fomo lá...”

(115) ...um dia ela pego i... ficô chatiada (estado/ perfectivo) fico vermeia (estado/perfectivo) fico chatiada”

(116) Aí... meu tiu pegô fico cuidanu di eu (atividade/ imperfectivo), pego eu”

(117) Não é que lá o fracasso, u fazendero deu uma , é, pego vendeu, né, o lá ondi eu trabalhava” (...)

Os exemplos (112) e (113) apresentam o verbo *pegar* com traços [volição] e [controle] focalizados sobre toda a sentença, pois a decisão e a iniciativa são evidenciadas em *pegar*. Em (114), os traços que estão em evidência são os de [volição] e de [resultado], os quais sinalizam a tomada de decisão. Em (115), o traço que melhor se encaixa é o de resultado, uma vez que “ficar chateado” e “ficar vermelho” são estados e, por isso, de acordo com a teoria de Smith (1997), possuem os traços [+ estático], [+ durativo] e [- télico], não podendo, no entanto, atribuir os traços [+/- controle] e [+/- volição] ao verbo *pegar*, na medida em que os eventos codificados não são ações voluntárias e que poderiam ter sido resultados de uma decisão. Em (116), são aceitáveis os traços [+ controle] e [+ volição], pois cuidar de alguém pode ser analisado como uma atividade que perdura por determinado período de tempo e que é consequência / resultado de uma ação voluntária. Dessa forma, indica controle e desejo/ iniciativa sobre a decisão de ficar cuidando. Em (117), pode-se atribuir os traços [+ controle] e

[+ volição], uma vez que a ação de vender pressupõe a decisão e a iniciativa de um sujeito agente para ser realizada.

Por meio disso, a autora mostrou que o verbo *pegar* não impõe restrição ao tipo e quantidade de evento/ estado com que se combina e não contribui para a focalização de um ou outro traço temporal presente na construção que introduz, mas sim, para a focalização de toda a situação representada. Sob essa perspectiva, pode-se dizer que *pegar* teria, em termos discursivos, a função de focalizador.

Para as construções que apresentam mais de um verbo ou perífrase acompanhando *pegar*, Pal estabeleceu três interpretações resultantes das relações sintáticas de coordenação e subordinação entre verbos / perífrases que seguem *pegar*, o qual não participa das relações sintático-semânticas entre as situações representadas.

a) INTENÇÃO (Subordinação)

“Meu pai pego tiro a minha irmã da escola (achievement/perfectivo) pá cuida di eu”

b) CAUSA/ CONSEQUÊNCIA (subordinação)

“Aí ela pego (achievement / perfectivo) trepô caiu (achievement/ perfectivo), a segunda veiz, caiu.”

c) LÓGICO – TEMPORAL (coordenação)

“O juiz pego lá i i mandô (achievement / perfectivo) vinti caminhão”

Segundo a autora, a primeira interpretação – intencionalidade – é depreendida do V4, introduzido por uma preposição, possibilitando a seguinte estrutura: [SN PEGAR (e) (SENTENÇA) SV2 (e) (SV3) PREP. SV4].

Com base nas representações analisadas, a autora percebeu que as situações descritas formam uma “unidade” que se colocam semanticamente sob o escopo de *pegar*, ou seja, a função discursiva de *pegar* (evidenciar algo) recai sobre toda unidade, independentemente do tipo ou quantidade de evento / estado presente na sentença.

De acordo com a autora, as estruturas com o verbo *pegar*, é um verbo serial, na medida em que os elementos de negação têm escopo sobre “abraçar” e “beijar”. O verbo auxiliar “poder” carrega as noções gramaticais e o verbo principal “abraçar”, o significado lexical. Sendo assim, tem-se o verbo *pegar* ligando semanticamente o significado lexical de abraçar.

(118) a historinha qui ela falo pra mim foi quandu elis namoravu, di assim, antigamenti, elis não podia pega um se abraça o otru, nem bejá assim perto do mais veiu qui elis não gostavam

Dessa forma, Pal defende que as possibilidades de combinação entre *pegar* e os demais elementos que compõem a estrutura não se restringem à ordem fixa, o que torna possível a inserção de outros elementos sem que haja alterações quanto à interpretação da construção; a anteposição do verbo *pegar* ao restante da construção é obrigatória e esse verbo não perde as suas propriedades sintático-semânticas.

A autora ressalta a importância de demonstrar que o verbo *pegar*, nessas construções, não é um verbo auxiliar de valor aspectual, uma vez que esse verbo, como foi demonstrado, não indica os primeiros momentos de uma situação, o que seria a principal característica de aspecto inceptivo, e não possui alguns preceitos básicos para ser verbo auxiliar. Razões suficientes para que a autora conclua sua dissertação afirmando que o *pegar* não participa diretamente da cena descrita; é um recurso que o falante dispõe para imprimir algum tipo de valor a essa cena para focalizá-la. Seu argumento externo é compartilhado por toda a estrutura verbal e o argumento interno não é necessário; um SV pode ser interpolado entre *pegar* e V2; pode haver coordenação entre os verbos/ perífrases da seqüência que sucede *pegar*.

Por fim, a autora atribui esse comportamento serial ao verbo *pegar* à interferência gramatical da língua original da comunidade quilombola.

Outra autora que se deteve no estudo desse tipo de estrutura foi Rodrigues (2006), porém o *corpus* da pesquisa foi a língua falada urbana no Rio de Janeiro.

A autora considera que esse tipo de estrutura resulta de mudanças semânticas e sintáticas sofridas pelos verbos *ir*, *chegar* e *pegar*. Preferiu rotular as construções de *foi fez* (CFF)¹⁰ das quais depreende as seguintes características:

	Pegar	Chegar	Ir
V1 + V2 (recorrência)	X		X
V1 e V2 (recorrência)		X	
Maior Ambigüidade Semântica		X	
Perda de Transitividade	X	X	X
Co-ocorrência de lá		X	X
Sujeito [- animado] associado metonimicamente a referente [+ animado]		X	X
Sujeito [+ animado]	X		
Contexto de fechamento de tópico	X (raramente)		X
Contexto de Progressão	X	X	X
Sujeito [+ agente]	X	X	X

Sendo assim, Rodrigues (2006) observa que o processo de mudança semântica atinge concomitantemente tanto os verbos quanto as partículas, e ambos perdem seus valores referenciais. Nesses tipos de construções tanto “V1+ V2” e “V1+ e + V2” apresentam características idênticas, caracterizando-se pela explicitação de sujeito correferencial, o qual é analisado através da anáfora pronominal ou SN pleno (núcleo nominal), antes do V1. Quando há ocorrências de advérbios, pronomes reflexivos, sujeitos pospostos e outros elementos diferentes da conjunção “e”, estes podem ocorrer como material interveniente entre V1 e V2.

Nas CFFs com verbo *ir*, o uso de primeira pessoa é predominante em trechos descritivos, e o uso da terceira pessoa, em trechos narrativos. Nas CFFs com *pegar*, tanto a primeira quanto a terceira pessoas são mais usadas em contextos de narração. Há, contudo, uma ligeira tendência

¹⁰ Segundo a autora, na língua inglesa e na espanhola, esses tipos de construções recebem denominações diversas, como *go- and- verb*, *go get*, *go & verb*, *coordinated verb construction*, *coordinated auxiliary construction*, *construções pseudo- coordenadas*, *intransitive quasi- serial verb construction* e *hendiadys*, as quais apresentam similaridades em relação às construções com verbos seriais. A escolha da autora já denota seu cuidado em assumir rótulos comuns na literatura.

de maior uso de primeira pessoa em trechos descritivos. Já nas CFFs com *chegar*, a primeira pessoa é mais usada em porções descritivas e a terceira pessoa, em narrações.

Não há restrições no que diz respeito aos tempos e modos verbais nas CFFs. Contudo, algumas formas são preferencialmente mais recorrentes. As CFFs com *ir* e *chegar* caracterizam-se pelo uso do pretérito perfeito e presente do indicativo; com *pegar*, é predominante o uso no pretérito perfeito, embora o presente do indicativo também seja usado.

Uma das características das CFFs é o compartilhamento de flexão verbal entre V1 e V2, no entanto há ocorrência, no *corpus* estudado pela autora, de V1 no pretérito perfeito do indicativo e V2 num tempo composto formado a partir de um verbo modal no pretérito imperfeito do indicativo e um verbo no infinitivo.

As CFFs podem aparecer em contextos de introdução, reintrodução e conclusão de tópico, além de progressão textual. A reintrodução ou retomada de tópico ocorre quando a progressão é interrompida por uma digressão ou comentário.

Analisadas sob o ponto de vista da polaridade, nas CFFs, somente V2 pode ser antecedido de negação, ainda que o escopo da negação seja a construção como um todo. No que diz respeito a configuração sintática, algumas ocorrências de CFFs com *ir* são realizadas na forma de uma oração principal de uma cláusula temporal ou condicional. As CFFs com *chegar* podem ocorrer em posição [+ argumental] sob a forma de complemento de uma oração adjetiva, algumas se apresentam sob uma forma especial, que parece elaborar alguma idéia expressa no discurso precedente, a qual explica ou exemplifica uma idéia ou situação “mas não é aquele negócio muito cheio, que você pode chegar e ficar andando por ali”.

Com relação à função pragmática, a autora verifica que as CFFs não são responsáveis pelas noções semânticas de contrajunção e tomada de decisão, bem como pelas funções de aspecto e de *grounding*, mas pela dramatização ou ênfase dos eventos descritos em V2, sendo que essa noção de dramatização ou ênfase é realizada através do acréscimo de mais material lingüístico, ou seja, V1.

Rodrigues (2006) explica, ainda, que a noção de eventos junto com algumas propriedades sintáticas de V1 constitui evidência significativa para a sua distinção face às construções coordenadas, pois nas CFFs, V1 e V2 não representam dois eventos discretos, diferente do que ocorre na coordenação. A autora constata também que as CFFs não constituem um caso de construções com verbos auxiliares (CVAs), uma vez que o padrão de flexão e de negação determinam uma não-identidade entre esses dois fenômenos. Já com as construções com verbos seriais (CVSs), ambas compartilham um significativo número de propriedades. As CFFs e CVSs constituem-se a partir de uma seqüência de verbos flexionados, que codificam apenas um evento e podem ou não estar conectado pela conjunção “e”; o morfema de negação é adjacente a apenas um verbo, mas tem escopo sobre toda construção.

Quanto ao desenvolvimento dos verbos *ir*, *chegar* e *pegar*, Rodrigues afirma que percorrem os mesmos estágios iniciais previstos nos processos de gramaticalização, adquirindo um valor gramatical. As evidências a respeito de um ou outro uso desses verbos, definidos como seqüenciador intensificador, a autora ressalta que, dado o contexto em que ocorre, esse uso parece ter tido origem nas CFFs, embora tenha adquirido propriedades que se distanciam dessas construções, tais como, perda das propriedades, gerando subcategorização e cristalização na forma de terceira pessoa do pretérito perfeito.

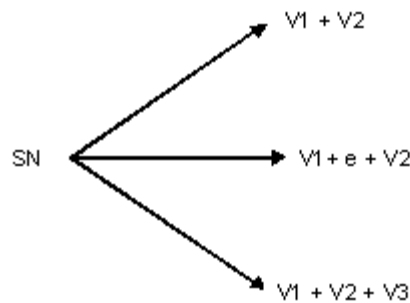
A autora evidenciou, portanto, que CFFs são similares a verbos seriais. Como se pode notar, os estudos sobre esse tema são poucos, mas representativos. Ambos os estudos, além da grande contribuição que trazem ao conhecimento de variedades distintas do português do Brasil, permitem reconhecer a serialização como uma movimentação comum a muitas línguas.

Cotejando propriedades de **serialização** em línguas estrangeiras com as propriedades descritas em variedades do português do Brasil, é possível notar a aproximação comportamental das estruturas, razão pela qual assumimos o rótulo **serialização verbal** como nomeador de um **processo de gramaticalização muito específico, provavelmente resultante da atuação de mecanismos também específicos de metáfora e metonímia.**

2. Verbos seriais no português do Brasil

O rótulo verbo serial tem sido aplicado em uma variedade de construções lingüísticas assinalando a seqüência de verbos numa determinada estrutura. De acordo com os estudos realizados, notamos que a generalização sobre a definição de verbo serial não se aplica necessariamente de modo similar a todos os grupos lingüísticos, o que faz com que o uso da expressão *verbo serial* torne sinônimo de estruturas serializadas.

Em conseqüência das definições aventadas por diversos autores, percebe-se que a língua portuguesa também apresenta alguns tipos de construções serializadas, as quais se formam a partir das seguintes seqüências:



Esses tipos de serializações formadas por tais seqüências verbais se formam a partir dos mais variados verbos. No entanto, neste conjunto de construções serializadas, verifica-se que elas pouco têm em comum, já que variam consideravelmente quanto às propriedades morfossintáticas.

É possível, porém, demonstrar que sob essa aparente diversidade, todas elas possuem uma organização interna que obedece a princípios gerais bem definidos, a partir dos quais o falante reconhece se uma seqüência de palavras está de acordo com o sistema gramatical da língua, isto é, se essa seqüência pode ser obtida através da aplicação das regras da gramática, se ela se apresenta completa ou não, se é passível de interpretação semântica, etc.

Pode-se evidenciar, ainda, que tais sentenças se constituem de classes de elementos equivalentes quanto às funções que venham a desempenhar. Desta forma, neste conjunto de construções serializadas, certos verbos são reanalisados categoricamente como auxiliares, quase-auxiliares, etc. Os resultados destes processos fornecem turnos tipológicos a outros tipos sentenciais, como também a reorganização do léxico, a partir das quais podemos comparar e identificar o provável caminho de mudança e/ ou variação lingüística.

De acordo com a teoria da gramaticalização, quando um item lexical toma lugar no discurso, começa adquirir propriedades que o deslocam de sua classe categorial de origem, procedendo a uma recategorização. Assim, é que a fase de mudança atende a princípios como o da “descategorização” (Hopper 1991), por meio do qual um item lexical perde ou neutraliza as marcas morfológicas, e os privilégios sintáticos, que caracterizam as formas plenas, assumem atributos categoriais mais gramaticalizados. (Gonçalves, 2003). Essa fase é marcada através da reanálise histórica ao longo de um continuum.

No que se refere aos verbos, esse continuum é esquematizado da seguinte maneira por Hopper (1991):

Verbo pleno > verbo quase- auxiliar > verbo auxiliar > afixos.

Nessa perspectiva, se detectam processos de mudança de um determinado elemento lingüístico na sua trajetória através do tempo. Conseqüentemente, com a mudança do estatuto lexical para gramatical, o verbo progressivamente perde algumas propriedades (Heine, 1993).

Travaglia (2002) argumenta que a proposta de estágios de Heine é mais pertinente para verbos que se gramaticalizam via formação de construções perifrásticas, mas não para outras vias de gramaticalização de verbos, como leva um verbo a se tornar um verbo funcional de ligação ou que funcione como marcador temporal, marcador de relevância, marcador conversacional entre outros.

Segundo Heine (1993), a formação de estruturas serializadas na língua ocorre através do processo de justaposição de dois ou mais verbos numa sentença. Seguindo seu raciocínio de análise, sempre que houver verbos seqüenciados, haverá uma serialização verbal. Assim, o processo desencadeador para o surgimento de seqüências verbais na língua é assinalado pela realização da elisão de alguns termos. Dessa forma, a estrutura prototípica é reanalisada através de um domínio de conceptualização a outro.

Este tipo de reanálise estrutural resulta do jogo de interações verbais entre locutor e interlocutor, uma vez que estes, obedecendo ao princípio da informação e da economia, excluem, durante o processo conversacional, os termos já mencionados anteriormente.

Este tipo de reanálise estrutural é resultante do processo metafórico na gramaticalização, apontado como tendências caracterizadoras da mudança semântica.

Segundo Lima-Hernandes et al (2007), a partir da metáfora envolvida na gramaticalização, novas formas são introduzidas a um novo contexto ou aplicadas a novas situações por meio da extensão de significados. Tais situações são descritas em termos de algumas categorias cognitivas, conforme a escala abaixo:

Pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade.

São essas categorias que possibilitam o surgimento de novas formas gramaticais por meio de estratégias que levam à ampliação de um uso já consagrado, de uma forma já existente na língua, os quais sugerem estágios de transição na passagem de uma categoria a outra, o que denota um tipo de extensão conceitual que se dá de maneira gradual.

Assim sendo, ao tomarmos o verbo vir como objeto de análise para averiguação de tais procedimentos, nota-se que vir apresenta traço prototípico de verbo pleno subcategorizador de argumento circunstancial. Durante a interação verbal, os falantes tendem a elidir a informação velha, passando a estruturar novas codificações sintáticas, como podemos notar abaixo:

(119) Vim de lá para ficar internada no Andaraí. (J/06)

(119a) Vim para ficar internada no Andaraí.

(119b) Vim ficar internada no Andaraí.

Nota-se que em (113), o verbo *vir* é usado como verbo pleno subcategorizador de argumento circunstancial. Em (113a), o verbo *vir* deixa de requerer argumento circunstancial, uma vez que este argumento elidido torna-se facilmente subentendido pelo contexto. Em (113b), ocorre a elisão da preposição, e, assim, os verbos que anteriormente estavam intercalados por alguns termos, aproximam-se formando uma nova estrutura sintática.

Em decorrência da elisão de alguns termos na sentença, Tarallo (1983) comprova uma continuada queda no preenchimento de OD, conforma demonstrado no quadro abaixo:

Frequência da retenção de OD anafórico em cinco momentos históricos

Primeira metade do séc. SVIII	82%
Segunda metade do séc. XVIII	96,2 %
Primeira metade do séc. XIX	83,7 %
Segunda metade do séc. XIX	60,2%
Corpus Sincrônico (1982)	18,0%

Segundo Castilho (2002) esse quadro aponta para o século XX como o momento decisivo para a virada no processamento do OD: sendo uma função de preenchimento praticamente obrigatório até a primeira metade do século XIX, a partir de então é a categoria vazia que predominará nesse lugar da sentença.

De certo modo, o resultado deste trabalho reflete consideravelmente na formação de estruturas serializadas, seja com a elisão do argumento interno ou circunstancial, como acontece com o verbo *vir*.

No conjunto de construções serializadas realizadas no PB, com os verbos vir e virar, foram encontrados as seguintes seqüências verbais nos corpus analisados:

VIR + V2 gerúndio

(120)Dando uns gargalhada, sabe? ("Ela parecia") que estava com encosto, assim, ruim, do bicho ruim. Aí *vem rindo*. Aí pegou, a minha tia entrou aqui dentro de casa, apanhou uma coberta, abafou ela correndo. (J-06)

VIR + V2 infinitivo

(121)*Vim morar* no morro não tem perigo não.(J-06)

VIR + V2 (flexionado)

(122)Aí eu corri, não é? Ele *veio, correu* atrás de mim. (C – 33)

VIRAR + V2 (flexionado)

(123)Eu não sei! Eu sei que ele apanhou, assim, aí saiu. eu só vi cabelo. Aí eu *virei, falei*: "o quê que foi doutor?" (J-06)

Com base nas ocorrências expostas, verifica-se que em todos os casos há a ocorrência de verbos seqüenciais, definidos na literatura como serialização verbal. Desta forma, considero todos os tipos de seqüências verbais na língua portuguesa como um tipo serialização verbal. Porém, neste conjunto de serializações ocorridas, as quais envolvem também as construções com verbos auxiliares, há um tipo que se diferencia sobremaneira dos demais, o que defino como *verbo serial*.

Em suma, estruturas com verbos seriais na língua portuguesa do Brasil são estruturas que apresentam a seqüência de dois verbos na cláusula codificando um único evento, além de compartilhar com V2 flexão de tempo, modo, número e pessoa, conforme podemos constatar abaixo:

(124) Eu não sei! Eu sei que ele apanhou, assim, aí saiu. eu só vi cabelo. Aí eu *virei, falei*: "o quê que foi doutor?" Ele falou: "foi menino." Que ela já nasceu já gritando, que ela estava passando a hora de nascer. (J-06/ PEUL)

Em (124), o verbo virar deixa de ter traço semântico de [+ movimento], perdendo seu significado de verbo pleno e, assim, mantém com V2 o mesmo tempo, modo, número e pessoa com V2. Nesses tipos de estruturas em que o verbo virar atua, como a explicitada acima, perde-se a noção de que o referente da ação verbal desempenhe a função de mover-se para esquerda ou direita. Em ocasiões como essas, virar designa uma tomada de atitude por parte do referente.

Conforme explicitado no capítulo II, Pal (2005) e Rodrigues (2006) analisam estes tipos de estruturas sob a conduta de serem ou não verbos seriais. No entanto, Pal (2005) atribui esse comportamento serial, do verbo *pegar*, à interferência gramatical da língua original da comunidade quilombola. Já Rodrigues (2006), não chega a afirmar se a construção do tipo Foi e Fez, analisada em seu trabalho, são estruturas com verbos seriais. A autora defende que são

estruturas serializadas e que apresentam características similares às construções com verbos seriais, porém não atribui caráter de verbo serial às estruturas analisadas.

Recapitulando as análises formuladas por Givón (1991) na seção anterior, nota-se que algumas de suas formulações acerca dos seriais remetem a idéia de que todo tipo de sentenças estruturadas por dois ou mais verbos codificando um evento são consideradas verbos seriais, conforme podemos observar quando se refere a marcador de aspecto temporal:

He stay work.

He is working (durative)

He go work

He will work (future)

He work finish

He has already worked (perfective)

Com base nas exemplificações do autor, observa-se que em sentenças serializadas com verbos aspectuais há ocorrência de verbo serial, as quais codificam um único evento.

Segundo Bechara (1999), nestas construções, denominadas na língua portuguesa como locuções verbais, há a combinação de um verbo auxiliar, o qual é caracterizado como acurativo, com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo passado, presente e futuro.

Para Heine (1993), o primeiro verbo que compõe a sentença é definido como um verbo quase ou semi-auxiliar. Isto porque, nessas estruturas, V1 compartilha com V2 aspectos temporais.

Embora a seqüência de dois ou mais verbos na cláusula codificando um único evento seja definido por Givón como verbo serial, em sentenças encabeçadas por verbos auxiliares ou quase

auxiliares na língua portuguesa, neste trabalho, são denominadas somente como um tipo de serialização verbal.

O que pretendo demonstrar durante o desenvolvimento deste trabalho é que a expressão *verbo serial* não configura somente uma seqüência de verbos que codifica um único evento, mas sim como uma recategorização verbal, a série em paradigma serial.

A atribuição de novas funções gramaticais a um verbo em uma série verbal pode ser analisada como um caso de gramaticalização, em que um item já gramatical adquire novas propriedades funcionais que o levam a ter um estatuto ainda mais gramatical. Lord (1993), que analisa algumas das mudanças tipológicas introduzidas pelas construções seriais sob a perspectiva da gramaticalização, observa que essas mudanças podem levar ao surgimento de uma nova categoria na língua ou a uma ampliação nas possibilidades funcionais de uma categoria já existente.

Verificamos, de acordo com Heine (1993), que os verbos apresentam um desenvolvimento partindo de sua base lexical à mais gramatical, assim proposta:

Verbo Pleno > Verbo quase-auxiliar > Verbo Auxiliar > afixos.

No entanto, na língua portuguesa, os verbos que ocupam a posição de V1 em estruturas serializadas do tipo “*aí, ele virou e falou assim*”, não recebem nenhuma definição sintática. São estes tipos de verbos que caracterizo como verbo serial e não somente como uma seqüência de verbos, conforme definido na literatura lingüística.

O que se percebe, nestes tipos de estruturas, conforme já mencionado por Rodrigues (2006) e Pal (2005), é que os verbos na posição V1, na trajetória da gramaticalização, além de envolverem desbotamento semântico e perda de propriedades sintáticas, adquirem valor discursivo, de tomada de atitude por parte do falante. Nestas estruturas, V1, analisado categoricamente como verbo, um verbo que ocorre juntamente a outro verbo, portanto, verbo serial, não exprime função sintática, mas sim discursiva. V1 sinaliza a atitude necessária para que V2 possa se efetivar.

Há, na língua portuguesa, outros tipos de estruturas serializadas que codificam um único evento, conforme podemos constatar nas ocorrências abaixo:

(125)...cartão de Natal e pus do seu... noivo...entre parentes...e daí **vim vindo** e em cinquenta e nove...vinte e sete de julho de cinquenta e nove nos casamos.

(126) saio meio dia da escola (então) tem que **vir correndo**... almoçar depressa pra dar tempo de digestão para poder entrar na escola as duas horas...

O uso de V1 nessas estruturas serializadas se refere a noções semânticas no âmbito do aspecto, significando a maneira como o tempo decorrido dentro dos limites do fato é tratado, isto é, se marca duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento ou fim. Há, contudo, contextos ambíguos em que os traços compatíveis com as categorias de espaço e de tempo coexistem:

(127)eu insisto, insisto, ela fala- "quando eu falo-" Andréia! "Quando eu falo que não, é não." que nem na quadrilha. aí [o]- o moço **veio pedir** para mim ir dançar, não é? Ela falou que não, que não podia e no domingo eu dancei. Quando ela fala que pode, pode. quando ela fala que pode, não pode. Aí eu pego e fico sentada no portão ou então eu entro. (C-57)

(128)...e tirou cinco dias depois mandou minha sogra pra casa...nessa ocasião...minha sogra **veio fi/...dormir** em minha casa exatamente pra fazer parte de higiene parte de asseio de minha esposa (INf.252)

Em (121) e (122), pode-se depreender que o falante se desloca no espaço (indo para algum lugar), com a intenção de realizar determinada ação expressa pelo verbo posterior. Toda ação se realiza por um sujeito [+ agente]. Por outro lado, pode-se depreender que vir apresenta traço semântico esvaziado, conforme exemplificado abaixo:

Veio pedir = pediu

Veio dormir = dormiu

Lord (1993), ao retratar estes tipos de construções, definidas como verbo serial, argumenta que o valor semântico contido no segundo verbo sugere um crescimento, conseqüência, meta, resultado ou clímax da ação chamada pelo verbo antecedente.

Uma outra característica para o autor, que estuda os verbos seriais em Yoruba, é de marcar eventos simultâneos, de alternância ou de sucessividade. Assim como Lord, Lawal (1993), Svorou (1994) e Goddard (1988) também justificam o uso do serial nas línguas estudadas pelo fato de fornecerem ações simultâneas em uma única cláusula, processos sintáticos que também não se aplicam as construções com verbos seriais no português do Brasil.

A categoria verbo serial implica que em decorrência do desgaste semântico de V1, o verbo não contribui para o desenvolvimento de ações e nem carrega todas as marcas de tempo, modo, pessoa e número, como acontece com os auxiliares. Ao contrário, V1 compartilha com V2 flexão de tempo, modo, pessoa e número.

A fim de estabelecer um quadro significativo que mostre a distinção entre uma construção serializada com verbo auxiliar e uma com verbo serial, Lehmann (1982) propõe um esquema representativo da categorização de V1 serial:

Verbo Pleno – Verbo Modal

- Verbo Auxiliar----- Marcador de Modo e aspecto

- Verbo Serial

Advérbio -----Marcador de Tempo

Tendo em vista, contudo, o movimento contínuo da mudança lingüística, é natural que se encontrem outros padrões oracionais em relação as estruturas serializadas e isso invalida a idéia de que uma estrutura com verbo serial esteja num ponto posterior a dos verbos auxiliares. Os argumentos mais fortes para essa afirmação estão com base na mudança da reanálise, através da qual se é identificado outro tipo de estrutura serializada na língua portuguesa, que precede a categoria verbo serial, conforme podemos notar abaixo:

(129)Quando a gente bota a água assim, encosta na água, aí, ele botou assim e falou assim: "ih, ah, chega aí. Vem ver um negócio. Aí, eu *vim, botei* a minha máscara, eu vi uma arraiazinha desse tamanho (gesto) assim. (riso) Com o maior ferrãozinho já assim e os garotinho brincando pertinho, aí. Aí, eu fiquei até- aí, eu bati assim, espantei o bicho, sabe? (L-38)

(130)O que se passa na cabeça de uma menina dessa depois de heras na praia, ela nem conhecia, ela ficou dando mole, aí *veio conversou*, ela tinha um filho, aí deixou com uma dona que parecia ser mãe dela, aí foi numa boa. (R- 10)

Embora esses tipos oracionais apresentem uma estruturação sintática parecida a dos verbos seriais, como flexão modo-temporal e número-pessoal, partilhem argumento externo, ocorre a codificação de dois eventos nessas estruturas. Talvez o uso de tal estrutura tenha sido o gatilho para o surgimento de estruturas com verbos seriais na língua, à medida que a recorrência de um determinado item torna-se muito usual, uma nova categoria surge.

Diante de tais fatos, identifico, então, a seguinte escala para o desenvolvimento dos verbos na língua portuguesa:

Verbo Pleno > Verbo quase- Auxiliar > Verbo auxiliar > Verbo quase - Serial > Verbo Serial > Afixos.

Observando esses usos inovadores sob a perspectiva da teoria da gramaticalização, mais do que identificar processos de mudança do ponto de vista da recategorização e da alteração semântica por que passa esse item gramatical, é mostrar que também na estruturação sintática e discursiva se pode identificar processos de mudança.

Tal processo é assinalado por Hopper e Traugott (1993) como a gramaticalização da formação de integração de cláusulas complexas, as quais envolvem a combinação de dois núcleos separados em uma estrutura mais integrada.

De acordo com um dos princípios básicos da teoria da gramaticalização, o da *unidirecionalidade*, os processos de articulação de orações podem ser distribuídos ao longo de um continuum de vinculação sintática, com diferentes graus de dependência. Esse continuum é marcado pelo menor grau de dependência sintática (parataxe), passando por um estágio intermediário (hipotaxe), até atingir o maior grau de entrelaçamento sintático (subordinação), como mostra a escala abaixo proposta por Matthiessen & Thompson (1988):

Parataxe >	Hipotaxe >	Subordinação
- dependente	+ dependente	+ dependente
- encaixada	- encaixada	+ encaixada

A partir do princípio da unidirecionalidade, as orações mais independentes, mais frouxas do ponto de vista sintático seriam mais antigas, passariam para estruturas mais integradas do ponto de vista semântico e sintático. Essa postulação atende ao traço proximidade de Givón (1995, apud Furtado da Cunha et al. 2000) que diz que quanto mais próximos estiverem dois conteúdos, conceptual e cognitivamente, mais próximas deverão estar as formas que o representam.

Seguindo o que propõem Hopper e Traugott (1993), as construções encabeçadas por verbos quase-seriais ou seriais caracterizam-se sintaticamente, por manterem vínculo independente entre as relações oracionais, como parataxe.

Segundo Lima-Hernandes et ali (2007), a parataxe se caracteriza pela relativa independência e integração mínima entre as orações, tendo a designação de orações coordenadas e justapostas.

Pelo o que podemos observar através das ocorrências abaixo expostas, é que as estruturas serializadas encabeçadas por verbos seriais ou quase-auxiliares, ora apresentam-se entrelaçadas pelo conectivo aditivo “e”, ora não:

(131) Se tem um lugar no lustre o :: o lanterninha vem e acha que o camarada tem obrigação de sentar. (inf.186)

(132) Aí pegou, a minha tia entrou aqui dentro de casa, apanhou uma coberta, abafou ela correndo; e ela com aqueles fogo. Aí começou dar bolha, não é? Aí desceram com ela. Quando eu cheguei lá em baixo, lá no pé do morro para subir, encontrei com o irmão dessa comadre minha. Ele *virou falou* assim: (voz) "você sobe correndo que a sua mãe botou fogo no corpo!" (J-06)

Observa-se, pois, que tais ocorrências hipotetizam que a formação de estruturas serializadas com verbos seriais tenha emergido na língua a partir de estruturas coordenadas em decorrência

do princípio de economia, que leva o falante a elidir termos que são facilmente subentendidos pelo contexto.

Croft (2001) argumenta que nas construções coordenadas as cláusulas são sintaticamente idênticas, pois funcionam como cláusulas simples, têm sujeitos correferenciais e tendem a não explicitar o sujeito na segunda cláusula, por conta do processo anafórico.

Tendo em vista que as construções com verbos seriais apresentem uma configuração sintática similarmente as das construções coordenadas, na coordenação cada cláusula representa um evento distinto. Já nas construções com verbos seriais, V1 nunca representa uma ação ou evento separado de V2. Abaixo seguem ocorrências de estruturas coordenadas com os verbos *vir* e *virar*:

(133)E a noite em que este concerto estava feito, levantou-se de junto de sua prima Alderiva, e foi-se a janela das grades primeiro que Clarinda, e esperou ali ate que Clarimundo *veio e passou* com ela o que ele cuidava passar com Clarinda, e quando lhe ela disse que se fosse, era porque Clarinda sobreveio, e começou de a chamar cuidando ser Alderiva. (Crônica do Imperador, João de Barros/ corpusdoportuguês.org)

(134)vez, tratando-se de safar um pobre diabo, que ficara entalado entre uma andorinha e uma parede - o nosso Borges arranjou um ponto de apoio, meteu os ombros contra a andorinha, e esta *virou e caiu* imediatamente para o lado oposto. E como estes, muitos outros fatos, verdadeiros ou não, corriam de boca em boca, a respeito do possante mestre de obras. (Filomena Borges, Aluísio de Azevedo/ corpusdoportugues.org)

Nas ocorrências (133) e (134), observa-se que são dois os processos oracionais, ou seja, as orações se relacionam umas com as outras e se interligam num período através dos mecanismos coordenativos. São, portanto, codificados dois eventos na coordenação.

Em (135), temos os verbos *vir* e *virar* em seu uso serial, os quais codificam um único evento ou uma única ação.

(135) Eu não sei! Eu sei que ele apanhou, assim, aí saiu. eu só vi cabelo. Aí eu *virei, falei*: "o quê que foi doutor?" Ele falou: "foi menino." Que ela já nasceu já gritando, que ela estava passando a hora de nascer. (J-06)

Nos trechos apresentados, a construção serializada não constitui dois eventos diferentes, já que V1 não representa um estado de coisas, ou atitudes proposicionais. Temos desta forma, um evento codificado:

Aí eu virei, falei = eu falei

A alteração de sentido aponta para a abstratização e a pragmatização do significado, uma vez que a realização da sentença é aceitável pelos falantes da língua portuguesa.

O uso dessas formas alternantes quanto a sua variabilidade sintática reflete na categorização sintática assumido por V1 em estruturas serializadas. O que se percebe é que quando os verbos vir e virar participam de estruturas serializadas em língua escrita, codificam dois eventos, como mostrado em (137) e (138). Na língua oral, esse uso pode tanto permanecer com traços de verbo pleno, como em casos em que V1 deixa para trás o significado do verbo lexical.

Na definição do perfil sintático das estruturas serializadas encabeçadas por verbos vir e virar definidos como quase-seriais, convém destacar que essas categorias linguísticas se diferenciam de estruturas coordenadas, ainda que mantenham a parcialmente a mesma estrutura sintática, como podemos observar:

(136) mais uma dose, informando que não tinha dinheiro e queria tomar o aperitivo sem pagar/ não quis vender sem receber/ tendo o acusado resmungado um pouco/ deixou o interior do bar e ao chegar na porta **virou e desferiu** três tiros/” O motivo que deixou indignado o grupo presente no bar foi apresentado pela mesma testemunha: “(...) é desconhecido do depoente e a vítima é conhecida, não houve discussão entre vítima e acusado (homicídios na periferia de santo amaro um estudo sobre a sociabilidade e os arranjos de vida num cenário de exclusão, Maria Inês Caetano ferreira/ corpusdoportugues.br)

(137) Ferreira, Moraes, Osvaldo e Verdinho; Amaral, Flávio e André Adriano; César, Magrão e Angelo Beto. nbr-fol-4861## A água entrou em o compartimento de carros e desequilibrou a Estonia, que **virou e afundou**. A comissão disse que ainda é necessário explicar por que a porta dianteira se soltou. (Folha, 1994/corpusdoportugues.br)

(138) A casa tem pratos especiais, churrasco e almoço comercial. A noite, também sopas e canja da madrugada. # L*Eco de Itália # No domingo, homenageou Fausto Barzi, no quadro ' Como **Vim e Venci** ', patrocinado pela Tumelero. Por telefone, falou com Cirilo Dal Pizzol, da São Sebatião; Néilson Arisi, do Grupo Tamaco e Lóris Isatto, da Isatto Viagens e Turismo. Leu mensagem do Giácomo Severini (Recreação e Lazer/ corpusdoportugues)

(139)mas preciso muito que me faças um grande favor; manda chamar um padre. Eu quero casar-me contigo antes de morrer. - Tu não morrerás.. - Sim, mas manda chamá-lo.. O padre *veio e cumpriu-se* a cerimônia. Depois Violante exigiu que se lavrasse um documento assinado por ela, declarando o modo pelo qual morria. Ficou tudo feito. Era ela a que parecia menos aflita. (A Condessa Vésper, Aluísio Azevedo/corpusdoportugues.org)

(140)E com estas e outras palavras de consolação foi gastando a noite. Clarimundo depois que se ele partiu, começou de praticar com Carfel nas cousas que o mais deleitavam, ate que a manha *veio e fez* levantar a gente do castelo, e lançaram a ponte elevadiça por onde se serviam. (Crônica do Imperador Clarimundo, João de Barros/ corpusdoportugues.org.)

Nos aspectos sintagmáticos, observa-se que há em todas as ocorrências estruturas coordenadas, as quais são estabelecidas pelo sequenciamento de dois eventos, ações ou estado de coisas. Em (136) e (137), o verbo *vir* apresenta traço semântico de deslocamento espacial, uma vez que em (136) o referente, ao sair do bar, vira (move-se) e lança três tiros; em (137), tal como ocorre em (136), o verbo *virar* transmite noções semânticas de movimento, o carro virou e afundou. Da mesma maneira, as ocorrências (138), (139) (140), apresentam o verbo *vir* com traços de [+ movimento]. Em (138), tem-se a pressuposição de que alguém tenha se deslocado a um determinado lugar e vencido, conquistado o que esperava. Em (139), a espera pelo padre é confirmada pela sua vinda afim de realizar tal cerimônia. Em (140), com a chegada da manhã, as pessoas que residiam o castelo, levantaram-se.

Em estruturas encabeçadas pelos verbos *vir* e *virar*, embora definidas como estruturas coordenativas, o uso de V1 nessas estruturas apresenta-se mais desgastado se comparado a uma estrutura prototípica de coordenação. Observe as ocorrências abaixo:

(141)ele " - através do: - do: - cobrador - " diga pra ele que daqui mais ou menos uns quinze minutos chega noutra cidade - e eu paro o ônibus " - o cobrador *veio e disse* " olhe daqui mais um pouco terá outra parada " - e ele (rindo) disse que não agüentava - que ele parasse o ônibus de qualquer jeito - então - o chofer disse " mas não posso parar. (Linguagem Falada. Recife/corpusdoportugues.org)

(142)A minha filha *veio e falou* p mim: Pai, o senhor não larga esse livro, esquece a história, é? Eu falei: Não, filha, já dizia Jorge Luis Borges que cada ...
www.overmundo.com.br/banco/imaculada-e-fortunato-8-conto - 34k -

Nessas estruturas, o uso de *vir* e *virar* demonstram-se mais abstratizados, uma vez que somente através do contexto se é possível verificar se realmente a ação, expressa pelos verbos em análise, foi desenvolvida. Temos, portanto, o verbo *vir* com seu uso quase serial. Desta forma, os verbos quase seriais dependem do contexto para avaliar se a ação de *vir* ou *virar* é codificada, enquanto que em estruturas coordenadas não, este fato é visivelmente observado através dos verbos na sentença

Uma outra distinção que se faz importante sobre a caracterização dessas estruturas está no fato de que o uso do verbo *vir* e *virar* como verbo serial só aparecer em contextos de língua falada. Quando em estruturas com verbos quase seriais, além de fazer parte de contextos orais, são encontrados inúmeros casos na literatura. Em levantamento de dados identificados aleatoriamente por meio do mecanismo de busca do Google, evidencia-se o uso do verbo classificado neste trabalho como quase serial em textos escritos. Vejamos alguns registros escritos retirados do site:

(143)O próprio Criador, o Filho eterno, *veio e falou* de Deus em uma revelação plena e final.
www.palavraprudente.com.br/estudos/variosautores/micelanea/cap33.html - 58k

(144)Um dia eu estava lá sentada, quietinha, com a mão na escada, a minha tia *veio e falou* em espanhol: “Que haces, hija mia?”, quer dizer: “Que fazes,...
www.museudapessoa.com.br/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?

(145)Quando ele estava indo embora, *veio* no meu ouvido e *falou*: “Posso te falar uma coisa?... Outro dia um cara *veio e falou* pra mim que era de Porto Alegre,
vip.abril.uol.com.br/nova_vip/ensaios/sthefany_brito/entrevista.shtml - 32k –

(146)E o povo achou que como eu tinha uns cavaletes do Detran a coisa era toda Institucional, e todo mundo aplaudiu, e foram até perguntar pro curador da mostra e ele disse: É isso aí, claro.Mas o curador de Basquiat, o dono de Basquiat, *veio e falou* que a gente não podia intervir tanto assim;
<http://www.curtaocurta.com.br/jornal.php?c=244>

Nas ocorrências acima, é notado que o uso de *vir* mantém resquícios de traços semânticos [+movimento] e, assim, deslocamento no espaço. Assim sendo, na língua escrita, *vir* apresenta seu traço de verbo prototípico, porém num sentido mais abstratizado, através da inferência de termos que foram elididos.

A partir da delimitação de um determinado ponto no desenvolvimento de uma construção serializada pode levar esclarecimento de questões relativas sobre a sua origem, ao processo de mudança, aos tipos de verbos mais comumente encontrados na codificação das serializações, além de detectar os graus de integração semântico-sintático entre os verbos que compõem essas construções.

Assim sendo, os verbos seriais apresentam abstratização total de seu significado pleno, perdendo-se a noção de deslocamento ponto de partida > meta [+ movimento] no plano físico.

(147) Eles são muito mais gentis do que os que passam pela Avenida Conselheiro Aguiar, por exemplo. A maioria é fixo, sempre *vem e faz* programa com a gente. É claro que pode aparecer um estranho e nos agredir, mas a gente sabe se prevenir. No geral, eles já nos conhecem e nos tratam bem, pagando o que pedimos. (linguagem oral. Recife/ corpusdoportugues.org)

(148) Me separei do meu marido a 2 meses, há 2 semanas ficamos juntos, mas depois ele *veio e disse* que era melhor não ficarmos mais, gosto muito dele, temos um filho ...
br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070630183039AAbwNPi - 79k -

Mediante os diferentes processos serializados de codificação, o quadro abaixo abarca os tipos de construções serializadas existentes na língua portuguesa com os verbos vir e virar:

Verbos que sinalizam aspectos temporais →	VI carrega toda flexão de modo-temporal e número-pessoal: é considerado um verbo quase auxiliar
Exemplos	
<p>(149) eu insisto, insisto, ela fala- "quando eu falo-" Andréia! "Quando eu falo que não, é não." que nem na quadrilha. aí [o]- o moço <i>veio pedir</i> para mim ir dançar, não é? Ela falou que não, que não podia e no domingo eu dancei. Quando ela fala que pode, pode. quando ela fala que pode, não pode. Aí eu pego e fico sentada no portão ou então eu entro. (C-57)</p>	
<p>(150) A Mãe colocou seu filho de 04 anos na piscina de bolinhas do MC na Nove de Julho, porém passado algum tempo a criança <i>veio chorando</i> dizendo que um bichinho... www.quatrocantos.com/LENDAS/192 cobra na piscina.htm</p>	

Verbos atuantes em estruturas coordenadas¹¹→	VI começa a apresentar traços de abstratização, uma vez que não vem mais acompanhado pelo complemento circunstancial.
Exemplos	
<p>(151) Eu duvidava.. sorriste, Já no amar tenho fé. A fronte que ardia em brasas A seus delírios pôs fim Sentindo o roçar das asas, O sopro dum querubim. Um anjo veio e deu vida ao peito de amores nu: Minh ' alma agora remida Adora o anjo - que és tu! (As Primaveras, Casimiro de Abreu/ corpusdoportugues.org)</p>	
<p>(152) A onça veio e pegou um pequeno, veio pegou outro. Aí sobrou um. Ela veio de novo e pegou a outra, depois foi a mãe. Arrombou e entrou. Tem um mês". ... eptv.globo.com/terradagente/terradagente_interna.asp?162407 - 28k</p>	

Verbos quase- seriais →	VI apresenta um maior grau de abstratização se comparado a estruturas coordenadas. A codificação da ação de V1 só se torna possível através do contexto.
Exemplos	
<p>(153) ele " - através do: - do: - cobrador - " diga pra ele que daqui mais ou menos uns quinze minutos chega noutra cidade - e eu paro o ônibus " - o cobrador veio e disse " olhe daqui mais um pouco terá outra parada " - e ele (rindo) disse que não agüentava - que ele parasse o ônibus de qualquer jeito - então - o chofer disse " mas não posso parar. (Linguagem Falada. Recife/corpusdoportugues.org)</p>	
<p>(154) A minha filha veio e falou p mim: Pai, o senhor não larga esse livro, esquece a</p>	

¹¹ Estes tipos de estruturas não foram encontradas nos corpus PEUL e NURC/SP. Por este motivo, não há padrão funcional com Vir em estruturas coordenadas no Capítulo II.

história, é? Eu falei: Não, filha, já dizia Jorge Luis Borges que cada ...
www.overmundo.com.br/banco/imaculada-e-fortunato-8-conto - 34k -

Verbos Seriais →	VI apresenta-se totalmente abstratizado. Nestas situações não há mais resquícios dos traços semânticos de verbo pleno.
Exemplos	
<p>(155) Eles são muito mais gentis do que os que passam pela Avenida Conselheiro Aguiar, por exemplo. A maioria é fixo, sempre <i>vem e faz</i> programa com a gente. É claro que pode aparecer um estranho e nos agredir, mas a gente sabe se prevenir. No geral, eles já nos conhecem e nos tratam bem, pagando o que pedimos. (linguagem oral. Recife/corpusdoportugues.org)</p>	
<p>(156) Me separei do meu marido a 2 meses,há 2 semanas ficamos juntos,mas depois ele <i>veio e disse</i> que era melhor não ficarmos mais,gosto muito dele,temos um filho ... br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070630183039AAbwNPi - 79k -</p>	

Desta forma, portanto, verificamos que nem todos os usos de estruturas serializadas realizadas na língua portuguesa são definidos como construções com verbos seriais, mas que tais estruturas se diferenciam quanto ao processo expresso pelos verbos em análise e o tipo categorial que leva um verbo a ser definido sintaticamente como verbo serial.

3. Identificação dos verbos seriais *Vir* e *Virar* na Língua Portuguesa.

Na seção anterior, verificamos que nem todos os tipos de **serializações verbais** ocorridas no português do Brasil são estruturas com **verbos seriais**. Contudo, nem todas as estruturas que caracterizam as construções com verbos seriais com o verbo *vir* e *virar* na língua portuguesa são de fato estruturas seriais.

É possível que, por meio da reanálise em que atuaram a metáfora e a metonímia, um verbo pode ser reinterpretado, passando a ter um novo uso, o de verbo serial. Para isso, deve apresentar as seguintes características:

- Compartilhar argumento externo e flexões de modo, tempo, número e pessoa com V2.
- apresentar a sua base lexical semanticamente esvaziada.
- não contribuir com V2 no desenvolvimento da ação a ser desempenhada.
- V1 deve necessariamente aparecer em primeira posição na cláusula.
- a conjunção coordenada aditiva pode ou não aparecer como material interveniente entre V1 e V2.

Nos dados que se seguem, verificaremos que, embora as estruturas selecionadas apresentem estruturas similares às consideradas com verbos seriais, nem todas exibem verbos seriais de fato.

(157)"Ah! O Agostinho ("me") amassou minha boneca toda, pisou ("a") minha boneca, ("aí pronto.") Aí o papai me chamou. Eu já sabia que ia apanhar, não é? Não- ("Agostinho"), vem cá." Aí eu corri, não é? Ele *veio, correu* atrás de mim. (C-33)

(158)Quando a gente bota a água assim, encosta na água, aí, ele botou assim e falou assim: "ih, ah, chega aí. Vem ver um negócio. Aí, eu *vim, botei* a minha máscara, eu vi uma arraiazinha desse tamanho (gesto) assim. (riso) Com o maior ferrãozinho já assim e os garotinho brincando pertinho, aí. Aí, eu fiquei até- aí, eu bati assim, espantei o bicho, sabe? (L-38)

Em (157), temos *vir* como verbo serial, uma vez que pela análise feita através do contexto, compreende-se que na medida em que a ação exercida pelo filho foi de correr (fugir do pai) para não apanhar, o pai, ao perceber a ação do filho, o persegue para repreendê-lo

O uso do verbo *vir* nessa situação indica que o pai tenha tomado alguma atitude, a de correr. Temos, então, nesse contexto, *vir* como verbo serial. Uma outra análise que emerge da mesma estrutura, é que o falante ao invés de dizer “ele *veio correu* atrás de mim”, poderia elaborar a seguinte estruturação sintática “ele *veio correndo* atrás de mim”. O que se percebe nessa alteração oracional é que o uso do verbo *vir*, embora em sentenças sintaticamente distintas, é dessemantizado.

Em nenhuma das estruturações, *vir* apresenta seu significado de verbo pleno, ocorrendo, portanto, a descrição de um único evento, uma vez que *vir* não participa da ação depreendida.

Em (158), o verbo *vir* compartilha com V2 flexão de tempo, modo, pessoa e número, mas mantém resquícios de traços semânticos de sua base lexical. Nessa situação, de acordo com o contexto, o uso de *vir* está relacionado ao deslocamento espacial do referente da ação codificada: sair de algum lugar até o local aonde a máscara se encontra. Outra ação também é codificada nesse tipo de serialização: colocar a máscara. Temos, assim, dois eventos codificados na estrutura serializada, portanto, V1 não assume caráter de verbo serial, mas sim de verbo quase-auxiliar.

O que se percebe é que o uso de *vir* nesses tipos de estruturas causa ambigüidade, por isso dependemos da análise contextual para a certificação do estatuto de tal verbo, uma vez que, em alguns contextos, *vir* ainda mantém seu sentido de verbo de movimento, que segundo Hopper, caracterizaria o princípio da persistência.

Com o verbo *virar*, as análises tornam-se mais fáceis quanto à identificação do verbo serial, embora, em algumas situações, tenhamos que recorrer ao contexto. Diferentemente de *vir*, que apresenta um estatuto gramatical de verbo quase-auxiliar, *virar* não se encaixa nessa categoria. Vejamos algumas ocorrências de *virar* em estruturas serializadas:

(159)...encontramos com médico baiano...nosso amigo...casado com uma prima da minha esposa...e ele ***virou e disse***:" que que você está tomando?" (inf. 252)

(160)eu não sei! eu sei que ele apanhou, assim, aí saiu. eu só vi cabelo. aí eu ***virei, falei***: "o quê que foi doutor?" ele falou: "foi menino." que ela já nasceu já gritando, que ela estava passando a hora de nascer. (j-06)

(161) foi quando Robinson se ***virou e disse*** pra mim: "eu estou sentindo", só aí caí na real, e percebi o quanto eu estava perto dele, a ponto dele sentir meu ...
www.robinsonmonteiro.com.br/relatos/relatos/relato_paola.htm - 8k -

O verbo *virar* tem seu estatuto serial explicitado quando não vem antecedido do pronome oblíquo. Com a presença desse elemento na sentença, *virar* transmite a idéia da ação desenrolada pelo seu referente. Já em *virar* serial, temos sempre uma mudança de turno discursivo.

Na seqüência de usos dos mesmos verbos em (162) e (163), é facilmente perceptível uma abstratização de um uso ao outro. Enquanto os primeiros são empregados num sentido mais abstrato, os segundos são empregados num sentido mais concreto, indicando ações, processos. Contrastando os diferentes usos expressos em V2, verificaremos se a reinterpretação textual determina se o uso de V1 continua abstratizado ou não. Em outras palavras, a partir dessa análise definiremos se os verbos *vir* e *virar* são verbos seriais:

(162)"Ah! O Agostinho ("me") amassou minha boneca toda, pisou ("a") minha boneca, ("aí pronto.") Aí o papai me chamou. Eu já sabia que ia apanhar, não é? Não- ("Agostinho"), vem cá." Aí eu corri, não é? Ele **veio, correu** atrás de mim. Eu fiz ele dar umas (rindo) cinco volta no quintal, não é? (risos) (f) A quintal ("tinha") cinquenta metro de fundos de fundos. Aí a minha mãe, quando eu passei, disse: "deixa ele te pegar, senão ele te mata, (rindo) quando ele te pegar." (C-33)

(163)Quando a gente bota a água assim, encosta na água, aí, ele botou assim e falou assim: "ih, ah, chega aí. Vem ver um negócio. Aí, eu **vim, botei** a minha máscara, eu vi uma arraiazinha desse tamanho (gesto) assim. (riso) Com o maior ferrãozinho já assim e os garotinho brincando pertinho, aí. Aí, eu fiquei até- aí, eu bati assim, espantei o bicho, sabe?

a- **ele veio correu**

ele veio disse

ele veio pegou

ele veio matou

ele veio achou

b- **aí, eu vim botei a minha máscara**

aí, eu vim joguei a minha máscara

aí, eu vim amassei a minha máscara

aí, eu vim procurei a minha máscara

aí, eu vim recortei a minha máscara

(164) Se tem um lugar no lustre o :: o lanterninha vem e acha que o camarada tem obrigação de sentar. (inf.186)

(165)Aí pegou, a minha tia entrou aqui dentro de casa, apanhou uma coberta, abafou ela correndo; e ela com aqueles fogo. Aí começou dar bolha, não é? Aí desceram com ela. Quando eu cheguei lá em baixo, lá no pé do morro para subir, encontrei com o irmão dessa comadre minha. Ele **virou falou** assim: (voz) "você sobe correndo que a sua mãe botou fogo no corpo!" (J-06)

c- **o lanterninha vem e acha**

O lanterninha vem e pega

d- **ela virou falou assim**

ela virou pensou assim

O lanterninha vem e corre	ela virou pegou assim
O lanterninha vem e ameaça	ela virou caiu assim
O lanterninha vem e diz	ela virou mordeu assim

Em (a), (c) e (d), V1 semanticamente deixa para trás traços que o identificam como verbo pleno, passando a configurar uma nova estruturação sintática. Em (b), V1, mesmo que ainda não seja mais caracterizado como verbo pleno, mantém traços de verbo de movimento: ponto de partida > meta [+ movimento].

Em suma, **verbos seriais** somente podem ser reconhecidos a partir do contexto discursivo-pragmático em que foi proferido. Tanto pode ser um **verbo serial** quanto um verbo **quase-serial**. Só o contexto é capaz de dizer. Ambos, contudo, independentemente do contexto em que são produzidos devem ser classificados como **estruturas serializadas**.

Considerações Finais.

No capítulo I, apresentei fundamentos teóricos ligados à Gramaticalização enquanto processo de mudança lingüística. Discuti a pertinência de se tratar de estágios de gramaticalização para verbos, mobilizando argumentos de autores que propuseram métodos e princípios para constatar a ocorrência do processo e, depois, apresentei alguns critérios defendidos como suficientes para medir o grau de gramaticalização de itens verbais, aliciados pelo processo de gramaticalização com vistas à implementação de funções mais gramaticais. Demonstrei que a recategorização de verbos pode exigir uma reanálise de outras estruturas implicadas nessa mudança.

No capítulo dois, cujo objetivo foi delinear o objeto de investigação científica, que é o processo de gramaticalização de verbos no Português do Brasil, elegi um par de verbos (*vir* e *virar*) que permitiria observar como esse processo de implementa. Como ponto de partida, procedi ao levantamento dos padrões funcionais desses verbos em língua falada e identifiquei, por meio de uma análise detalhada, os estágios propostos por Hopper e Heine.

Evidenciei que *virar* vem sempre acompanhado de verbos de elocução, compartilhando flexão de tempo, pessoa, número e modo com V2 e é uma exigência do próprio gênero em que é integrado como forma de dar movimento às ações representadas. Esses elementos foram lidos à luz de seu emprego em situação real de uso, permitindo afirmar que o processo de mudança implementados em verbos revela-se como efeito de situações comunicativas que envolvem ao menos dois interlocutores que se conhecem em graus distintos quanto às informações da bagagem pragmática de cada um.

De acordo com a análise desenvolvida, verifiquei que além de não haver uma classificação coerente conforme os estágios de gramaticalização de verbos propostos por Heine, há ainda autores, como Rodrigues (2006), que não admitem a existência de verbos seriais na língua portuguesa e aqueles, como Pal (2005), que defendem que o uso de tais estruturas sejam frutos da interferência de contato lingüístico com africanos. Demonstrei, contudo, que a formação das

estruturas com verbos quase-seriais e seriais na língua portuguesa são resultantes de um processo de apagamento lexical utilizado pelos falantes da língua como forma de economizar informação e, assim, tornar o diálogo mais dinâmico, rápido e eficaz.

Os dados permitiram verificar que o uso da elisão na língua provoca, através da rotinização das formas verbais analisadas neste trabalho, a total abstratização de *vir* e *virar*, sendo, assim, classificado como um caso de verbos seriais.

Um ponto alto das discussões remete à direção da mudança assumida pelos itens sob análise. Pelos estudos realizados, verifica-se que há a hipótese de que se tenha originado novos usos a partir do item-fonte, implicando derivação unidirecional, mas também é possível notar que os domínios ocorrem simultaneamente, tal como prega a corrente multissistêmica da gramaticalização.

No capítulo 3, resenhei criticamente os estudos sobre serialização verbal em línguas estrangeiras e, na seqüência, analisei o estatuto de locuções verbais, tempos compostos e perífrases nas gramáticas normativas e em dois estudos descritivos empreendidos por lingüistas. Esse foi o caminho adotado para demonstrar as implicações da gramaticalização de verbos para o sistema gramatical das línguas e para a confusão de rótulos existentes na descrição das línguas em geral.

Ficou evidente que há confusões de entendimento a respeito do que sejam os as serializações verbais. Para a maioria dos autores consultados, não há diferença clara de rótulo entre **serialização verbal** e **verbo serial**, ainda que sejam objetos de investigação bastante diversos.

No que tange ao Português do Brasil, esse tipo de estudo ainda permanece pouco explorado, pois tais ocorrências na língua são caracterizadas, pela maior parte dos gramáticos, como um caso de *locução verbal*. Há, no entanto, os trabalhos de Pal (2005) e Rodrigues (2006), que tratam de *construções serializadas* no Português do Brasil, mas esses também refletem uma discussão delicada no meio lingüístico ou por situarem a discussão no âmbito de línguas de

comunidade quilombolas ou por negarem o processo universal de gramaticalização de verbos seriais.

No capítulo 4, destaquei as motivações e os critérios assumidos para avaliação de estruturas serializadas de modo a discernir **serialização** de **verbos seriais**. Mostrei que **verbos seriais** somente podem ser reconhecidos a partir do contexto discursivo-pragmático em que foi proferido. Tanto pode ser um **verbo serial** quanto um verbo **quase-serial**. Só o contexto é capaz de dizer. Ambos, contudo, independentemente do contexto em que são produzidos devem ser classificados como **estruturas serializadas**.

Em suma, se retomarmos os trabalhos de Goddard (1988), Givón (1991), Lord (1993), dentre outros estudos referentes nesta dissertação, teremos em mãos as evidências necessárias de que as construções com verbos seriais constituem um grupo de construções, observados em línguas diversas, divergentes, no que se refere às propriedades sintático-semântica detectadas em cada língua.

Por essa razão, a expressão *verbo serial* nem sempre é encarada como uma categoria sintática, mas, muitas vezes, como um processo de verbos seqüenciais que apresente uma característica equivalente àquilo que se é considerado como serial por alguns autores.

Sob o enfoque da análise descritiva, destaco as seguintes contribuições desta dissertação: i. o reconhecimento dos padrões funcionais dos verbos *vir* e *virar* no português; ii. o reconhecimento do nível pragmático como distintor de estatuto sintático verbal; iii. a discriminação de critérios formais para estágios de gramaticalização de verbos seriais a partir de estruturas serializadas; iv. a checagem de estágios de gramaticalização com dados reais; v. a testagem da teoria da gramaticalização a partir de rotas distintas de desenvolvimento: unilinear, unidirecional e multidirecional.

Bibliografia

AIKHENVALD, Alexandra Y. **Tariana Texts and Cultural Context**. Munique: Lincom Europa, 1999.

AUSTIN, Peter. **Complex Sentence Constructions in Australian Languages**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1988.

BARROSO, P. H. O. **A interface entre Gramaticalização e Gêneros do Discurso: o verbo BUSCAR no Português brasileiro culto**. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – USP.

BRANDÃO, Claudio. **O Particípio Presente e o Gerúndio em Português**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1933.

_____. **Sintaxe Clássica Portuguesa**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1933.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BYRNE, Francis. *Approaches to “Missing” internal (and external) arguments in Serial Structura*. In: BYRNE, Francis; HUEBNER, Thom. *Development and Structures of Creole Languages*. John Benjamins Company, 1991.

BYBEE, Joan; Revedere, D. Perkins; Pagliuca, William. **The Gramaticalization of Tense, Aspect and Modality in languages oh the World**. Typescript Albuquerque, University of the New Mexico, 1991.

CÂMARA Jr. e MATTOSO, Joaquim. **Princípios de Lingüística Geral**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1964.

CARDOSO, Adriana & PEREIRA, Susana. **Contributos para o Estudo da Emergência do Tempo Composto em Português**. *In*: Revista da ABRALIN, 2003.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1997.

_____. **A Língua Falada no Ensino de Português**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Proposta Funcionalista de Mudança Lingüística**: “Os Processos de lexicalização, Semanticização e Gramaticalização na Constituição das Línguas”, inédito (2003)

_____. **Abordagem da Língua como Sistema Complexo**: Contribuições para uma nova Lingüística Histórica, inédito (2003)

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUNHA, Celso. **Gramática moderna**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares, 1970.

_____. **Gramática do Português Contemporâneo**. 5ª ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1975.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DURIE, Mark.. “ **Grammatical Structures in Verb Serialization**”. *In*: A. Alsina Bresnan and P. Sella (eds). *Complex Predicates*. Stanford: SCLI Publications, Stanford University, 1997.

ESCURE, Geneviève. “**Serialization in Creole Oral Discourse**”. *In*: Byrne, Francis. *Development and Structures of Creole Languages*, Amsterdam: Benjamins, 1991.

FOLEY, William ; VAN VALIN, Robert. **Funcional Syntax and Universal Grammar**. Cambridge University, 1984.

GIVÓN, Talmy. **On Understanding Grammar**. New York: Academic Press, 1979.

_____. **Syntax: A Functional Typological Introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

_____. **Serial Verbs and Mental Reality of Event: Grammatical vs. Cognitive Packaging**. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs e HEINE, Bernd. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991.

GODDARD, Cliff. **Verb Serialization and Circumstantial Construction in Yakunytjatjara**. In: AUSTIN, Peter. *Complex Sentence Constructions in Australian Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, Modalidade Epistêmica e Evidencialidade: um estudo de caso no Português do Brasil**. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2003.

HEINE, Bernd. **Grammaticalization**. In: JOSEPH, B. e JANDA, R. D (orgs). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. **Auxiliares: Cognitive Forces and Grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 1993.

HEINE, B; C. ULRIKE e F. HUNNEMEYER. **From Cognition to Grammar: Evidence from African Languages**. In: TRAUGOTT e HEINE (eds). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

HOPPER, Paul J. **“On Some Principles of Grammaticalization”**. In: TRAUGOTT, Elizabeth. & HEINE, Bernd. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1991.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, A; VILLAR, S. M.; FRANCO, M.M.F. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors WE Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAWAL, Adenike. **The Yoruba Serial Verb Constructions: A Complex or Simple Sentence?** *In: MUFWENE, Salikoko and LIOBA, Moshi, Lioba eds. Topics in African Linguistics. Amsterdam: John Benjamins, 1993.*

LIMA-HERNANDES, M.C. **A interface sociolinguística/ gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como**. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2005.

LIMA-HERNANDES, M.C. et al. **Introdução à Gramaticalização**. São Paulo, 2007.

LORD, Carol. **Historical Change In Serial Verb Constructions**. Amsterdam: John Benjamins, 1993

MATTOS-e-SILVA, Rosa Virginia. **Estruturas Trecentistas: Elementos para uma Gramática do Português Arcaico**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1989.

NEVES, M. H. M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PAL, Dayane Cristina. “**Aí fui inu, fui inu, aí eu peguei arrumei uma casa no capoava lá**”. **Construções seriais em Português Brasileiro: estudo com dados da Comunidade negra de Pedro Cubas, Vale do Ribeira/ SP**. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – USP.

PAWLEY, Andrew & LANE, Jonathan. **From Event Sequence to Grammar: serial verb Constructions in Kalam**. *In: SIEWIERSKA, A. e SONG, J.J. (eds.) Case, Typology and Grammar. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/ Philadelphia, 1998.*

PONTES, Eunice. **Auxiliares em Português**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RIBEIRO, Julio. **Gramática Portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: Teixeira e Irmão, 1885.

ROCHA LIMA, C.H. **Gramática Normativa da língua Portuguesa**. 42ª ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 2002.

RODRIGUES, T. C. Angélica. **Eu fui e fiz essa tese: As Construções do tipo foi e fez no Português do Brasil**. Campinas, 2006. Dissertação (Doutorado em lingüística) – UNICAMP.

SAID ALI, Manoel. **Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Brasília. Ed. Da Universidade de Brasília, 1964.

SANTOS, Elaine Cristina Silva. **Gramaticalização de Verbos: o Verbo Esperar no Português Culto de São Paulo**. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - USP.

SEBBA, Mark. **The Ssyntax of Serial Verbs**. Amsterdam: John Benjamins, 1987.

SEUREN, Pieter A. M. **The definition of Serial Verbs**. *In: Development and Structures of Creole Languages*. Byrne, Francis, 1991.

SILVA NETO, Serafim da. **História da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro. Livros de Portugal, 1970.

SVOROU, Soteria. **The Grammar of Space**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1994.

SWEETSER, Eve . **"Grammaticalization and Semantic Bleaching"***In: Shelly Axmaker et al. (eds.) General Session and Parasession on Grammaticalization*. Berkeley: Berkeley Linguistic Society, 1988.

TRAUGOTT, E. C. e KONNIG, E. **The Semantics-Pragmatics of Grammaticalization Revisited.** *In:* TRAUGOTT, E. C e Heine, B. (eds). *Approaches to Grammaticalization* Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramaticalização de Verbos- Relatório de Pesquisa.** Rio Linguística, 2002.

WILLIAM, Pagliuca. **Perspectives on Grammaticalization.** *In:* BYBEE, Joan. *The Grammaticalization of Zero Arymetries in Tense and Aspect Systems.* Amsterdam: John Benjamins, 1994.